

REVISTA DA ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS

AFL ¹⁹¹⁷/₂₀₂₂


ANO 3 • Nº 8 • AGOSTO • 2022



EDIÇÃO COMEMORATIVA DOS 105 ANOS

ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS

Praça da República, nº 7

Centro – Niterói – RJ

CEP 24020-099

site: www.academiafluminensedeletras.com.br

e-mail: academiafluminensedeletras@gmail.com

Diretoria 2022/2024

Presidente: Márcia Maria de Jesus Pessanha

Vice-Presidente: Eduardo Antônio Klausner

1ª Secretária: Eneida Fortuna Barros

2ª Secretária: Lucia Maria Barbosa Romeu

1º Tesoureiro: Cleber Francisco Alves

2º Tesoureiro: Célio Erthal Rocha

Diretora de Acervo Documental e Bibliotecas:

Maria do Carmo Soares Cordeiro

A Revista Fluminense de Letras é publicação oficial da AFL em formato digital, com previsão de quatro edições por ano (além de eventuais edições extras). Ela tem por objetivo divulgar as atividades literárias, artísticas e científicas desenvolvidas pelo corpo acadêmico, além de artigos e trabalhos que contribuam para a difusão das finalidades desta mais que centenária instituição. Todos os textos são apreciados pelos membros do Conselho Editorial antes de sua publicação. As matérias assinadas são de inteira responsabilidade dos autores.

A Academia Fluminense de Letras agradece a todos os(as) acadêmicos(as) que ajudaram e ajudam a manter e divulgar suas finalidades, desde a fundação desta Casa de Amor à Cultura, Guardiã da Memória e da História.



REVISTA DA ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS

Diretoria de Redação

Márcia Maria Jesus Pessanha

Waldenir de Bragança

Comissão de Redação

Alba Helena Corrêa

Alcir Vicente Visela Chácar

Célio Erthal Rocha

Cleber Francisco Alves

Eduardo Antonio Klausner

Eneida Fortuna Barros

José Mauro Haddad

Jota Carino

Márcia Maria Jesus Pessanha

Maria do Carmo Soares Cordeiro

Matilde Carone Slaibi Conti

Neide Barros Rego

Regina Coeli Vieira da Silveira e Silva

Wainer da Silveira e Silva

Waldenir de Bragança

Revisão

Christiane Braga Victer

Projeto Gráfico

Cleide Villela Abib

Foto da Capa

Samuel de Oliveira Freitas

Stairway to heaven

1º lugar do Concurso de Fotografia da Academia Fluminense de Letras 2022

Créditos Editoriais

Christiane Braga Victer

Cleide Villela Abib

Publicação Ano 3 nº 8 agosto 2022

O conteúdo completo da Revista está disponível no site

www.academiafluminensedeletras.com.br/revistafluminensedeletras

Seu conteúdo é de propriedade exclusiva da Academia, não podendo ser reproduzido de nenhuma forma, em parte ou totalmente, sem autorização prévia por escrito da diretoria da instituição.

Distribuição gratuita / esta publicação não pode ser vendida ou comercializada



SUMÁRIO

105 Anos da Academia Fluminense de Letras 7
Márcia Pessanha
Agradecimentos 8

HOMENAGENS DE SAUDADE

Sávio Soares de Sousa

Na Esteira de Saudades do Decano Sávio Soares de Sousa 11

Márcia Pessanha

O Pioneiro Trovador 12

Waldenir de Bragança

A Partida do Canibal Arrependido 13

Erthal Rocha

Palavras de Uma Velha Amiga 14

Alba Helena Corrêa

Vai-se o Poeta 15

Jota Carino

Monsenhor Elídio Robaina

Reflexos da Imortalidade 17

Márcia Pessanha

Maestro de Almas e Mestre de Obras para Evangelizar 19

Waldenir de Bragança

Homenagem a Monsenhor Elídio Robaina 20

Alba Helena Corrêa

O Servo de Deus 21

Pinheiro Jr.

O Bom Pastor de São Domingos 22

Lúcia Romeu

ACADEMIA EM AÇÃO

Reabertura das Atividades Presenciais

Posse Solene da Nova Diretoria 24

Posse do Acadêmico Luiz Romeu 25

Presença da AFL na XV Jornada Cultural da FALERJ 26

Premiação do Concurso Fotográfico "Arquitetura Histórica de Niterói" 27

Celebração do 105º Aniversário 31

MEMÓRIA

Carlos Tortelly Rodrigues da Costa 39

Comissão de Redação

Waldenir de Bragança

Pedro Luís 42

Comissão de Redação

Erthal Rocha

Raja Gabaglia 44

Comissão de Redação

Eneida Fortuna Barros

Teixeira de Melo 46

Comissão de Redação

Márcia Pessanha

TEMPLO DA PALAVRA

Carta a Um Jovem Pré-Universitário 49

Luiz Felizardo Barroso

Doce Mel 51

Maria do Carmo Soares Cordeiro

Homenagem às Mães I 53

Eneida Fortuna Barros

Homenagem às Mães II 55

Lúcia Maria Barbosa Romeu

Homenagem às Mães III 56

Maria do Carmo Soares Cordeiro

Julgando o Julgamento 57

Nagib Slaibi Filho

Mediação 59

Matilde Carone Slaibi Conti

A Velha Tamarineira 62

Alba Helena Corrêa

Waldenir de Bragança Tem Carisma 63

Neide Barros Rêgo

NITERÓI HISTÓRIA E POESIA

As Festas Juninas e o Sincretismo de suas Origens 65

Márcia Pessanha

Reminiscências III – Centro de Niterói 66

Alba Helena Corrêa

OBRAS DOS ACADÊMICOS

O Verbo e a Lira – Marcelo Câmara 70

AUTORES DESTE NÚMERO 72

NOMINATA

Classe de Letras 77

Classe de Belas Artes 79

Classe de Ciências 80

Classe de Ciências Sociais 80

Membros Honorários 81



Vitrail de Formenti - sede da Academia Fluminense de Letras
Foto: Acadêmico Antônio Machado

105 ANOS DA ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS



MÁRCIA PESSANHA*

Presidente da Academia Fluminense de Letras
Acadêmica Titular da Cadeira nº 6

Sonhar é possível quando brilha a luz da esperança. Assim, no mês de julho celebramos o aniversário de 105 anos da AFL, “a nau capitânia, casa da cultura, templo da palavra e do saber”, expressões tão bem proferidas pelo ex-presidente, o ilustre Acadêmico Waldenir de Bragança, um exemplo de dedicação, de fé e de esperança, para que nossa instituição continue próspera e que bons ventos nos levem, com as bênçãos divinas, rumo a um futuro promissor.

Na cartografia literária fluminense, a AFL, com a edição de sua Revista, marca um significativo elo de comunicação com seus integrantes e a sociedade, mesmo que de forma digital, pois todos que acessarem seu site poderão conhecer e acompanhar um pouco de sua história e de suas atividades culturais. A Revista tem como objetivo dar visibilidade às composições dos acadêmicos, enriquecendo seu acervo literário, legado para as novas gerações.

Cumpramos ressaltar que os Membros Titulares das diversas Classes da AFL: Letras, Belas Artes, Ciências e Ciências Sociais devem zelar pelo culto às Letras, ao nosso idioma, honrar a instituição e homenagear seus patronos e antecessores, prestando-lhes as devidas honrarias, e desse modo manter a “imortalidade acadêmica”. Nesse sentido, na presente edição, nossa homenagem póstuma, o painel da saudade em louvor a dois grandes acadêmicos que se encantaram

recentemente: Sávio Soares de Sousa e Monsenhor Elídio Robaina. Saudades e gratidão pelo belo plantio que nos legaram com sua conduta, obras, ações e espírito de fraternal convívio acadêmico. Eros e Thánatos em constante duelo: um sopro de vida, um suspiro de despedida.

Mas celebremos agora o prazer de viver e comemorar os 105 anos de nossa AFL. Fundada em 1917 por um grupo de jovens intelectuais que desejavam fazer a Renascença Fluminense, promovendo a cultura, as ciências sociais e as artes, buscando a valorização do idioma e das letras nacionais. Com esses objetivos e enfrentando obstáculos, sem sede, mas com a persistência e a luz da esperança de seus fundadores, foi possível ver a realização de um sonho, pois em 1927 Feliciano Sodré promulgou a Lei nº 2.612/1927 dando uma sede à AFL. E em 1934, Ary Parreiras deu continuidade à construção do prédio, onde hoje se encontra nossa sede, na Praça da República, nº 7, Centro, Niterói. E pela Lei nº 7.588/2017 da Assembleia Legislativa/RJ foi reconhecida como Academia de Letras Oficial do Estado do Rio.

Temos muito o que comemorar e agradecer a todos que contribuíram para a escrita da história da AFL. Uma narrativa tecida com colaboração de seus presidentes e acadêmicos que nos antecederam e que estenderam as pontes para que continuássemos a travessia.

E, juntos, façamos um brinde à nossa centenária Academia!

Há beleza divina no aprendizado, assim como há beleza humana na tolerância. Aprender significa aceitar o postulado de que a vida não começou no meu nascimento; outros estiveram aqui antes de mim, e eu caminho em suas pegadas. Os livros que leio foram compostos por gerações de pais e filhos, mães e filhas, professores e discípulos. Eu sou a soma total de suas experiências e buscas - e você também é.
Elie Wiesel

* biografia dos autores nas págs. 72-75

AGRADECIMENTOS

A Comissão de Redação da Revista da Academia Fluminense de Letras agradece pela especial colaboração de:

- Acadêmico Antônio Machado (Classe de Belas Artes), cedendo fotos de sua autoria para abrilhantar mais este número de nossa Revista;
- Fotógrafo Murilo Lima, cedendo fotos de sua autoria para abrilhantar nossa Revista;
- Sr. Aldo Pessanha, cedendo fotos de sua autoria para abrilhantar a seção Academia e Ação;
- Acadêmico Célio Erthal Rocha (Classe de Letras), no artigo sobre a memória do Patrono da Cadeira nº 32 da Classe de Letras, Pedro Luís;
- Acadêmica Eneida Fortuna Barros (Classe de Letras), no artigo sobre a memória do Patrono da Cadeira nº 36 da Classe de Letras, Raja Gabaglia;
- Acadêmica Márcia Pessanha (Classe de Letras), no artigo sobre a memória do Patrono da Cadeira nº 43 da Classe de Letras, Teixeira de Melo;
- Acadêmico Waldenir de Bragança (Classe de Letras), no artigo sobre a memória do Acadêmico da Classe de Ciências Carlos Tortelly Rodrigues da Costa.



REVISTA AFL Nº 8 – NOVEMBRO 2022

O próximo número da Revista da Academia Fluminense de Letras está previsto para lançamento em novembro de 2022 – Edição Comemorativa do Dia Nacional da Cultura.

Aguardamos as significativas colaborações dos Acadêmicos e Acadêmicas. Reiteramos a prioridade para os trabalhos ressaltando a memória dos Patronos e antecessores, mas lembramos que a Revista conta também com seções destinadas a trabalhos literários sobre temas gerais (Templo da Palavra), sobre fatos históricos e atualidades referentes à cidade de Niterói (Niterói, História e Poesia) e informes sobre as obras dos Acadêmicos.

Fiquem atentos à data final para a remessa dos artigos, 10 de outubro. O respeito ao prazo é importante para que a revisão, diagramação e pesquisa de imagens sejam realizadas da melhor forma possível. Textos para o e-mail revista.afl.2020@gmail.com

HOMENAGENS DE SAUDADES



SÁVIO SOARES DE SOUSA
1924-2022

2º Ocupante da Cadeira nº 26
Patrono Lúcio Mendonça
Classe de Letras

*Quando a vida me arrocha, impertinente,
e sitia as muralhas do meu siso,
ligo o computador, me virtualizo
e, na asa da internet, sigo em frente.*

*Mãos no teclado, rápido e indiviso,
redigito o meu ser inteligente
e, astronauta de um orbe inexistente
nas cabriolas que traço, então deslizo.*

*Compelido a girar, não me governo
Já não sei distinguir o céu, do inferno,
nem adivinho as dimensões que invado.*

*E, ao premir os botões do devaneio,
metafisicamente frio e feio.
Sou apenas um texto inacabado.*

Sávio Soares de Sousa, 12 de janeiro de 2013

NA ESTEIRA DE SAUDADES DO DECANO SÁVIO SOARES DE SOUSA

MÁRCIA PESSANHA*

Presidente da Academia Fluminense de Letras
Acadêmica Titular da Cadeira nº 6
Classe de Letras

“Grande no homem é ser uma ponte e não um ponto final”. Com essa frase de Nietzsche, iniciamos nossa homenagem póstuma ao Acadêmico Sávio Soares de Sousa, decano da Academia Fluminense de Letras, Membro Titular da Academia Niteroiense de Letras e várias outras instituições culturais, falecido hoje – 25 de maio de 2022.

Ausência muito sentida, mas não podemos considerar sua morte como um ponto final. Estamos todos de passagem. E Sávio Soares parte deixando marcas de sua trajetória gloriosa, nos vários espaços bem vividos, quer como procurador, escritor, jornalista, trovador e muito mais... Seu currículo é muito extenso.

Nascido em Niterói, no dia 18 de setembro



Pronunciamento do Acadêmico Sávio
Soares de Sousa na AFL
Foto: Ulisses Franceschi

de 1924, sempre foi uma ponte a unir os amigos com sua generosidade, sua lucidez, sua conversa plena de sabedoria e de bom humor. O próprio nome Sávio já contém o sábio.

E se “a memória é um grande muro de fotografias, onde consagramos determinado espaço a cada criatura querida”, segundo Humberto de Campos, a fotografia de Sávio, além de ser fixada no Quadro dos Imortais das Academias de Letras, ficará para sempre gravada em nossa memória afetiva.

E quando setembro chegar, ocasião em que Sávio completaria 98 anos, com a chegada da primavera e os campos floridos, podemos saudá-lo com os versos de outro saudoso acadêmico, Júlio Cezar Vanni:

(...)
Agora, lá no infinito,
onde tudo é mais bonito,
vão mostrar os versos seus
e encantar com os seus cantos
todos os anjos, todos os santos
e até o próprio Deus!...



Acadêmicos Sávio Soares de Sousa e Márcia Pessanha na
Academia Niteroiense de Letras

Foto: Alberto Araújo, Focus Portal Cultural

* biografia dos autores nas págs. 72-75

O PIONEIRO TROVADOR

WALDENIR DE BRAGANÇA*
Acadêmico Titular da Cadeira nº 29
Classe de Letras

O querido, ilustre e admirável trovador Sávio Soares de Sousa seguiu luminosa trajetória na literatura e em especial, na arte poética. Ingressou em 1963 na Academia Fluminense de Letras, onde por muitos anos foi decano, integrou a Academia Niteroiense de Letras e outras instituições culturais congêneres. Essa arte o impregnou e impulsionou para viver a essência íntima da poesia, desde a infância.

Recebeu a exemplar influência do pai trovador Osvaldo Soares de Sousa, para a sua caminhada no mundo dos versos. Participou dos primeiros movimentos literários, com sua inteligência, sensibilidade e invulgar cultura, mantendo a grandeza da simplicidade. Criou, com seu espírito associativo, com outros idealistas, o Grêmio Literário Humberto de Campos e o Clube de Poesia de Niterói, e participou do Grêmio Brasileiro de Trovas, em 1966. Foi um dos fundadores da UNIÃO BRASILEIRA DE TROVADORES, ao lado do imortal trovador LUIZ OTÁVIO, pseudônimo de Gilson de Castro, o grande e eterno líder dessa UNIÃO, ao fazer todos irmãos!

O histórico evento cultural se expandiu com trovadores de todo o território nacional. O fato marcante ocorreu no Museu Antônio Parreiras, em Niterói, onde se encontraram Sávio com o entusiástico líder Luiz Otávio e os acadêmicos

Lyad de Almeida, Albertina Fortuna, Jacy Pacheco e outros poetas idealistas, para efetivamente criar a UBT.

Sávio Soares de Sousa, pioneiro, perseverante, com vigor intelectual e generoso coração, foi legítima expressão sentimental do gênero poético que exala o perfume da Rosa Rubra, símbolo da UBT – vicejando com suas incontáveis belas trovas diuturnamente elaboradas e, ultimamente, com as suas SAVIANAS, difundidas para nos brindar através das redes sociais da internet.

Assim, influenciou e ensinou a arte lírica com exposições orais e preciosa produção trovadoresca, como nos livros *Rapsódia para a Sanfona* e *Argumento do Trovador*, entre outros. As primorosas trovas e excelentes sonetos transbordaram o seu amor para o universo. São antológicos e emolduráveis para permanecerem para sempre, ao revelarem os mais elevados sentimentos humanos.

A UBT-Niterói, que hoje tenho a honra de presidir, o homenageou com o título de Presidente de Honra. Eis uma pepita dourada do nosso pioneiro iluminado aos 96 anos, alimentado pelo espírito poético:

*Viva a UBT sempre nova
sob um céu da cor do anil,
renascendo a cada trova
de um trovador no Brasil!*

Jornalista e crítico literário, foi ainda autor de inspiradíssimos ensaios, discursos e crônicas, que reuniu em livros ou publicou nos jornais e revistas com os quais colaborou.

Meu coração sofre com a sua partida, após uma longa caminhada de fraterníssima irmandade. Obrigado, muito obrigado meu querido Sávio Soares de Sousa, que foi amante da trova e para ela nasceu, envolvido na poesia – e por ela, é imortal.

*Homenagem conjunta da UBT-Niterói
e da UNIVERTI pelo Centenário da
Academia Fluminense de Letras - Sávio
Soares de Sousa e Waldenir de Bragança,
tendo ao fundo Mirtes Pessanha,
Aurenita Martins Caldas e Alba Corrêa
Foto: Adhemir Rebello*



A PARTIDA DO CANIBAL ARREPENDIDO

CÉLIO ERTHAL ROCHA*
*Acadêmico Titular da Cadeira nº 27
Classe de Letras*

Sávio Soares de Sousa foi jornalista, advogado, procurador de Justiça, escritor, poeta, tradutor e acadêmico, excelente em todos esses misteres – e exemplo do viver na plenitude todas as etapas da existência, produzindo desde a adolescência até o final de sua caminhada na terra.

Quando cheguei a Niterói, vindo de Bom Jardim diretamente para o Colégio Brasil, de saudosa memória, Sávio lá já se encontrava. Tive oportunidade de participar do Grêmio Literário Humberto de Campos, por ele fundado em 1944, com Geir Campos, Aurélio Zaluar e outros jovens aspirantes à literatura.

Juntos criamos, em 1947, o Clube Fluminense de Cinema, que funcionava na antiga sede da Associação Médica Fluminense, na Praça da República. Sávio, que possuía um projetor portátil, era presidente, e eu secretário. Ali organizávamos a exibição de filmes relevantes e convidávamos personalidades do mundo do cinema para palestras e entrevistas. Tivemos, inclusive, a satisfação de receber para uma palestra o jovem cineasta Nelson Pereira dos Santos, que se tornaria famoso mais tarde com seu *Rio 40º*, pioneiro do cinema novo brasileiro.

Sávio seguiria para a Faculdade de Direito de Niterói (UFF), onde se formou em 1947. Ao mesmo tempo em que seguia a carreira no Direito, no entanto, ingressando no Ministério Público em 1960, manteve-se fiel também à vocação para as Letras, colaborando em vários jornais e revistas no decorrer dos anos (como *O Estado*, *Diário do Povo* e *Letras Fluminenses*) e publicando vários livros. Notabilizou-se, especialmente, como responsável pelo caderno literário *Prosa e Verso*, editado em *O FLUMINENSE* de 1962 a 1972, em parceria com

Marcos Almir Madeira.

Certa vez, disse: “Não faço literatura. Faço jornalismo, desde a adolescência”. A assertiva contradiz a extensa relação de suas obras, entre as quais destaco *Um Canibal Arrependido* (Traço e Photo, 2006), em que se retrata ao ocupar uma cadeira na Academia Fluminense de Letras, após ter desdenhado por muito tempo das academias literárias. Verbete da Enciclopédia Delta-Larousse, nos últimos anos, além de decano da AFL, era membro das Academias Niteroiense, Itaboraiense e Gonçalense de Letras, da União Brasileira de Trovadores (da qual foi um dos fundadores), da Associação Internacional de Escritores e Artistas, do Instituto Latino-Americano de Cultura, entre outras entidades.

Fui honrado por Sávio, que em 2013 gentilmente aceitou a prefaciá-lo meu primeiro livro: *Jornalismo, Política e Outras Paragens*. No mesmo ano, nos brindou com *Ensaio de minha douta ignorância* (Escritores ao Ar Livro), coletânea de



*Acadêmicos Sávio Soares de Sousa e Célio Erthal Rocha
Foto: Ulisses Franceschi*

críticas literárias, em edição restrita, coordenada por Paulo Roberto Cecchetti, disputada por todos que apreciam seu imenso talento. Ali expressou brilhantes conceitos sobre grandes obras e autores da literatura, como *Madame Bovary*, Machado de Assis, Garcia Lorca – este último um de seus poetas preferidos, do qual inclusive traduziu dois poemas, publicados em seu livro *Mundo número dois* (Hipocampo, 1955).

Muito mais há para se descobrir no universo dos escritos de Sávio sobre os grandes nomes e obras da Literatura. Em suma, prestaria relevante

* biografia dos autores nas págs. 72-75

serviço à cultura fluminense a editora que se dispusesse a publicar nova edição de *Ensaio de minha douda ignorância*, obra para ser lida, relida e guardada.

Foi ele, meu velho colega de escola, quem muito me honrou ao proferir a saudação na minha solenidade de posse na Academia Fluminense de Letras, em 2015, com carinhosas palavras recordando nossos longos anos de amizade e interesses em comum – o Jornalismo, o Direito, a Literatura, o Cinema...

PALAVRAS DE UMA VELHA AMIGA

ALBA HELENA CORRÊA*
*Acadêmica Titular da Cadeira nº 13
Classe de Letras*

Ainda sob a emoção da partida do meu querido amigo, meu "irmão de sonhos", Sávio Soares de Sousa, para o plano celestial, relembro nossa convivência tão prazerosa! Tínhamos muitas afinidades: o espírito poético nos unia fraternalmente. Essas trocas de ideias convergiam sempre para a poesia e acabávamos declamando nossas trovas, nossos sonetos, um para o outro: era um recital a dois corações!

Que belo e diferente é o diálogo entre poetas! Na condição de "aprendiz", para mim, ele

*Acadêmicos Alba Helena Corrêa e Sávio Soares de Sousa
Foto: Alberto Araújo, Focus Portal Cultural*



Em 25 de maio deste ano de 2022 Sávio Soares de Sousa partiu para o outro plano da existência, junto ao Criador. Ao partir fica a sua memória, o seu exemplo, os seus gestos, a sua amabilidade, a sua lembrança inesquecível.

Os bons como Sávio têm um lugar garantido e privilegiado junto à Deus. Descanse em paz meu amigo, meu irmão, meu inolvidável colega do Colégio Brasil.

era o mestre, possuidor de notório saber. Como pesquisador, era notável, perfeito! Eu absorvia os conhecimentos que ele transmitia nas pesquisas publicadas pela Revista *Bali*, de Itaocara, sob o comando do saudoso acadêmico Kleber Leite.

Tudo que Sávio escrevia tinha um sabor especial e o segredo dessa magia encantatória, era o amor. Tudo que é feito com amor transcende o tempo! Sávio é, de fato, IMORTAL, pela missão que cumpriu aqui na Terra, pela obra admirável que aqui deixou. Lá no céu, deve estar deliciando os anjos com suas poesias! Termino com um soneto que lhe ofereci em 2013:

ESBOÇO DE UM RETRATO DE SÁVIO SOARES DE SOUSA

Alma nobre, gentil, um ser Iluminado!
Trouxe consigo um dom que soube enriquecer:
poeta, prosador, nasceu predestinado
a ser batalhador na luta do saber.

Grande pesquisador, vivaz, muito inspirado
Das letras, um cultor que, sem esmorecer,
elevou seu talento a nível alcandorado,
humilde e cordial, no seu jeito de ser.

Sincero, homem de fé, um bem-aventurado.
Professor, jornalista, orador, advogado,
da vida cultural tornou-se um defensor.

Esse gênio criador, na prosa e na poesia,
chega ao pódio feliz e com soberania:
e bem mais que "Intelectual do Ano": é um
VENCEDOR!

* *biografia dos autores nas págs. 72-75*

VAI-SE O POETA

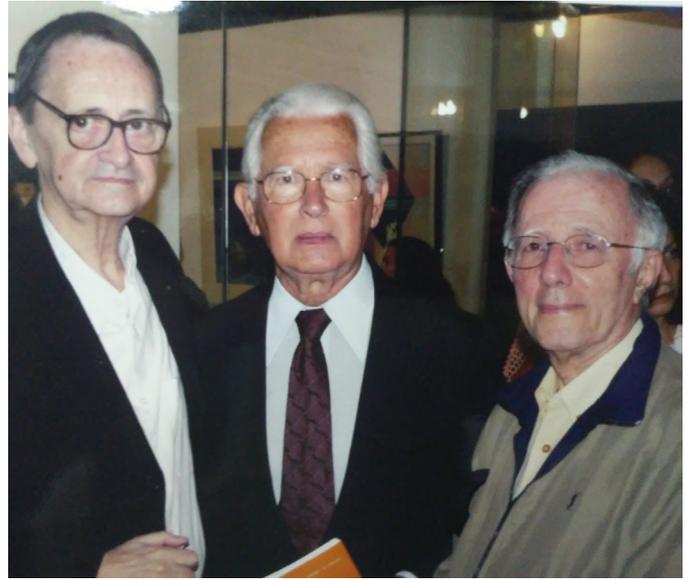
JOTA CARINO*
*Acadêmico Titular da Cadeira nº 20
Classe de Letras*

Quando um poeta deixa nosso mundo,
faz-se um silêncio, preto de saudade.
Surge um abismo por demais profundo,
e mergulhamos numa orfandade.

Mas o poeta nos deixa uma luz
iluminando este nosso mundo.
A poesia fica como um guia,
tornando nosso olhar bem mais fecundo.

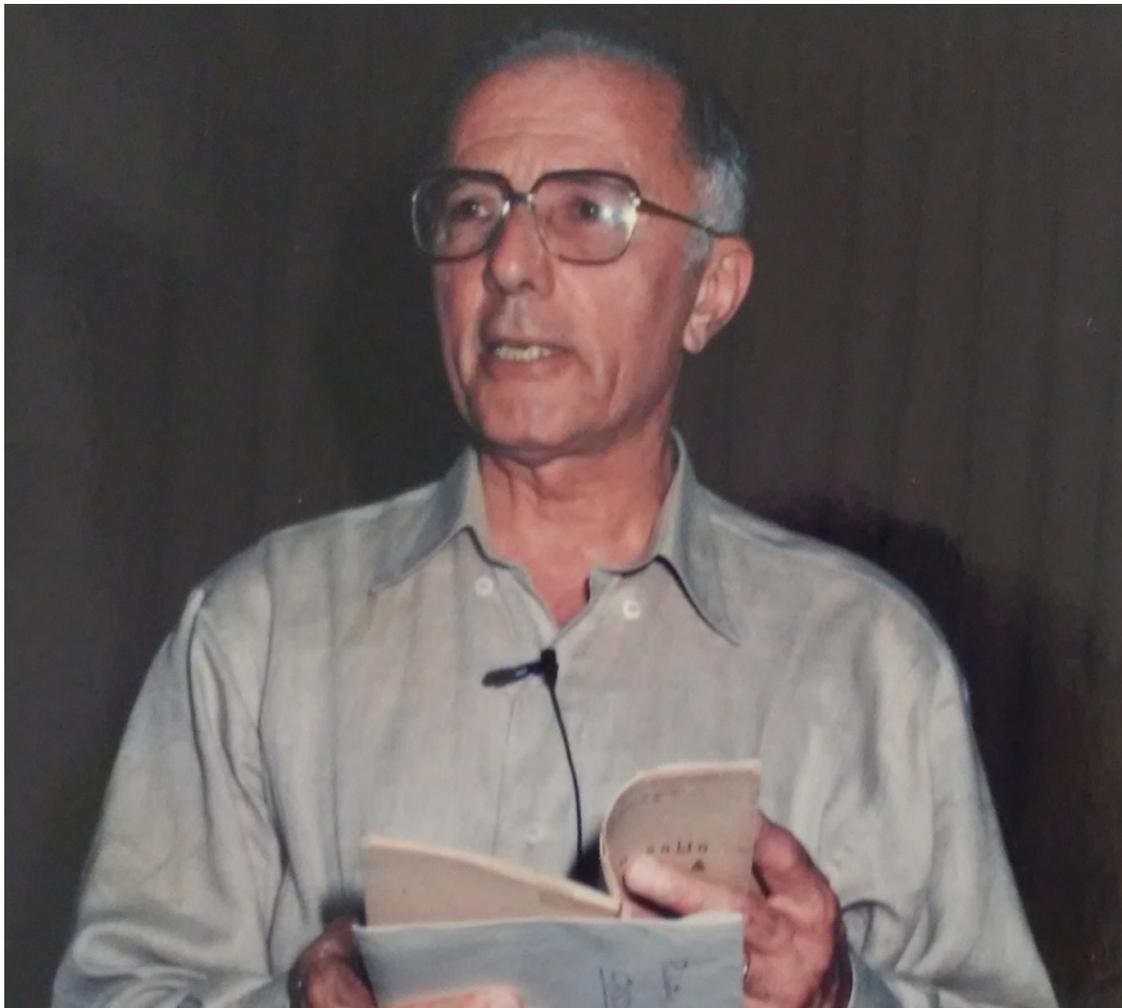
Adeus, poeta, receba a gratidão
pela verdade e beleza da poesia,
semeadas em nosso coração,

com esmero, no seu dia a dia.
Sávio, sábio, com sua canção
o abraçaremos de novo algum dia.



*Miguel Coelho (ilustrador da capa de um dos seus livros), Edmo Lutterbach e Sávio Soares de Souza
Fonte: Arquivo pessoal*

*Lendo um poema - Sávio Soares de Souza
Fonte: Arquivo pessoal*



* *biografia dos autores nas págs. 72-75*



ELÍDIO ROBAINA
1932-2022

4º Ocupante da Cadeira nº 21
Patrono Francisco de Lemos (Bispo)
Classe de Letras

SEGUNDA LEITURA (1 Jo 4, 7-10)

COM- *Vamos ouvir, de João, / a carta em que ele nos chama
para amar o nosso irmão /assim como Deus nos ama.*

LEITOR - Leitura da Primeira Carta de São João
capitulo 4, versiculos 7a 10:

*Queridos amigos meus: / amemo-nos mutuamente,
porque o amor vem de Deus, /para alegria da gente.*

*Quem ama de Deus e filho, / conhece o Pal Criador;
quem ama reflete o brilho / de Deus, porque Deus é amor.*

*Foi assim que Deus mostrou / o quanto é capaz de amar-nos:
seu próprio Filho mandou /ao mundo para salvar-nos.*

*O amor, amigos, é isto: / - antes de o termos amado,
Deus nos deu seu Filho, o Cristo, / que nos livrou do pecado*

- PALAVRA DO SENHOR

AS - GRAÇAS A DEUS!

Trecho da Missa em Trovas, de autoria de Antônio Augusto de Assis,
celebrada anualmente pelo Monsenhor Elídio Robaina durante os Jogos Florais

REFLEXOS DA IMORTALIDADE

MÁRCIA PESSANHA*

*Presidente da Academia Fluminense de Letras
Acadêmica Titular da Cadeira nº 6
Classe de Letras*

Monsenhor Elídio Robaina tornou-se imortal em nossa memória afetiva e na história de Niterói pela prática de suas boas ações. Verdadeiro espírito franciscano, despido de vaidades, fazia de sua vida sacerdotal um exemplo de altruísmo, abnegação e amor ao próximo, como pregava o Evangelho. Ser iluminado, deixou rastros de sua luz por onde passava. Podemos até dizer que ele já nasceu predestinado a ser um arauto da fé. Veio ao mundo em 1932, no mês destinado à Virgem Maria, maio. E foi no dia 15, que naquele ano coincidiu com Domingo de Pentecostes e dia de Santo Isidro. Seus pais católicos Eduardo Robaina e Maria Rosa Robaina, em homenagem ao santo protetor da lavoura, deram-lhe o nome de Isidro, mas por falha do cartório ele foi registrado como Elídio.

Vários elementos epifânicos no nascimento do Monsenhor Elídio revelam que ele era um ser iluminado, abençoado: domingo de Pentecostes, descida do espírito santo, luz divina, mês de Maria, dia de Santo Isidro. E ele nasceu na fazenda Bela Aurora a 2 km de Carabussu, em Campos

dos Goytacazes. Aurora, luz do amanhecer. Brilho do céu, da terra e luzes divinas celebrando o nascimento do menino Elídio.

Desde cedo, demonstrou vocação para o sacerdócio e foi muito estimulado por seu tio Totonho que lhe deu uns santinhos de papel de Santo Isidro e uma efígie de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que se tornou sua santa protetora.

Na infância, ele trabalhou na fazenda, ajudando seus pais. Estudou com sacrifício, pois a escola ficava distante de sua residência, mas com esforço venceu os obstáculos e ingressou na vida sacerdotal.

Em 1964 foi ordenado pelo arcebispo de Niterói, Dom Antônio de Almeida Moraes Júnior, na Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora – Salesianos, e catorze anos depois tornou-se vigário-chefe da Arquidiocese de Niterói, em 1978. Foi também vice-reitor do Seminário São José.

Semeador do bem, deixava sementes por onde passava, que floresciam em igrejas construídas, outras restauradas e muito mais... Na Ilha da Conceição onde foi capelão, construiu

Os Acadêmicos Waldenir de Bragança e Márcia Pessanha dão posse ao Monsenhor Elídio Robaina como titular da Classe de Letras, 15/09/2016

Foto: Murilo Lima





a primeira das nove igrejas feitas por ele, a Nossa Senhora da Conceição. Além das obras de catequese, Monsenhor Elídio também foi professor de Português, Grego, Francês, Latim e Música. Permaneceu cinquenta e oito anos como sacerdote e atualmente era pároco da Capela São Lucas, em Icaraí.

Em sua incansável missão evangelizadora, atuou nas paróquias de São João Batista, no Tenente Jardim; Nossa Senhora das Dores, no Ingá; São Lourenço e São Domingos de Gusmão. Segundo palavras do jornalista Gilson Monteiro "Monsenhor Elídio foi o maior obreiro da igreja católica".

Sua grandeza como ser humano é incomensurável. Ele preenchia vazios existenciais de muitos seres que usufruíam de sua caridade. Era considerado o padre dos pobres. Auxiliava-os tanto no plano material, arrumando-lhes abrigo, cestas básicas, medicamentos, etc. que conseguia com os paroquianos, que colaboravam com sua nobre missão; quanto no plano espiritual e afetivo, levando-lhes palavras de conforto, visitando enfermos nos hospitais, ministrando-lhes os sacramentos e realizando cerimônias de batismo, missa, gratuitamente, tudo isso pelo puro prazer de servir como sacerdote a todos que precisavam.

Monsenhor Elídio também se destacava na área sociocultural, além da religiosa. Celebrava a Missa em Trovas, autor dos livros *Centelhas de Eternidade*, *Crônicas que falam*, *Mensagens que evangelizam* e de artigos e poemas publicados em jornais. Membro da Academia Fluminense

Acadêmicas Alba Helena Corrêa, Márcia Pessanha e Eneida Fortuna Barros com o Monsenhor Elídio Robaina em sua posse na AFL, 15/09/2016
Foto: Murilo Lima

de Letras, do Cenáculo Fluminense de História e Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Niterói.

Tornou-se imortal da Academia Fluminense de Letras, onde ingressou em 2016 para ocupar a Cadeira nº 21, tendo como patrono o bispo Francisco de Lemos. A "imortalidade acadêmica" faz parte de um ritual de preservação da memória do acadêmico, que será sempre lembrado e reverenciado pelo legado de suas obras, especialmente quando um novo Membro Titular assume a Cadeira Patronímica vaga. E cabe ao Neoacadêmico fazer o panegírico de seu patrono e antecessores. Nesse sentido, Monsenhor Elídio Robaina estará sempre presente entre seus pares da AFL e demais instituições a que pertenceu.

Sentiremos muitas saudades dele, mas temos certeza de que ele está no reino celestial e foi sepultado no dia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, 27 de junho, sua santa protetora, que o acompanhou desde a infância.

E minha emoção é ainda mais profunda com sua partida devido aos laços de amizade que nos uniam – ele batizou dois netos meus, celebrou a missa de minhas bodas de rubi e me presenteou com uma imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que guardo com todo carinho.

Descanse em paz, Monsenhor Elídio... O Senhor está imortalizado em nossos corações.

MAESTRO DE ALMAS E MESTRE DE OBRAS PARA EVANGELIZAR

WALDENIR DE BRAGANÇA*
Acadêmico Titular da Cadeira nº 29
Classe de Letras

Em 2016 tive a honra de saudar meu querido irmãozinho, Monsenhor Elídio Robaina, quando tomou posse na cadeira nº 21 da Academia Fluminense de Letras, patronímica do Bispo Francisco de Lemos.

A chegada do nobre confrade foi motivo de imensa alegria. Pelo seu acervo cultural, postura humanista e visão social, pelas ações em favor da comunidade, nossa Academia ainda mais se fortaleceu e consolidou com sua ilustre presença e digna participação.

Sacerdote, Escritor, Poeta, Trovador e Memorialista, em seus 90 anos de vida Monsenhor Elídio foi exemplo de dedicação e serviço.

Nasceu na Fazenda Bela Aurora, Campos dos Goytacazes, filho do Sr. Eduardo e de D. Maria Rosa – a amada mãezinha que contava sobre como o filho demonstrou desde cedo a vocação religiosa, e que o acompanhou por quase toda a sua trajetória, partindo apenas em 2019, aos 108 anos de idade.

Além do curso de Teologia no Seminário São José, graduou-se em Letras pela Universidade Federal Fluminense, lecionando Português, Latim, Francês, Grego e Música.

Amante das Letras e das Artes, verdadeiro cultor da palavra, foi autor de *Centelhas de Eternidade*, *Crônicas que Falam*, *Mensagens que Evangelizam*, além do *Tributo a José de Anchieta*, seu Patrono no Cenáculo Fluminense de História e Letras. Podemos, aliás, encontrar significativas semelhanças entre José de Anchieta, Santo das Três Pátrias, e nosso Monsenhor Elídio – na fragilidade física e na força e poder espiritual, no vigor intelectual, no fazer, no acreditar.

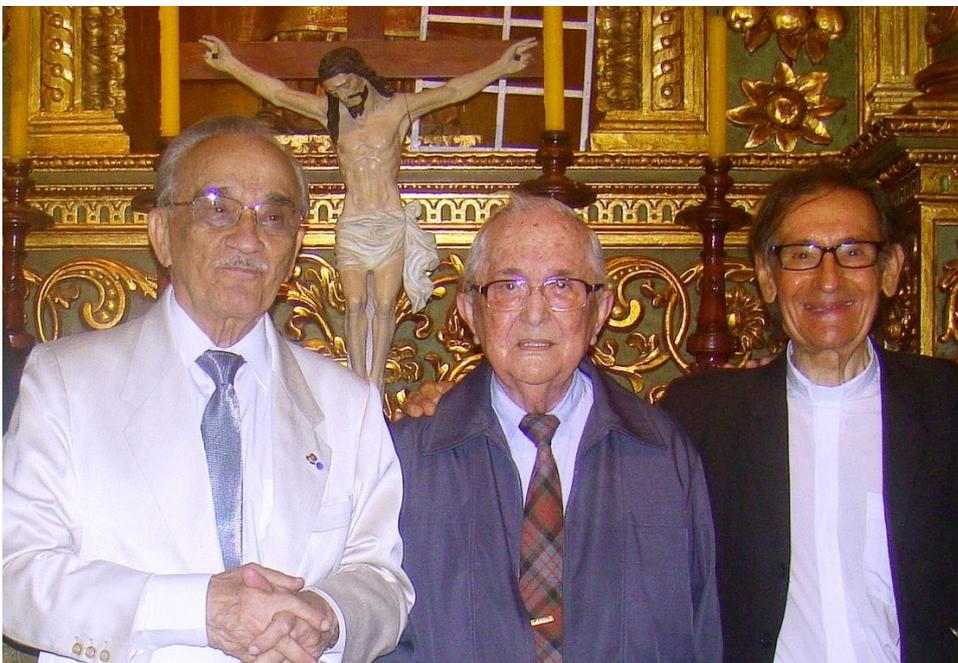
Integrou, ainda, a União Brasileira de Trovadores e a Academia Brasileira da Trova. Sua celebração da belíssima *Missa em Trovas* engalanou por muitos anos a realização dos Jogos Florais de Niterói, inclusive já durante a pandemia, em solenidade telepresencial, transmitida pela internet diretamente do altar de sua residência, no alto do Morro de São Lourenço.

Deixou as marcas indelévels de sua passagem por várias paróquias, construindo igrejas, centros sociais, creches, abrigos, promovendo inúmeras iniciativas em favor de crianças, idosos e adultos carentes. Já aposentado, colocou todo seu amor nas atividades como pároco da Capela de São Lucas da Casa do Médico, mantendo-se na prática de ações beneficentes.

Teve seu trabalho reconhecido universalmente, merecendo homenagens de diversas instituições – Rotary, Lions, UBT, ANE, UNIVERTI, UPPES, entre outras, assim como autoridades de vários municípios – Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, Câmaras Municipais de Niterói, São Gonçalo, São Fidélis.

Entre os vários títulos que fez por merecer – padre construtor, padre da cultura, padre dos pobres – destaca-se sem dúvida o de Maestro de Almas, que mais do que construções de cimento e tijolos, ergueu monumentos de fé, amizade e amor, que permanecem dando testemunho de sua caminhada rumo à imortalidade.

*Acadêmicos Waldenir de Bragança,
Maximiano de Carvalho e Silva
e Elídio Robaina no Painel sobre
José de Anchieta, na Igreja de São
Lourenço dos Índios, 05/01/2017*
Foto: Cleide Villela



* biografia dos autores nas págs. 72-75

HOMENAGEM A MONSENHOR ELÍDIO ROBAINA

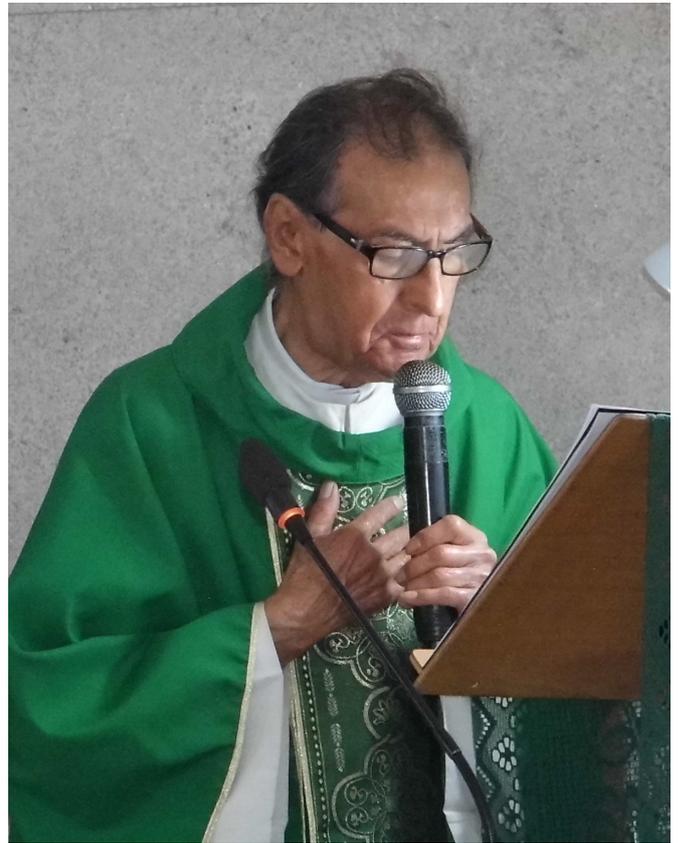
ALBA HELENA CORRÊA*
*Acadêmica Titular da Cadeira nº 13
Classe de Letras*

Nasceu ... divina luz o iluminou.
Um coro angelical, no céu, se ouviu.
Elídio veio à Terra e aqui chegou,
trazendo uma missão que ele cumpriu.

Seguindo a vocação, se preparou:
para servir a Deus se decidiu.
O espírito cristão o acompanhou
e um sacerdote nobre, então, surgiu.

A Igreja pode e deve se orgulhar:
mensageiro do bem, padre exemplar,
que vive a semear, em torno, o amor.

É modelo de fé e dignidade.
Exímio trovador cuja humildade
lembra o santo de Assis, em seu dulçor!



*Acima: Monsenhor Elídio Robaina celebrando a "Missa do Trovador".
Abaixo: O então Presidente da UBT-Niterói Sávio Soares de Sousa ao lado do Monsenhor Elídio Robaina celebrando a "Missa do Trovador", durante os Jogos Florais de 2017
Foto: Cleide Villela*



O SERVO DE DEUS

JOSÉ ALVES PINHEIRO JUNIOR*
Acadêmico Titular da Cadeira nº 11
Classe de Ciências Sociais

Monsenhor Elídio Robaina era um especialíssimo servo de Deus. Toda sua figura, envolvendo fino trato pessoal, mais cativava pela resplandecente personalidade que o aproximava dos anjos e dos santos de retábulos e altares do que propriamente de seus párocos em pessoa.

Quem o tinha ao alcance da diária observação, quer como emérito sacerdote da São Lourenço dos Índios, quer como reitor da capela de São Lucas, testemunhava sua devoção sacerdotal ao dedicar ao Altíssimo uma infalível oração matinal em seu particular altar residencial. E conjecturava se esse monsenhor de agradável sotaque romano não conservava em si uma secreta candidatura à santidade.

Chegado aos 90 anos, como poderia estar já com um século completo, Dom Elídio enfrentou a pandemia sem pensar nele próprio. Ao premeditar o retorno à condução religiosa dos fiéis frequentadores da São Lucas, seu primeiro cuidado foi o de manter-se em quarentena para proteção coletiva.

Imortalidade literária igualmente conquistou (quase ociosamente) ao ser eleito para a Academia Fluminense de Letras, revelando-se o perene intelectual Elídio Robaina que parte

agora para Insondáveis mas certas Dimensões Celestiais, cercado da veneração dos confrades e confreriras que aprenderam a respeitá-lo e estimá-lo independente da aura de refulgente bonomia que o envolvia como Homem de Deus... E ainda que neste momento fugaz nos pareça morto, na verdade está vivo para a Eternidade...



Acima: Monsenhor Elídio celebra missa em casa durante a quarentena

Abaixo: Missa em Ação de Graças pelo aniversário da Universidade Aberta da Terceira Idade, Capela de São Lucas, 15/04/2018 (Fonte: UNIVERTI)



* biografia dos autores nas págs. 72-75

O BOM PASTOR DE SÃO DOMINGOS

LUCIA MARIA BARBOSA ROMEU*
*Acadêmica Titular da Cadeira nº 10
Classe de Letras*



O Arcebispo Dom José Francisco Rezende
Dias e Monsenhor Elídio Robaina
Fonte: A Tribuna

Para Monsenhor Elídio Robaina em seus 50 anos
de Ordenação Sacerdotal (Bodas de Ouro)

Há cinquenta anos atrás
Saiu do coração de um rapaz
O SIM definitivo
De uma devoção total
A uma vida muito especial

Vida, toda ela voltada para o bem,
Para os pobres, para o serviço de Deus.
Nascia então o padre Elídio, hoje Monsenhor,
E fortalecido por Jesus nesta ordenação
Sentiu abrasar sua alma
Em completa doação.

Seus votos de pobreza, obediência e castidade
São metas firmes que seu coração segue com
fervor
E que mais aumentam com a idade e em Amor

Parabéns Monsenhor Elídio!
Que Deus ilumine sempre mais o seu caminho!
Receba de seus amigos hoje e sempre
Admiração, afeto, orações, e um imenso carinho!

*Placa no interior do templo da Igreja de São Domingos de
Gusmão. A igreja é tombada e foi frequentada pela Família
Real Portuguesa e José Bonifácio de Andrada e Silva.
Foto: Suelen Siqueira Julio. 2018.*

DEDICAÇÃO
IGREJA SÃO DOMINGOS DE GUSMÃO
AOS 22 DIAS DO MÊS DE AGOSTO DO ANO DE 2015,
REINANTE O PAPA FRANCISCO, ESTA IGREJA
PAROQUIAL DE SÃO DOMINGOS DE GUSMÃO,
FUNDADA EM 1652, INAUGURADA EM 1902,
CRIADA PARÓQUIA EM 1929, TOMBADA PELA
PREFEITURA MUNICIPAL DE NITERÓI EM 1995
E RESTAURADA EM 2015, FOI SOLENEMENTE
DEDICADA POR DOM JOSÉ FRANCISCO REZENDE DIAS,
ARCEBISPO DE NITERÓI E SENDO ADMINISTRADOR
PAROQUIAL MONS. ELIDIO ROBAINA.

ACADEMIA
EM AÇÃO

REABERTURA DAS ATIVIDADES PRESENCIAIS

Posse Solene da Nova Diretoria

COMISSÃO DE REDAÇÃO

Em 12 de maio de 2022 a Academia Fluminense de Letras promoveu Solenidade de Abertura das atividades acadêmicas presenciais de 2022, retornando à sua sede própria, na Praça da República nº 7, Centro, Niterói, após quase dois anos de atividades telepresenciais.

Na ocasião, aconteceu a Posse Solene da Diretoria para o biênio 2022-2023, eleita em Assembleia Geral Ordinária de 31 de março de 2022, assim constituída:

Presidente – Márcia Maria de Jesus Pessanha

Vice-Presidente – Eduardo Antônio Klausner

1ª Secretária – Eneida Fortuna Barros

2ª Secretária – Lucia Maria Barbosa Romeu

1º Tesoureiro – Cleber Francisco Alves

2º Tesoureiro – Célio Erthal Rocha

Diretora de Acervo Documental e Bibliotecas
Maria do Carmo Soares Cordeiro

Em seu pronunciamento a Presidente Márcia Pessanha manifestou reconhecimento ao dedicado ex-Presidente Waldenir de Bragança

e falou da importância de se dar continuidade aos projetos da Academia iniciados na gestão anterior, especialmente os que integram o Plano de Fomento celebrado com a Prefeitura de Niterói em fevereiro de 2020:

Estamos irmanados com sentimentos de paz, amizade e solidariedade para darmos continuidade às atividades culturais presenciais em 2022, da Academia Fluminense de Letras.

Nas diversas fases da vida, nos deparamos com momentos que oscilam entre a alegria, o prazer, mas também com momentos tristes e de saudades. É o carrossel do tempo que nos envolve e que nos faz vivenciar rituais de passagem. A cerimônia de posse faz parte desse processo ritualístico. E aqui estamos para dar continuidade à nobre missão de presidir a centenária Academia, “Casa de amor à cultura, templo da palavra, guardiã da memória e cenáculo da história”, conforme palavras do ilustre, digno e muito querido ex-presidente Waldenir de Bragança e que, oportunamente, assim que for possível, faremos uma sessão específica para homenageá-lo, com toda a honra e glória que ele merece, bem como aos ex-integrantes da diretoria: o casal Regina e Wainer e Alba Helena. Eles terão o devido reconhecimento pela contribuição que deram.

A Presidente discorreu sobre a continuidade do projeto Táxi Literário, de distribuição de livros ao público através das cooperativas de táxi da

Foto: Murilo Lima



cidade; dos Concursos Literários e Fotográficos, nas modalidades adulto e estudantil; e o projeto de Catalogação do Acervo da Academia, que ficou suspenso em razão das restrições sanitárias decorrentes da pandemia da Covid-19, e finalmente poderá ser levado a termo diante da reabertura da sede. E concluiu:

Nossos agradecimentos a todos que colaboraram com nossa instituição e espero poder contar com os senhores, para que não possamos dizer parodiando Drummond "E agora José? A luz apagou?" Diremos NÃO. A luz continua acesa. E permanecendo unidos haverá sempre luz para os que têm Fé e Esperança. "PERASTRA".

A programação incluiu, ainda, sessão

literomusical de Homenagem pelo Transcurso do Dia das Mães (8 de maio), com apresentações das Acadêmicas Deila Maria Ferreira Scharra (ao piano), Eneida Fortuna Barros, Lúcia Maria Barbosa Romeu e Maria do Carmo Soares Cordeiro – cujos trabalhos estão incluídos nesta edição – e coquetel de confraternização.

Marcaram presença, entre outros, o Professor Víctor de Wolfe, ex-secretário de Cultura de Niterói e atual diretor do Museu de Arte Contemporânea; a Acadêmica Matilde Conti, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Niterói; a Professora Livia Reis, superintendente de Relações Internacionais da Universidade Federal Fluminense; o Acadêmico Edgard Fonseca, presidente da Academia Niteroiense de Letras.

POSSE DO ACADÊMICO LUIZ ROMEU

COMISSÃO DE REDAÇÃO

Aconteceu no dia 2 de junho de 2022 a solenidade de posse do Acadêmico Luiz Alberto Barbosa Romeu, que passou a ocupar a Cadeira nº 6 da Classe de Belas Artes, tendo como patrono Israel Pedrosa.

A Presidente Márcia Pessanha abriu a sessão destacando a relevância desta que foi a primeira posse de Acadêmico da Academia Fluminense de Letras a se realizar em mais de dois anos.

A Acadêmica Lúcia Romeu fez a saudação ao novo imortal – seu irmão – engenheiro e admirado artista plástico, especializado em pintura a óleo, tendo participado de diversas exposições individuais e coletivas, com vários trabalhos premiados.

Em seu pronunciamento, o Acadêmico Luiz Romeu manifestou seu reconhecimento à Presidente Márcia Pessanha e ao ex-Presidente Waldenir de Bragança, e enalteceu a memória de seu Patrono, o laureado professor, escritor e pintor Israel Pedrosa, e de seu predecessor, o

ilustre professor e artista plástico Robert Preis, falecido em 9 de outubro de 2021.

Entre os convidados estavam a Acadêmica Aidyl de Carvalho Preis, da Classe de Ciências Sociais, viúva de Robert Preis, e o professor Ulianov Pedrosa, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Niterói, filho de Israel Pedrosa.

Acadêmica Lucia Romeu, Acadêmico Luiz Romeu e sua esposa Sheila Romeu
Foto: Murilo Lima



PRESENÇA DA AFL NA XV JORNADA CULTURAL DA FALERJ

COMISSÃO DE REDAÇÃO

No dia 11 de junho de 2022 foi realizada a XV Jornada Sociocultural da Federação das Academias de Letras do Estado do Rio / FALERJ, na Casa da Amizade de Araruama, tendo como anfitriã a Academia Araruamense de Letras, presidida por Cid Magioli.

Representaram a Academia Fluminense de Letras no evento a Presidente Márcia Pessanha, que atualmente também preside a FALERJ e as Acadêmicas Maria do Carmo Soares Cordeiro e Matilde Carone Slaibi Conti, que também representou o Cenáculo Fluminense de História e Letras e a Governadoria do Distrito 8 do Elos Internacional da Comunidade Lusíada.

Em seu pronunciamento de abertura a Presidente Márcia Pessanha homenageou o Presidente de Honra da FALERJ, Waldenir de Bragança, ex-presidente da AFL e muito querido cidadão de Araruama, e manifestou sua gratidão pela generosa acolhida do entusiasta Presidente Cid Magioli.

A programação incluiu palestra do Acadêmico Manoel de Santa Maria (AARALETAS e Academia Brasileira de Literatura de Cordel/ABLC) sobre "A Literatura de Cordel"; apresentação de Musicoterapia "Poesia Musicada", com o Acadêmico Cid Magioli (AARALETAS) e exibição de Música Instrumental com o Professor e Vereador Thiago Moura e seus alunos.

A cidade de Niterói também foi representada no evento pelo Acadêmico Edgard Fonseca, presidente da Academia Niteroiense de Letras.



Acima: Pronunciamentos das Acadêmicas Maria do Carmo Soares Cordeiro e Matilde Slaibi Conti
Fonte: AARALETAS



Acima: Acadêmica Márcia Pessanha com a Presidente da Academia de Artes, Ciências e Letras de Iguaba Grande, Kátia Regina Souza Lima, e o Presidente da Academia Araruamense de Letras, Cid Magioli
Abaixo: Participantes da XV Jornada Cultural FALERJ
Fonte: AARALETAS



PREMIAÇÃO DO CONCURSO FOTOGRÁFICO “ARQUITETURA HISTÓRICA DE NITERÓI”

COMISSÃO DE REDAÇÃO

A Academia Fluminense de Letras promoveu no dia 23 de junho de 2022, em sua sede, a solenidade de premiação do Concurso de Fotografia “Arquitetura Histórica de Niterói”.

O evento, promovido em parceria com a Sociedade Fluminense de Fotografia, foi coordenado pelo Acadêmico Antônio Machado e contou com o apoio da Secretaria Municipal de Cultura.

Na ocasião, receberam seus prêmios os três primeiros colocados: em 1º lugar, Samuel de Oliveira Freitas; em 2º lugar, Paulo Roberto Barbosa; e em 3º lugar, Wanderley Augusto Moreira Rocha.

Foram agraciados com Menções Honrosas Romullo Correia (presente à solenidade), Gabriel Campos da Motta, Paulo Roberto T. Barbosa e Samuel de Oliveira Freitas.

Lucineide Almirante (presente à solenidade), Caio Clímaco, Denise Legentil Alves, Raquel Gomes Rocha, Bruna Cavalcanti João e Marcos Paulo Santos Rangel de Abreu também

À direita: *Stairway to heaven*, Samuel de Oliveira Freitas (1º lugar no Concurso); Abaixo: A Presidente Márcia Pessanha e o Acadêmico Antônio Machado com os qualificados: Wanderley Rocha (3º lugar), Samuel Freitas (1º lugar), Paulo Roberto Barbosa (2º lugar), Romullo Correia (Menção Honrosa) e Lucineide Almirante (selecionada para a exposição)

Foto: Murilo Lima



tiveram fotos selecionadas para a Exposição Fotográfica do concurso, que foi inaugurada em seguida, na Galeria Jayme Moreira de Luna, na Sociedade Fluminense de Fotografia.

A Presidente Márcia Pessanha falou sobre a importância da integração das atividades artísticas e literárias no âmbito cultural da Academia, e ressaltou que a Academia promove atualmente outros três concursos, dois literários e um de fotografia, todos previstos no Termo de Fomento

*Ex-secretário de Cultura Victor de Wolfe, Presidente Márcia Pessanha e Acadêmico Antônio Machado
Foto: Murilo Lima*



celebrado com a Secretaria de Cultura / Prefeitura de Niterói em 2020.

Estiveram presentes à solenidade, entre outros, o ex-secretário de Cultura de Niterói Victor de Wolfe, hoje diretor do Museu de Arte Contemporânea, que assinou o referido Termo de Fomento; o diretor do Solar do Jambeiro, Lula Basto; a diretora da Biblioteca Pública de Niterói, Clara Neves; e a coordenadora da Niterói Livros, Cristina Fuscaldo.

*A Presidente Márcia Pessanha com a Diretora da Biblioteca Parque de Niterói, Clara Alves, e a Coordenadora da Niterói Livros, Cristina Fuscaldo
Foto: Murilo Lima*



*Abaixo: Exposição do Concurso Fotográfico na Galeria Jayme Moreira de Luna, da Sociedade Fluminense de Fotografia
Foto: Livio Campos*





*Acima: Solar do Jambêiro, Paulo Roberto T. Barbosa (2º lugar no Concurso)
Abaixo: Biblioteca Pública de Niterói e sede da Academia Fluminense de
Letras, Wanderley Augusto Moreira Rocha (3º lugar no Concurso)*

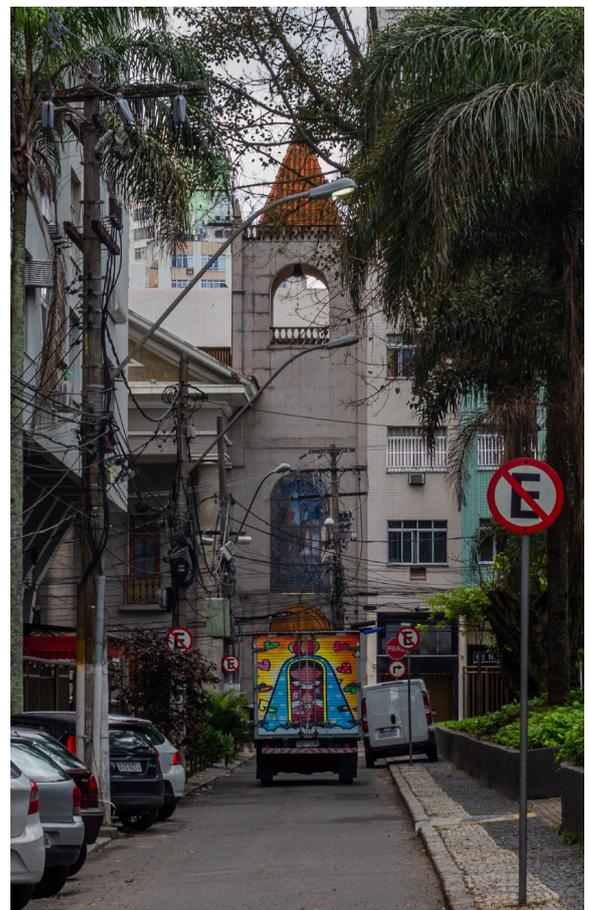




Menções Honrosas

*À esquerda: Capela de Santa Teresa,
Paulo Roberto T. Barbosa*

*Abaixo: Campus da Praia de Vermelha
da UFF, Gabriel Campos da Motta*



Menções Honrosas

*Acima: Capela de Santa Teresa,
Paulo Roberto T. Barbosa*

*À direita: Respirando cultura,
Samuel de Oliveira Freitas*

CELEBRAÇÃO DO 105º ANIVERSÁRIO

COMISSÃO DE REDAÇÃO

A Academia Fluminense de Letras celebrou seu 105º aniversário em sessão solene literomusical no dia 21 de julho de 2022. A programação incluiu, além da saudação da Presidente Márcia Pessanha, pronunciamento do Acadêmico Erthal Rocha sobre a importância da AFL e recital da pianista Ana Maria Brandão.

Após cumprimentar as autoridades e convidados, a Presidente Márcia Pessanha iniciou a sessão com as palavras:

Honra e Glória a nossa

Academia Fluminense de Letras

Ao abrir essa sessão comemorativa dos 105 anos de fundação da Academia Fluminense de Letras, sinto-me feliz por estar aqui, com todos vocês, membros da Diretoria, acadêmicos das Classes que compõem nossa instituição: Letras, Belas Artes, Ciências e Ciências Sociais. Agradeço a Deus pelo que já conquistamos. E que possamos, unidos, manter a fé e a esperança para dar continuidade ao valoroso trabalho dos que nos antecederam.

Lembro-me então de umas frases do Padre Antônio Vieira, no "Sermão da Sexagésima", em que ele questiona e responde: "Como hão de ser as palavras? - Como as estrelas. As estrelas são muito distintas e muito claras." Desse modo, hoje, em nosso encontro festivo, busco as palavras estrelas de nossos ex-presidentes, especialmente os dois

últimos, com os quais tive o prazer de conviver na diretoria da AFL – o saudoso Edmo Rodrigues Lutterbach, e nosso presidente de honra Waldenir de Bragança, forte aliança acadêmica e fraternal.

Presenças ilustres ocuparam esse espaço e prepararam o cenário para que hoje aqui estivéssemos reunidos nessa casa de cultura, templo do saber. Observem a beleza da construção, os vitrais, as fotos dos Patronos que ornaram as paredes, como se estivessem, lá do alto, também presentes, participando da festa.

E segundo versos do poeta Fernando Pessoa, quando "Deus quer, o homem sonha e a obra nasce". E devido ao sonho de jovens intelectuais idealistas, a Academia Fluminense de Letras foi fundada em 1917, e nós temos a honra e o dever de mantê-la viva, presença marcante no cenário cultural de nosso município e de nosso Estado. E sua gloriosa história será contada e lembrada pelo nobre confrade Célio Erthal Rocha, nosso porta-voz nessa cerimônia.

Pode-se dizer que na linha do mito e do simbólico, o tempo da festa é o tempo mítico, de retorno às origens, que não se contenta apenas com evocar, mas o de recriar festivamente o tempo e o espaço primevos. Assim, nossa celebração aqui hoje reveste-se de uma liturgia de significação e de valor das origens. Por isso, a homenagem e a reverência aos fundadores da AFL, na época da Renascença Fluminense, aos patronos e aos nossos

Diretoria da AFL – Acadêmicos Maria do Carmo Soares Cordeiro, Eduardo Klausner, Erthal Rocha, Márcia Pessanha, Eneida Fortuna Barros, Cleber Francisco Alves e Lucia Romeu, além do Secretário de Cultura Alexandre Santini

Foto: Aldo Pessanha



antecessores.

E como nas festas sacras ou profanas, a música faz parte do contexto, também teremos para abrilhantar a festa o recital da pianista Ana Maria Brandão. E ao final da celebração, o bolo de aniversário da AFL, extensivo aos aniversariantes do mês presentes: Alba Helena Corrêa e Maximiano de Carvalho e Silva.

Meus agradecimentos aos acadêmicos, convidados e autoridades presentes, em especial ao Secretário de Cultura de Niterói, Alexandre Santini, que também nos saudou com palavras elogiosas e de incentivo.

Encerro com um brinde à amizade e à alegria de viver.

Celebremos, de mãos dadas e a sorrir os 105 anos da AFL.

Márcia Pessanha

Em seguida, transmitiu uma mensagem do ex-Presidente Waldenir de Bragança, que impossibilitado de comparecer, enviou sua saudação:

Saudação de Waldenir de Bragança

Minha Estimada Presidente

Márcia Maria de Jesus Pessanha

Encontro-me, no momento, ainda impossibilitado de estar presente na sede da nossa Academia Fluminense de Letras para revelar meu sentimento por esta Casa, por aqueles que aqui convivem, por tudo aquilo de bem que ela tem praticado nesses 105 anos de gloriosa existência.

Peço, de coração, que revele aos nossos confreres e confrades meus sentimentos de muito amor por nossa Casa de Amor à Cultura, que desejo continue sendo motivo de grande orgulho para todos nós.

Encareço que leve meu abraço espiritual a cada um dos integrantes desse Templo da Palavra, Guardiã da História e da Memória, centro de luz permanente a iluminar os caminhos culturais do Estado do Rio e do Brasil.

Com fraterníssimo abraço acadêmico,

Waldenir de Bragança

O Secretário da Cultura Alexandre Santini saudou em nome da Prefeitura os Acadêmicos



Acadêmica Márcia Pessanha, o Secretário de Cultura Sr. Alexandre Santini e Delmo Ferreira, Presidente da Academia Teresopolitana de Letras.

Foto: Aldo Pessanha

e Acadêmicas presentes, falando da importância da comemoração dos 105 anos da AFL, "onde a Cultura de Niterói se sente em casa", e enfatizou o papel dos governos, de cuidar, proteger, preservar e criar as condições para que a Cultura exista e se fortaleça. Comentou, ainda, que a Secretaria de Cultura é um bebê diante da Academia, com apenas 14 anos de existência, enquanto a Fundação Municipal de Cultura de Niterói, com 55 anos, foi pioneira, sinalizando a existência de uma sociedade ativa e interessada na cidade, que fez o governo reconhecer a importância da Cultura.

A Presidente passou então a palavra ao Acadêmico Erthal Rocha, que falou em nome do corpo acadêmico sobre a trajetória da instituição:

Importância da Academia Fluminense de Letras

Amanhã, 22 de julho de 2022, a Academia Fluminense de Letras celebra 105 anos de brilhante trajetória.

Fundada em 1917, por um grupo de

intelectuais que idealizaram uma instituição à semelhança da Academia Francesa, tem entre seus objetivos: estimular e promover a cultura, as ciências sociais e as artes; a valorização do idioma e das letras nacionais; contribuir para a preservação da memória dos vultos literários do Estado do Rio de Janeiro. Os fundadores agiram também sob a influência da criação, em 1897, da Academia Brasileira de Letras – que ontem, dia 20 de julho, comemorou seu 125º aniversário, sob a presidência do jornalista Merval Pereira – tendo escolhido entre seus patronos um dos fundadores daquela instituição, Lúcio de Mendonça, para a Cadeira nº 26, ocupada até recentemente pelo Acadêmico Sávio Soares de Sousa, esplendoroso talento literário que perdemos em 25 de maio passado, aos 97 anos.

A diretoria provisória coube a Epaminondas de Carvalho, sendo eleitos como primeiros presidentes oficiais Homero Pinho e Joaquim Peixoto, e secretário Nelson de Lacerda Nogueira. Era originalmente composta de 48 cadeiras, representando os 48 municípios que então constituíam o Estado do Rio, tendo como patronos importantes vultos nascidos na terra fluminense.

Nos primeiros anos se reunia em um salão no Teatro Municipal de Niterói; no entanto, após a Revolução de 1930, com a substituição do prefeito, o engenheiro militar e professor Manuel Antunes de Castro Guimarães, os tempos mudaram. Foi nomeado o militar Júlio Limeira da Silva, que “se implantou” na Prefeitura e determinou que a Academia deveria pagar um aluguel pelo espaço, “como qualquer grupo de artistas”.

A instituição transferiu as reuniões, então, para o prédio do antigo Tribunal do Júri do Estado (o pretendente a senhoria não duraria muito no cargo, em consequência de um escândalo de fornecimento de alfafa...).

A questão se resolveria definitivamente com a promulgação da Lei nº 2.162, de 7 de novembro de 1927, através da qual o Presidente do Estado, Feliciano Pires de Abreu Sodré, em sua alta visão, determinou que a Academia Fluminense de Letras teria sua sede própria instalada no pavimento superior do edifício da Biblioteca Pública do Estado, na Praça da República.

O então comandante da Marinha Ary Parreiras, Interventor Federal, deu continuidade às obras, e esteve presente à inauguração em 15 de

março de 1935 – fato registrado na expressiva placa de bronze fixada na parede junto às escadarias de acesso a esta Academia.

A respeito de Ary Parreiras, exemplo de dignidade administrativa e zelo pelo dinheiro público, recordo as palavras do nosso confrade Marcos Almir Madeira, presença niteroiense nesta Casa e na Academia Brasileira de Letras: “Era um homem decididamente raro, quase irritantemente puro”.

A Academia retribuiu aos beneméritos Feliciano Sodré e Ary Parreiras acrescentando seus nomes ao rol de patronos, em 2015, por decisão de Assembleia Geral, chegando-se ao número atual de 50. E hoje recordamos a significativa participação dos dois grandes homens, cujos retratos se encontram em posição de honra neste lindo espaço em que nos encontramos, a nossa sede, na qual já há quase 90 anos se reúnem os imortais da AFL.

Grandes personalidades se destacaram entre os membros da instituição. O “secretário perpétuo” Lacerda Nogueira, advogado, jornalista e deputado, um dos fundadores da AFL e criador da Revista da Academia Fluminense de Letras; os presidentes Quaresma Júnior, jornalista, dramaturgo e poeta; Alberto Francisco Torres, advogado, jornalista, professor e homem público,

Pronunciamento do Acadêmico Célio Erthal Rocha
Foto: Murilo Lima



em cuja gestão aconteceram as celebrações do cinquentenário da Academia; Geraldo Montedônio Bezerra de Menezes, insigne jurista, ex-diretor da Faculdade de Direito da UFF, ministro do Tribunal Superior do Trabalho e um dos seus fundadores.

Recordo, ainda, a primeira mulher acadêmica titular da Classe de Letras – a notável educadora Albertina Fortuna Barros, brilhante conhecedora e intemorata defensora da língua portuguesa, fundadora da primeira escola para educação de adultos em Niterói, no Colégio Felisberto de Carvalho – que tomou posse em 15 de outubro de 1959 (quase 20 anos antes do ingresso da primeira mulher na ABL, Rachel de Queiroz) e imediatamente passou a integrar a diretoria, tornando-se a sucessora escolhida de Lacerda Nogueira como secretária (por 15 anos), sendo posteriormente eleita a primeira mulher presidente (cargo que exerceria por duas gestões)...

Mais recentemente, o inolvidável presidente Edmo Rodrigues Lutterbach, escritor, biógrafo, procurador de Justiça, luminar da obra euclidiana que presidiu a instituição por mais de três décadas, mantendo-a viva durante fase de dificuldades – inclusive o longo período de restauração do prédio da sede – e acabou falecendo em meio aos planos de renovação, em 27 de setembro de 2011, prestes a completar 80 anos.

Na sequência, o nosso incansável presidente Waldenir de Bragança, médico, advogado, professor e homem público universalmente admirado, que acompanhou Edmo como vice-presidente, e assumiu com sua diretoria a missão de dar continuidade ao projeto de revitalização, promovendo cursos, concursos e atividades conjuntas com outras entidades culturais da cidade, além de novas posses – após o falecimento de vários acadêmicos titulares.

Sob a liderança de Waldenir, em 2017, foi levada a termo extensa programação comemorativa do centenário, incluindo a realização do I Congresso Brasileiro de Academias de Letras e Artes, que contando com o apoio da Secretaria Municipal de Cultura reuniu em Niterói representantes de diversas academias de cidades e estados brasileiros, inclusive o presidente da ABL, Domicio Proença. Ali surgiu a Federação das Academias de Letras do Estado do Rio de Janeiro / FALERJ, para congregar e estimular as Academias de Letras das cidades fluminenses – das quais, inclusive, estão aqui hoje representadas as Academias Niteroiense,

Teresopolitana e Petropolitana de Letras, além do Ateneu Angrense de Letras e Artes.

Assinalamos que foi durante as celebrações do centenário, em 2017, que a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro promulgou decreto reconhecendo a AFL como Academia de Letras Oficial do Estado do Rio de Janeiro, graças à iniciativa dos deputados Waldeck Carneiro e Comte Bittencourt – 90 anos depois da ação de Feliciano Sodré, que ao conceder-lhe a sede, reconheceu a importância da principal instituição cultural do Estado do Rio, repositório das memórias de uma legião de intelectuais que tanto contribuíram para a elevação das letras, das artes e da literatura fluminenses.

É de ressaltar que recentemente, em 2020, a instituição efetivou importante parceria com a Prefeitura do Município de Niterói – aqui representada pelo Secretário de Cultura Alexandre Santini – através de acordo de cooperação e fomento cultural que possibilitou a realização de vários projetos relevantes.

Em março último, Waldenir considerou que era hora de outra renovação, e encerrando sua magnífica administração, optou por não se recandidatar a novo mandato; foi então eleita por unanimidade para sucedê-lo a professora, escritora e poetisa Márcia Pessanha, mestra e doutora em Literatura, ex-diretora da Faculdade de Educação da UFF, primeira mulher a presidir as Academias Guanabarina e Niteroiense de Letras e o Cenáculo Fluminense de História e Letras – fiel escudeira que esteve junto do predecessor, como secretária, em todos os seus projetos, e assume para brilhar como a segunda mulher a alcançar a presidência da Academia Fluminense de Letras, que por justificado mérito junta seu digno nome ao da pioneira Albertina Fortuna Barros.

Hoje reunidos para celebrar esses 105 anos de admirável trajetória, recordamos os vultos que somaram o peso de suas realizações para mais engrandecer nossa nobre Casa da Cultura.

E juntos formulamos nosso desejo de que este venerável Templo da Palavra, Nau Capitânia dos mares culturais fluminenses – nas expressões do nosso querido Waldenir – prossiga por outros séculos a singrar o oceano do tempo para cumprir seus elevados propósitos, pois um povo que não preserva sua memória e não promove a cultura está fadado a desaparecer.

Que o lema da AFL se perpetue, e per astra – pelos astros – ela continue realizando sua importante missão na terra fluminense.

Célio Erthal Rocha

Concluindo a programação, a pianista Ana Maria Brandão apresentou uma série de peças famosas de seu repertório nacional e internacional, em belíssimo recital que mereceu entusiasmados aplausos. A Acadêmica Lucia Romeu saudou a artista convidada:



Acima: Apresentação da pianista Ana Maria Brandão
À direita: Ana Maria Brandão e Lucia Romeu
Fotos: Aldo Pessanha

Poesia e Música

Após a belíssima apresentação da pianista Ana Maria Brandão, quero enfatizar que a música e a poesia sempre andaram de mãos dadas, porque a música é a poesia dos sons, e a poesia é a música

das palavras. É uma parceria.

E muito prazerosa, pois a mão que toca a música e a voz que fala a poesia vão muito além da palavra e da melodia. Elas modelam um sentimento para o ouvido que recebe o som... e se torna responsável pelo dom da transformação... na cumplicidade do Belo.

Misterioso intercâmbio – elo da alegria de falar... e tocar... e do prazer de escutar em atitude serena, meditativa e calma.

Poesia e Música!

Esse amoroso abraço de alma!

Lucia Romeu

Ana Maria agradeceu, dizendo-se honrada em participar da significativa solenidade, “principalmente sob a presidência da brilhantíssima Márcia Pessanha e sendo secretária a queridíssima Eneida Fortuna Barros, minha professora na Universidade Federal Fluminense”.

A seguir a Presidente Márcia comandou o “Parabéns para você” diante do bolo dos 105 anos da AFL, convidando também os acadêmicos aniversariantes do mês Alba Helena Corrêa e Maximiano de Carvalho e Silva para receber os cumprimentos de todos.

Na oportunidade, foi lida uma saudação do ex-Presidente Waldenir de Bragança destacando o 90º aniversário da Acadêmica Alba Helena, na qual ele ressaltou o talento da homenageada como poetisa, trovadora e cordelista premiada em centenas de concursos e sua relevante contribuição para as entidades culturais que integra, em





*Acadêmicos na celebração do 105º aniversário da Academia Fluminense de Letras
Foto: Murilo Lima*

especial, a União Brasileira de Trovadores / Niterói, enfatizando seu importante papel como “sustentáculo laborioso da instituição e admirável irradiadora dos mais belos sentimentos de amor à poesia”.

A Acadêmica Alba Helena agradeceu,

emocionada, as palavras generosas do amigo de infância, a quem chamou de “amigo certo das horas incertas”.



*À esquerda: Acadêmico Maximiano Carvalho e Silva
Acima: Acadêmicas Alba Helena Corrêa e Márcia Pessanha
Foto: Murilo Lima*



Estiveram presentes, além do Secretário de Cultura de Niterói, Alexandre Santini, a Diretora da Biblioteca Parque de Niterói, Clara Neves; a Diretora da Niterói Livros, Cristina Fuscaldo; o Coordenador da Niterói Livros, Jordão Pablo de Pão; a Promotora de Justiça Lisiane Erthal Rocha de Moura; a Professora Graça Raphael, coordenadora do Programa Pacto Niterói contra a Violência; os Jornalistas Ernesto Guadalupe, Irma Lasmar e André Santa Rosa; o Fotógrafo Murilo Lima; entre outros.

O Acadêmico Nagib Slaibi Filho representou a Escola Nacional Superior do Instituto dos Magistrados do Brasil, como seu diretor-geral; o Acadêmico Antônio Machado representou

Acadêmicos Eduardo Klausner, Edgard Fonseca (Academia Niteroiense), Márcia Pessanha e Erthal Rocha com o jornalista Ernesto Guadalupe
Foto: Murilo Lima



a Sociedade Fluminense de Fotografia, como seu presidente; o Acadêmico Alcides Pissinatti representou o Centro de Primatologia do Rio de Janeiro, como seu diretor; o Acadêmico Aristeu Pessanha Gonçalves representou a Academia de Medicina Veterinária no Estado do Rio de Janeiro; a Acadêmica Leda Mendes Jorge representou a Associação Niteroiense de Escritores, como sua Presidente em Exercício; Celedir Caetano e Noemir Lagos representaram o Centro de Memória e História da Literatura Fluminense, órgão da Secretaria de Educação de Niterói;



Acima: Acadêmicos Márcia Pessanha e Paulo Daher, Tesoureiro do Ateneu Angrense de Letras e Artes
Foto: Aldo Pessanha

Abaixo: Lisiane Erthal Rocha de Moura, Acadêmicos Célio Erthal Rocha e Jordão Pablo de Pão (Academia Niteroiense) e Cristina Fuscaldo
Foto: Murilo Lima



Ângela Riccomi de Paula representou a Academia Brasileira Rotária de Letras / Seção Estado do Rio, como sua Diretora 2ª Tesoureira; Zeneida Apolônio Seixas representou o Rotary Club de Niterói-Norte, como Presidente da Comissão de Projetos; Dulce Rocha de Mattos representou a Universidade Aberta da Terceira Idade, como sua Diretora-Secretária.

Instituições integrantes da Federação de Academias de Letras do Estado do Rio de Janeiro também se fizeram representar: a Academia Niteroiense de Letras, por seu Presidente Edgard Fonseca; a Academia Teresopolitana de Letras, pelo seu Presidente Delmo Ferreira; o Ateneu Angrense de Letras e Artes, pelo seu Tesoureiro Paulo Daher; e a Academia Petropolitana de Letras, pelo seu decano Joaquim Eloy Duarte dos Santos.

A sessão se encerrou com o Coquetel de Confraternização.

MEMÓRIA



CARLOS TORTELLY RODRIGUES DA COSTA

1912-2003

Acadêmico Titular da
Classe de Ciências

WALDENIR DE BRAGANÇA*
*Acadêmico Titular da Cadeira nº 29
Classe de Letras
Comissão de Redação*

A Cegonha de Niterói

Nascido em Bananeiras, então Distrito de Itaperuna, em 29 de março de 1912, filho de José Alexandre Rodrigues da Costa e Margarida Tortelly Costa, Carlos Tortelly Rodrigues da Costa orgulhava-se muito da sua origem, e por onde andava falava de suas raízes e do amor pela gente de Itaperuna.

Exemplo perceptível e concreto daquele que viveu a dimensão especial do dom da vida que Deus oferece, Carlos Tortelly foi um predestinado com o qual muitos guardam dívida de gratidão. A Medicina o recebeu para dignificá-la mais ao servir. A ética nele se fazia essência. Os serviços médicos, órgãos públicos e particulares, associações, academias de Medicina e de Letras, entidades médicas, assistenciais e científicas o acolheram com intensa participação, deixando marcas que as engrandeceram.

Fez o Curso Superior na Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, tendo colado grau no dia 9 de dezembro de 1936. Entre os grandes mestres, deixou-lhe forte impressão o admirado Professor Fernando de Magalhães, com

quem trabalhou no Hospital da Pro Matre, autor da frase-síntese que o guiaria por toda a vida: "Viverás do amor dos que se foram, para o amor dos que não de vir".

Exerceu sua clínica nas cidades de Niterói e São Gonçalo, especializado em Ginecologia e Obstetrícia, atendendo e assistindo, através de suas funções, pacientes de várias cidades do Estado do Rio de Janeiro, durante 55 anos.

Foi chefe dos Serviços Médicos da Caixa de Aposentadorias e Pensões dos Ferroviários da Leopoldina Railway; da Caixa de Aposentadorias e Pensões dos Ferroviários e Servidores Públicos; do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Ferroviários e Servidores Públicos; Assessor Médico do INPS e do INAMPS.

Vocacionado para a prestação de serviços, exercia ações meritórias silenciosas em favor de crianças, gestantes, jovens marginalizados e carentes, portadores de deficiências e idosos – uma legião incontável de pessoas que receberam o reflexo luminoso do Doutor Tortelly. Com ele, o mundo se fez mais claro de esperança. Em sua postura de ser gente amiga e generosa, fez-se forte presença de amor idealista que não se apaga na névoa do tempo.

Suas lições de viver proporcionaram aprendizado de corajosa compreensão e tolerância para ser um exemplar mensageiro da Paz. O espírito de servir pelo servir humanitário o elevou para ser imbatível na caminhada para o Céu. Foi sacerdote de branco hábito e, mesmo sem ele, em alma de pureza. Soube bem aproveitar os talentos de que Deus o dotou. Evangelicamente. Etéreo ser, foi fiel ligação entre o Criador e os por Ele criados. Ser alado penetrando nos lares e junto de suas pacientes-mães, levava tranquilidade a quantas confiaram em sua consciência de médico. Era CEGONHA amada...

Suas grandes mãos, revestidas de aveludadas luvas divinas, eram esculturais instrumentos de Deus para receber neste mundo milhares de crianças. Cerca de 30 mil senhoras foram por ele orientadas e assistidas. Desvanecido, agradecia ao Senhor por lhe permitir nunca ter perdido uma só paciente no decorrer de mais de 55 anos exercendo a Medicina.

Foi presidente da Sociedade de Ginecologia e Obstetrícia no antigo Estado do Rio, da Associação Médica Fluminense, do

Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio de Janeiro, da Academia Fluminense de Medicina; vice-presidente da Associação Fluminense de Reabilitação e da Sociedade de Ginecologia e Obstetrícia no Rio de Janeiro.

Tive a oportunidade de conhecer o Dr. Tortelly no decorrer da vida profissional, e aprendi a admirá-lo profundamente. Foi para mim um amigo mais próximo do que um irmão.

Acompanhei seus esforços para a inauguração da sede da Associação Médica Fluminense na Rua Manoel de Abreu, nº 9, no Centro de Niterói, durante sua gestão como presidente (1952). Quase vinte anos mais tarde, estive ao meu lado na luta para a construção da nova sede da instituição na Av. Roberto Silveira, em Icaraí (1970). Juntos participamos, ainda, da criação da UNIMED Leste Fluminense, em 1971; e da fundação da Academia Fluminense de Medicina, hoje Academia de Medicina do Estado do Rio de Janeiro, em 1974 – da qual ele foi o primeiro presidente e eu, seu secretário-geral.



Carlos Tortelly e Waldenir de Bragança na UNIVERTI
Foto: Arquivo pessoal de Waldenir de Bragança

Da mesma forma, foi fundador, ao meu lado, da UNIVERTI – Universidade Aberta da Terceira Idade e contribuiu intensamente com suas atividades.

Colaborou para a criação, ainda, do Lar da Criança Padre Franz Neumair, do Hospital do Câncer, do Albergue São Benedito, do SOS Niterói, da Cidade dos Meninos, do Clube da Terceira Idade / CTIN.

Quando assumi a prefeitura de Niterói, ele mais uma vez esteve comigo, como primeiro Secretário de Trabalho e Bem-Estar Social da cidade.

Presidiu e organizou a primeira Feira de Integração Comunitária. Presidiu o Probus do Rotary Clube Niterói-Norte.

Possuía admirável sensibilidade do escrever, em prosa ou em verso. Transformou suas provocações em belos poemas líricos e filosóficos. Premiado poeta e trovador, publicou vários trabalhos científicos e literários, entre eles os livros de poesias *O Canto do Mar* e *O Beija-Flor e a Rosa*, e as biografias *Fernando Augusto Ribeiro de Magalhães* e *A Vida de Madre Teresa de Calcutá*. Foi coautor da obra *Aborto e o Direito à Vida* (Prêmio Genival Londres pela Academia Nacional de Medicina).

Nas palavras do professor, poeta e escritor Ângelo Longo, seu confrade na Academia Niteroiense de Letras:

Ele é trovador, por excelência, sem abdicar de outras formas fixas e não fixas, mantendo no cume de sua inspiração os largos e abrangentes abraços do talento, que lhe é inseparável. Louvado pelos companheiros, acreditado pelos seus pares, ungido às academias por seus méritos de conferencista, escritor e poeta, além de outras qualidades literárias natas, Carlos Tortelly goza do privilégio do aplauso unânime de seu círculo de amigos e admiradores.

Eterno defensor dos mais elevados padrões éticos na profissão, escreveu *A Ética no Mundo em que Vivemos* e *Ética e o Ato Médico*: "Sempre fui um obstinado crente no poder das forças morais e, mais ainda, um fiel seguidor do pensamento da soberania da ordem espiritual sobre o mundo material".

Membro das Academias Niteroiense e Fluminense de Letras, da Academia Brasileira de Medicina Militar e da Sociedade Brasileira de Escritores Médicos, foi escolhido o "Intelectual do Ano" em 1998.

Recebeu honrarias e homenagens de entidades e da sociedade pelo luminoso exemplo de dignidade na prestação de serviços humanitários e meritórios. Cidadão Benemérito do Estado do Rio de Janeiro, Cidadão Honorário de Niterói, Benemérito da Associação Médica Fluminense e da Academia Fluminense de Medicina e Benemérito

Construtor da Casa do Médico; Ordem do Mérito de Araribóia, Medalha Tiradentes, Medalha José Clemente Pereira, Medalha José Cândido de Carvalho, Medalha Felisberto de Carvalho, Prêmio Honra ao Mérito Médico Nacional. Seu honrado nome foi homenageado em postos de saúde, centros de estudos, unidades hospitalares.

Por ocasião do seu 80º aniversário o ilustre e saudoso Professor Horácio Pacheco, fundador da Academia Niteroiense de Letras, saudou-o discorrendo sobre as possíveis razões para sua perene jovialidade:

O segredo? – Deve ser, primeiro – creio – a atividade múltipla (atividade rimando com longevidade); a do médico, do poeta e trovador, do conferencista, do povoador (de suas mãos de obstetra já saíram para mais de trinta mil crianças); do geriatra (o obstinado protetor da terceira e quarta idades no Município); do fundador de asilos e orfanatos; do homem público... Sobretudo, do homem de bem (Tortelly é dessas criaturas que levam a gente a fazer as pazes com a espécie humana).

Outro segredo? – Parece que a velha fórmula de Camus: – a grandeza do homem consistindo na decisão de ser mais forte que a sua condição. O caso é que, saído de família humilde e de humilde lugarejo – Bananeiras, Itaperuna – filho de um ferroviário, teve de domar búfalos (onde é que eu já disse isso, Senhor?) para os seus arados de sonho. Infância dura, estudos feitos com a mais extrema dificuldade. Em todas as etapas. Médico, afinal, poucos terão sabido cumprir, com igual rigor, o juramento hipocrático.

O terceiro segredo estaria na concha. “Um dia, menino” (são versos dele) / “ganhei uma concha / trazida da praia: / coleí-a ao ouvido / e ouvi um ruído / e então me disseram: / – é o canto do mar”. É isso aí. O canto da beleza, o canto da poesia. Aprendido em criança e apurado no sofrimento, na vida. Nessa vida de honradez e caridade, que tem sido, para o bem dos outros, todo o seu poema em ação.

A amizade se identificava com Carlos Tortelly para dar ao sentimento um corpo visível. Sabia descobrir o universo do outro e o valorizava, para fazer crescer e realizar sonhos de vida. Aconselhava, com sua experiência, cuidadosamente, para mostrar obstáculos e para abrir oportunidade de outro encontrar felicidade. A sua amizade envolvia para estimular a bem viver e a descobrir novos horizontes.



*Carlos Tortelly na Câmara Municipal de Niterói
Foto: Arquivo pessoal de Waldenir de Bragança*

Conquistava almas pelas riquezas do seu coração e inteligência. Seus gestos, palavras e conduta coerente irradiavam um conjunto de qualidades que permanecerão como paradigma para os que crêem existir um sentido da vida.

Gigante na credibilidade, esforçou-se por construí-la desde cedo, para fazer surgir e consolidar o patrimônio ético-profissional e sociocultural – TORTELLY – nome emblemático de honradez e dignidade. Legado de Luz para as gerações.

Sem jamais esquecer a terra natal, também muito amou e foi amado pela cidade adotiva na qual viveu a maior parte de sua vida: “Niterói, minha cidade / Ela é escrínio de uma joia / Guardada com humildade / Nos sonhos de Arariboia”.

Falecido em 8 de janeiro de 2003, aos 90 anos, deixou quatro filhos: o neurocirurgião Aloysio Tortelly, os advogados Fernando Carlos Tortelly e Carlos Tortelly Filho, e o artista plástico Carlos Ângelo Tortelly – e vários netos. Nos seus últimos anos, teve sempre ao seu lado a dedicada companheira Marialva Frauches.

Em 2012 a Fundação Municipal de Saúde, a

AFL, a ACAMERJ, a ANL e várias outras instituições culturais, médicas e beneficentes se reuniram para promover a **Semana de Celebração do Centenário do Benemérito Carlos Tortelly Rodrigues da Costa**, cuja programação incluiu vários eventos em honra de sua memória, ressaltando as significativas ações e realizações de uma vida dedicada ao bem comum.

O amado Sacerdote da Medicina legou-nos as marcas de sua exemplar caminhada gloriosa no SERVIR – como médico, professor, pensador, poeta, trovador, escritor, exemplo de vigor intelectual – um coração que, servindo à Medicina, serviu à Humanidade, e continuará forte presença em nossas vidas.



PEDRO LUÍS 1839-1884

Patrono da Cadeira nº 3
Classe de Letras

CÉLIO ERTHAL ROCHA*
*Acadêmico Titular da Cadeira nº 27
Classe de Letras
Comissão de Redação*

O advogado, jornalista, político, orador e poeta brasileiro Pedro Luís Pereira de Sousa nasceu em Araruama / RJ, em 13 de dezembro de 1839, filho do Comendador Luís Pereira de Sousa e de D. Maria Carlota de Viterbo e Sousa.

Estudou no Instituto Freese, em Nova Friburgo, dirigido pelo inglês João Henrique Freese, onde teve como amigo Casimiro de Abreu, que lhe vaticinou o futuro na política.

Na Faculdade de Direito de São Paulo, onde se formou em Ciências Sociais e Jurídicas, reunia os amigos em serões literários na república onde vivia.

Em 1860, passa a advogar nas bancas de Teixeira de Freitas e de Francisco Otaviano no Rio

de Janeiro, assim como em Barra Mansa.

Inicia sua carreira na imprensa, aparecendo na Revista *Atualidade* ao lado de nomes como Bernardo Guimarães, Lafayette, Rodrigues Pereira. Colaborou também com *O Correio Mercantil*, *A Opinião Nacional* e o *Diário do Povo*.

Machado de Assis, que foi seu amigo, contou que os dois começaram juntos na cobertura do Senado como jornalistas, entre 1860 e 1861, ao lado de Bernardo Guimarães; Machado pelo *Diário do Rio de Janeiro*, Pedro Luís pelo *Correio Mercantil* e Bernardo pelo *Jornal do Commercio*.

Cumprindo a antiga previsão, elegeu-se deputado pelo Rio de Janeiro de 1864 a 1866 e de 1878 a 1881, destacando-se na tribuna por sua oratória:

A estreia de Pedro Luís na tribuna foi um grande sucesso do tempo, e está comemorada nos jornais com a justiça que merecia. Tratava-se de um projeto concedendo um pedaço de terra a um Padre Jannard, lazarista. Pedro Luís fez desse negócio insignificante uma batalha de eloquência, e proferiu um discurso cheio de grande alento liberal. Surdiram-lhe em frente dois adversários respeitáveis: Monsenhor Pinto de Campos, que reunia aos sentimentos de conservador o caráter sacerdotal, e o Dr. Junqueira, atual senador: eram dois nomes feitos e tanto bastava a honrar o estreante orador. (Machado de Assis, *Obras Completas*)

Agraciado com o título de conselheiro do Império em 1880, era titular da Legião de Honra e grande dignitário da Ordem da Rosa.

Participando do Gabinete Saraiva como ministro de Negócios Estrangeiros, teve que assumir, interinamente, o ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas (entre 31 de agosto e 3 de novembro de 1881); para ajudá-lo, fez de Machado de Assis, funcionário do ministério, seu oficial de gabinete.

Pedro Luís notabilizou-se como crítico e

* *biografia dos autores nas págs. 72-75*

poeta, destacando-se seus versos pelo vigor e emoção. A ode *Os Voluntários da Morte*, dedicada à Polônia, ficou famosa internacionalmente. No *Terribilis Dea*, revela suas impressões do combate de Riachuelo, cheio de patriotismo, do qual transcrevo um trecho:

Quando ela apareceu no escuro do horizonte,
O cabelo revoltado e a palidez na frente...
Aos ventos sacudindo o rubro pavilhão,

Resplandente de sol, de sangue fumegante,
O raio iluminou a terra... Nesse instante,
Frenética e viril, ergueu-se uma nação!

Assim o descreveu o amigo Machado:

Pedro Luís não tinha só a paixão que pôs nos belos versos à Polônia e no discurso com que, pouco depois, entrou na Câmara dos Deputados, mas ainda a graça, o sarcasmo, a observação fina e aquele largo riso em que os grandes olhos se faziam maiores.

A Acadêmica Albertina Fortuna Barros, no livro *Patronos da Academia Fluminense de Letras* o classifica como precursor do condoreirismo, do liberalismo literário, do romantismo político, um "idealista interessado nos problemas sociais da sua época".

Condenou a guerra e celebrou os heróis

da liberdade, como Tiradentes, Nunes Machado e Pedro Ivo; compôs poemas líricos como *A palmeira e a lua*; *A onda e o rochedo*; *O Leque de marfim*; escreveu crônicas cômicas e anedotas.

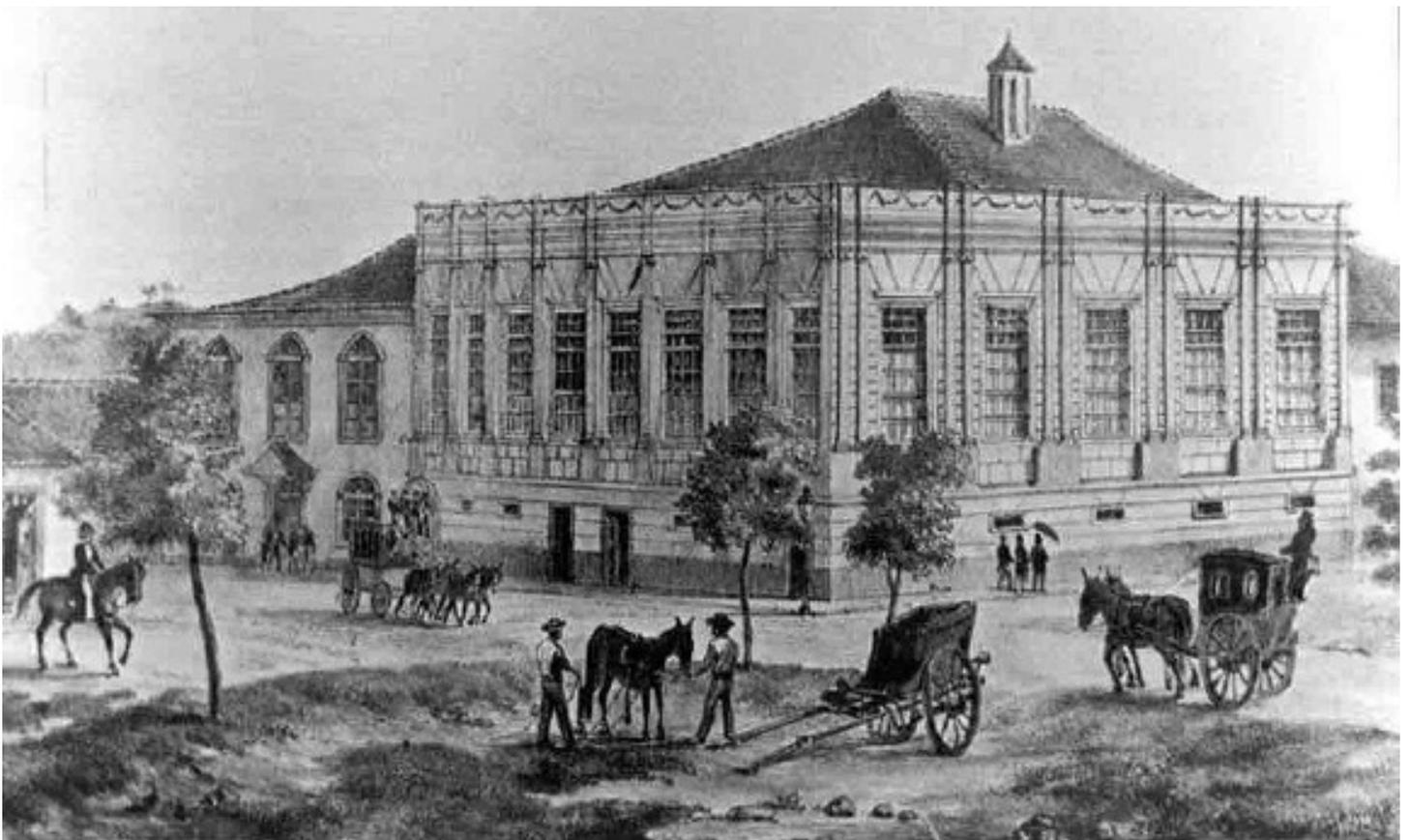
Opôs-se à abolição imediata temendo os prejuízos à nação, mas substituiu os escravos de suas lavouras por empregados remunerados.

Crítico literário, assim se dirigiu a D. Pedro II:

Vossos cortesãos asseveram que sois um sábio. Praza aos céus que assim seja. No dizer desses indivíduos, sois versado na literatura de todos os países; conheceis as línguas mortas, as línguas vivas; investigais os mistérios de todas as ciências e estais em dia com o progresso do século. Já houve mesmo quem dissesse que sois o primeiro médico do Império. Ao ouvi-los, sois a enciclopédia viva, de diadema e cetro. Hipérboles cortesias de que não tendes culpa, convenho, e que devem chamar aos vossos lábios certos sorrisos em que o prazer da vaidade humana fica sufocado pelo mais profundo desdém. Acredito que sois um homem de talento e de ilustração. Porém, ainda que vosso espírito adejasse no sétimo céu da Sapiência, não me contentara, senhor; e pedira aos deuses que vos deixassem conhecer também o que o povo diz, o que o povo sente.

O "Palácio do Conde dos Arcos", no Rio de Janeiro, primeira sede do Senado do Brasil. Litografia do século XIX.

Fonte Wikimedia Commons



José Veríssimo, em sua História da Literatura Brasileira, o considerou “um poeta brilhante, o precursor da inspiração política e social e do que depois se chamou condoreirismo, na nossa poesia, político de relevo, jornalista, conversador agradabilíssimo, segundo quantos o trataram, e homem do mundo de rara sedução”.

Pedro Luís presidiu a Província da Bahia de 29 de março a 11 de dezembro de 1882 e de 16 de dezembro de 1882 a 14 de abril de 1884. Já adoentado, deixou o posto como um governante respeitado e querido, para retornar à sua fazenda em Barra Mansa.

Faleceu em Bananal, no dia 16 de julho de 1884.

Era casado com D. Amélia Valim Pereira de Sousa, filha do Comendador Manuel de Aguiar Valim. Era tio do presidente Washington Luís Pereira de Sousa.

Publicou em vida: *Terribilis* (1860); *Os voluntários da morte* (1864); *A sombra de Tiradentes e Nunes Machado* (1866); *Prisca Fides* (1876); *Poesias* (1897). Em 1934 a Academia Brasileira de Letras fez publicar seus *Dispersos*.

É patrono da Cadeira nº 31 da Academia Brasileira de Letras e da Cadeira nº 32 da Academia Fluminense de Letras, fundada por Belisário de Souza e ocupada, posteriormente, por Kleber Sá Carvalho e Emmanuel de Macedo Soares.

Referências:

ASSIS, Machado de. Pedro Luís. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v. III, 1994. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/item/142-pedro-luis>. Acesso em: 15 jun. 2022.

ASSIS, Machado de. **O Velho Senado**. Brasília: Senado Federal, 2004. Edições do Senado Federal, vol. 37. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/1106>. Acesso em: 15 jun. 2022.

BARROS, Albertina Fortuna. **Patronos da Academia Fluminense de Letras**. Niterói: La cava, 1975.

PEDRO LUÍS. Biografia. Acadêmicos. **Sítio da Academia Brasileira de Letras**. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/pedro-luis/biografia>. Acesso em: 15 maio 2022.

VERÍSSIMO, JOSÉ. **História da Literatura Brasileira**. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2127. Acesso em: 15 jun. 2022.



RAJA GABAGLIA

1862-1919

Patrono da Cadeira nº 36

ENEIDA FORTUNA BARROS*
Acadêmica Titular da Cadeira nº 19
Classe de Letras
Comissão de Redação

Natural de Niterói/RJ (14.09.1862-25.03.1919), Eugênio de Barros Raja Gabaglia foi engenheiro, professor, escritor e tradutor. Pelo lado materno provinha da nobre família dos Barros de Sobral, do Ceará. Após a morte do pai – o capitão-tenente Giacomino Raja Gabaglia, professor emérito de Análise Infinitesimal na Escola Naval – foi, ainda menino, para Sobral, e logo se destacou como um estudante extraordinário, um verdadeiro prodígio.

De volta ao Rio de Janeiro, foi colega do poeta Olavo Bilac no Colégio São Francisco de Paula; e, em 1880, matriculou-se na Escola Politécnica (hoje UFRJ), onde passou a lecionar Matemática, ainda estudante.

Em 1885, graduou-se em todos os cursos ali lecionados: engenheiro geógrafo, engenheiro civil, engenheiro de minas e bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas.

Raja Gabaglia nunca parou de trabalhar, estudar e pesquisar. Foi professor de História Natural na Escola Normal da Corte, no Instituto Bernardo de Vasconcellos e no Externato Aquino. Fez três concursos públicos.

* *biografia dos autores nas págs. 72-75*



No mesmo ano em que se formou, obteve o primeiro lugar no concurso de professor substituto à vaga de Matemática do Colégio Pedro II, em que, com a Proclamação da República, passou à cátedra de Geografia Geral, por indicação de Benjamin Constant, ministro da Instrução Pública, em reconhecimento ao seu valor. Passou a diretor do educandário, e deixou escrita no número 1 do Anuário do Colégio, que fundou, toda a sua história, engrandecida por sua influência de exemplar educador e administrador.

Concorreu (1893), em renhida disputa, com um magistral estudo, ao concurso para a cátedra de História Natural na Escola Militar, embora não tenha podido terminá-lo, por impossibilidade de locomover-se de Minas Gerais, onde se encontrava, até o Rio de Janeiro, por motivo da Revolta da Armada.

Inscreveu-se, logo depois, no concurso de professor da Escola Naval; e era tão grande seu prestígio junto ao meio científico brasileiro, que a congregação dos professores resolveu dispensá-lo das provas. Assim, ele assumiu a vaga de Cálculo Infinitesimal, a mesma disciplina antes assumida por seu pai – como ele, insigne professor. Depois, passou ao ensino, também, de

*Fachada do Colégio Pedro II (Campus Centro) na década de 20 do século XX
Fonte: Colégio Pedro II (cp2centro.net/)*

Geometria Analítica. Em 1897, demonstrou toda a sua erudição no concurso para catedrático de Astronomia na Escola Politécnica, onde era lente interino.

Foi diretor do setor de Obras Hidráulicas e Construções Civas do Ministério da Marinha; diretor do Montepio dos Servidores do Estado; membro do Conselho Diretor do Clube de Engenharia do Rio de Janeiro; membro da Academia Brasileira de Ciências e membro da Comissão Internacional de Instrução Matemática.

Dedicou-se ao estudo de línguas vivas e mortas – Francês, Inglês, Italiano, Espanhol, Latim e Alemão.

Colaborou em diversas revistas – da Escola Politécnica, do Clube de Engenharia, do Instituto Histórico.

Foi tradutor de todos os trabalhos de didática da Coleção F.I.C., publicada no Brasil pela Livraria Garnier.

Minas Gerais deve a ele os planos da construção da cidade de Belo Horizonte, um

importante trabalho de geodésia: seu nome foi dado a uma das principais vias da cidade.

Escreveu: *Navegação Interior*, considerada a obra mais completa sobre o assunto; *Evolução do Conceito de Infinitésimo*, de Zenon a Cavallièrre; *Papiro Rhind*, estudo de papiro encontrado nos sarcófagos dos reis do Egito; *História das Matemáticas*, primeiro livro brasileiro dedicado ao tema; *História dos Logaritmos*.

Recebeu a Medalha de Ouro, raramente conferida a um professor, por ter trabalhado, gratuitamente, no Liceu de Artes e Ofícios, durante anos, desde suas primeiras aulas de Matemática: a compaixão e a generosidade o acompanharam sempre.

É patrono da Cadeira nº 36 da Academia Fluminense de Letras, fundada por Henrique de

Araújo e ocupada, na sequência, por Everardo Backheuser, Brígido Tinoco e Waldyr Jansen de Mello.

Referências:

ARAÚJO, Henrique de. **Elogio de Raja Gabaglia**. Revista da Academia Fluminense de Letras, Rio de Janeiro, v. II, maio 1950, p. 10-18.

BARROS, Albertina Fortuna. **Patronos da Academia Fluminense de Letras**. Niterói: La Cava, 1975, p. 94-96.

EUGÊNIO DE BARROS RAJA GABAGLIA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Eug%C3%AAnio_de_Barros_Raja_Gabaglia. Acesso em: 15 jun. 2022.

MARTINS, Juliana. **Uma Biografia de Eugênio de Barros Raja Gabaglia**. Rio Claro/SP, 2019. Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".



TEIXEIRA DE MELO

1833-1904

Patrono da Cadeira nº 43
Classe de Letras

MÁRCIA PESSANHA*
*Acadêmica Titular da Cadeira nº 6
Classe de Letras
Comissão de Redação*

José Alexandre Teixeira de Melo, médico, poeta e historiador, nasceu em Campos, no dia 23 de agosto de 1833, sendo seus progenitores José Alexandre Teixeira de Melo e D. Eugênia da Conceição Torres.

Fez o primário em seu torrão natal e aos

19 anos terminou o Curso de Humanidades no Seminário Episcopal de São José, no Rio de Janeiro.

Diplomou-se em Medicina, em 1859, recebendo distinção com seu trabalho *Hospício de expostos*.

Quando estudante, pertenceu à Academia de Filosofia e à Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional.

Até 1875 exerceu a Medicina em Campos, e também se dedicava ao Jornalismo. Como jornalista também assina artigos com o pseudônimo de "Anódino". Em 1876 retornou ao Rio de Janeiro, onde foi nomeado Chefe da Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional; em 1882 foi transferido para a seção de Impressos e Cartas Geográficas e em 1895 foi nomeado Diretor da Biblioteca Nacional, vindo a se aposentar em 1900.

Como historiador realizou várias pesquisas sobre a história brasileira, e publicou artigos nos *Anais da Biblioteca Nacional*, na *Gazeta Literária* e na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, do qual era também membro titular.

Membro fundador da Academia Brasileira de Letras, Cadeira nº 6, tendo como Patrono Casimiro de Abreu.

Como poeta, pertenceu à geração mais ligada ao Romantismo, com Casimiro de Abreu,

* *biografia dos autores nas págs. 72-75*

livro de versos, 1858; *Myosótis*, também versos, em 1877; *Efemérides Nacionais*, trabalho bibliográfico em 3 volumes, 1881; edita *Limites do Brasil com a Confederação Argentina*, com documentos sobre o problema das Missões, em 1883; *Traços biográficos de Literatos e Estadistas Chilenos*, em 1895; além das biografias de Cláudio Manuel da Costa, Laurindo Rabelo e Joaquim Caetano da Silva.



*Fachada da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 4 de março de 1910.
Foto: Ferrez, Marc - BNDigital*

Teixeira de Melo, por sua atuação e produção como historiador e biógrafo, recebeu elogios, especialmente de Rio Branco. E com relação aos seus livros de poemas, alguns escritores se manifestaram, dentre eles: Silvio Romero, ao declarar que os versos alexandrinos de Teixeira de Melo, na página 168 do livro *Sombras e Sonhos* eram os mais corretos em nossa língua.

E coroando as apreciações críticas elogiosas ao seu Patrono, na Cadeira nº 43 da Classe de Letras da AFL, Artur Nunes da Silva, 2º ocupante da referida cadeira, em seu discurso de posse disse: “Três são as virtudes da obra poética do vate campista: o lirismo discreto e sem exageros, a simplicidade do estilo casada às imagens elevadas e, sobretudo, a impecável correção na frase, aliada a um metro seguro, que o coloca entre os precursores do parnasianismo brasileiro”.

José Alexandre Teixeira de Melo faleceu no dia 10 de abril de 1904, com 71 anos, na antiga Capital Federal, depois Estado da Guanabara, hoje Estado do Rio de Janeiro.

A Academia Fluminense de Letras o homenageou como Patrono da Cadeira nº 43 da Classe de Letras, que teve como fundador Ernesto Paixão, sucedido por Arthur Nunes da Silva, Heitor Gurgel e José Inaldo Alves Alonso.

Seguem alguns versos que expressam seu estilo lírico, conforme evocado por Artur Nunes da Silva:

A vida sem amor é um deserto
Em que a sede desvaira a caravana!
É como o mar, que indiferente canta
E arremeda o carpir da dor humana!

Amemos hoje que a tormenta foge
E vai por outros céus rugir agora!
A mim, que te hei de amar por toda a vida,
Branca pomba do céu, ama-me um’hora!

(do poema *Estâncias*, de *Sombras e Sonhos*)

.....

Tu és a luz da minha vida, a crença
Que a minha morta mocidade chora;
Minh’alma adeja na amplidão, suspensa,
Quando não vejo o teu sorrir de aurora....

De aurora, sim! – pois a neblina imensa
Em que me envolvo – toda se adelgaça
Ao teu sorriso angelical e às vezes
Que ao pé de mim o teu vestido passa.

(do poema *Fascinação*, de *Myosótis*)

TEMPLO DA PALAVRA

CARTA A UM JOVEM PRÉ-UNIVERSITÁRIO

LUIZ FELIZARDO BARROSO*
Acadêmico Titular da Cadeira nº 4
Classe de Letras

A escolha da profissão

É claro que a escolha da profissão é uma das coisas mais importantes de nossa vida, pois ela vai determinar, muitas vezes, a nossa própria felicidade pessoal.

É bem verdade que o ser humano se realiza em diversos planos: no plano profissional, já citado; no plano físico, com sua saúde e aparência pessoal impecáveis; no plano afetivo, neste apenas em outro ser, como seria natural; no plano espiritual, respondendo às perguntas: Quem sou eu? De onde vim? Por que vim? E, finalmente, para onde vou? Neste plano espiritual você só se realiza sozinho, nas suas leituras específicas, mas sobretudo nas suas reflexões e meditações. No plano intelectual que eu deixei para o último, porém não derradeiro lugar, você só se realiza com seus estudos e suas leituras, com seu enriquecimento mental. Os autodidatas, como outrora eram muito encontrados, não precisam frequentar cursos ou faculdades; hoje, porém, é diferente, sem que se despreze os estudos e as leituras é claro, pois as faculdades, a meu ver, servem, principalmente, para mostrar a você o universo de coisas que você não sabe, mas que deveria saber; enfim, para abrir seus olhos para o tamanho da sua ignorância, "só sei que nada sei!", dando-lhe motivação para o estudo.

Neste plano, no intelectual, situam-se todos os seus pendores que vão servir de matéria-prima para sua realização profissional, inclusive, é claro, os pendores artísticos. Os dotes inatos, as qualidades das pessoas, podem e devem ser decididamente desenvolvidas e canalizadas para uma das profissões existentes, formais ou não formais, não importa.

Uma canalização bem-feita, bem direcionada destes pendores, vai redundar na escolha certa da profissão. Com a opção certa, virá a felicidade pessoal, a realização profissional, a vaidade profissional satisfeita e o sentimento de poder ser útil às demais pessoas, através da sua profissão, o que o gratificará bastante, independentemente da remuneração pecuniária

* *biografia dos autores nas págs. 72-75*

que você receba.

Com o sucesso na profissão virá, também, como corolário, a realização no campo material, que lhe dará os meios de usufruir dos prazeres materiais da vida e recursos financeiros para você investir mais na sua própria profissão, melhorando, sempre e cada vez mais, sua performance através de viagens, congressos, apresentações públicas, etc., etc.

Dar-lhe-á tranquilidade inclusive para você poder refletir melhor sobre sua vida (plano espiritual) e para poder proporcionar todo o conforto material para aquela pessoa a qual você escolheu para viver junto consigo (realização no plano afetivo). Veja, pois, como, apesar de secundária, a realização no campo material é muito importante; não é suficiente, é claro, mas é indispensável, tal qual o sentimento do amor no casamento, pois quem tem fome não pode filosofar, tem que conseguir, primeiro, dinheiro para alimentar-se, ter uma casa em um local digno e aprazível; roupas para vestir, enfim, como eu costumava dizer, ter as dificuldades práticas da vida todas resolvidas.

A realização no plano intelectual, com a escolha certa da profissão, portanto, agora, também no campo profissional e, depois, no material, como o exposto acima, não é fácil.

Por exemplo: se você quer ser rico, ter bastante conforto material e gosta de lidar e orientar pessoas, jamais poderá escolher a profissão de sacerdote, os quais, geralmente, fazem voto de pobreza pessoal.

Assim, a primeira coisa que você deve fazer é conhecer a si próprio o quanto possível, respondendo às perguntas: Quem sou eu? De que "matéria-prima" sou feito? Meu coeficiente intelectual é verbal? É especial? Por quê? É dado a algarismos? Sou um pesquisador nato? Gosto de lidar com as pessoas? Ou sou um tanto tímido ou extrovertido? Sou ambicioso? Gosto de conforto material? O que me dá maior satisfação intelectual? Mexer com o corpo humano? Com a natureza? Com os animais? Cuidar fisicamente das outras pessoas? Mexer com números? Com algarismos? Com cálculos? Com palavras? Escrever u'a página bonita? Desenhar, pintar? Tocar um instrumento? Qual? De cordas? De percussão? Compor música? Cantar?

Fazer de cada uma destas coisas um pouco?

Quais? Sem ser um LEONARDO DA VINCI, quem mexeu com várias ciências ao mesmo tempo, com quais daria para eu lidar, concomitantemente, sem prejuízo de nenhuma delas?

E meu lazer como fica? Será que eu terei que trabalhar no que talvez não goste tanto e dedicar-me ao que gosto muito só nas horas do lazer?

E a prática regular de um esporte ou exercício físico como fica? Que faculdade eu vou cursar? Será que eu já escolhi certo ou terei, ainda, que fazer uma troca? Veja quantas indagações.

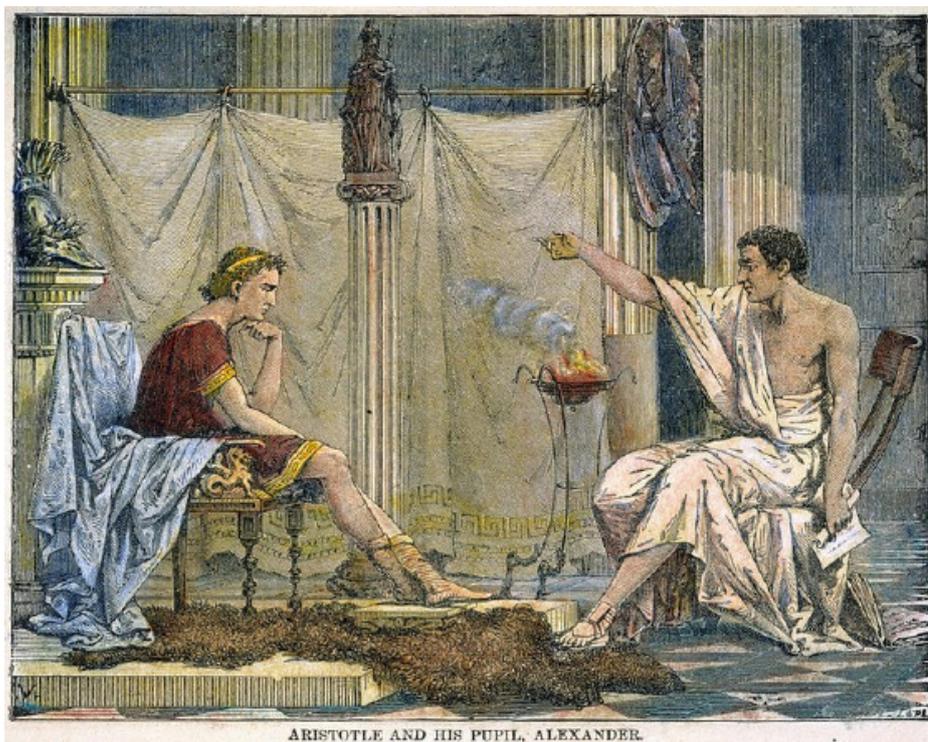
Todavia, não fique angustiado. Um teste vocacional ajudaria muito, aclarando os horizontes.

Você ainda é muito jovem. Não se afobe. Ah! Meus dezoito anos. Quantas angústias, quantas incertezas! Porém, quantos belos sonhos, quanta energia e vontade de viver e de acertar!

Você não se deve deixar desmotivar com escolhas ainda não precisamente certas. Mas deve ser firme na vontade de acertar e ter "saco" para aguentar aquilo que você está experimentando sem saber, ainda, se você gosta mesmo ou não.

Seja como for, a realização profissional, tendo por detrás todos estes fatores intrínsecos muito importantes, possui outros extrínsecos ligados à economia do país em que cada um de nós

*Aristóteles ensinando Alexandre, o Grande.
Gravura de Charles Laplante.*



vive, por exemplo, e às oportunidades de trabalho que nos são oferecidas dentro das atividades ou profissões escolhidas. No Brasil, além das vagas de trabalho serem muito poucas, infelizmente, campeia cada vez mais a desonestidade, o regime do pistolão, do paternalismo, das pessoas que ganham muito além do que fazem ou mereceriam: os marajás.

Ainda, assim, como a economia brasileira não está, por enquanto, estratificada, o melhor para você será realizar-se, profissionalmente, por aqui mesmo do que, por exemplo, na Europa, onde não se briga mais na profissão escolhida pela eficiência, mas pela excelência; onde quase todas as oportunidades já estão preenchidas e você é sempre obrigado a deslocar alguém da arena, como em uma luta de sumô, simplesmente para ter um lugar ao sol.

Portanto, os fatores extrínsecos, conquanto situados inicialmente em um plano secundário, não devemos descuidar de sua importância, pois refletem-se, diretamente, no material, que por sua vez reflete-se em cadeia, para trás, no profissional, no intelectual, e até no afetivo, pois dizem que "quando a necessidade bate na porta, o amor do casal foge pela janela". É algo, pois, a ser pensado.

Outra coisa são as profissões que já existem, como a Engenharia, a Arquitetura, o Direito, a Medicina, a Economia, etc., etc., que em um país de bacharéis, como o nosso, por si só já conferem um certo status. Só que se você estiver errado em uma qualquer delas, o status da profissão não vai lhe adiantar nada.

Felizmente, quando não se precisa arranjar um emprego qualquer para poder se sustentar, enquanto estuda, conseguir um trabalho as vezes até odiado em princípio, como muitos brasileiros, se não, aliás, a quase totalidade, tudo fluirá melhor. Todavia, trabalho é trabalho; é meio de vida e, como tal, deve ser encarado e com todo o respeito, seja qual for, desde digno e lícito.

Você pode seguir tranquilo, dedicando-se integralmente aos seus estudos para já vir brigando pela excelência, aqui ou no exterior, enquanto outros ainda

brigam por uma formação qualquer, pois para você talvez venha a ser, até, mais difícil do que foi antes, já que a sociedade brasileira vem se sofisticando, cada vez mais.

Resumindo, eu penso que, se estou lidando com a matéria-prima de que sou feito, posso, perfeitamente, dedicar-me a mais de uma atividade. Aquela que, sem me violentar, dar-me-á a realização profissional e material e a que será o meu lazer, conferindo-me higiene mental para que eu possa trabalhar cada vez mais e melhor, porque "ninguém é de ferro".

Mesmo que você só faça, exclusivamente, aquilo que você goste, para superar-se a si próprio e, sobretudo, ao seu concorrente, você tem que se dedicar à sua profissão com todo o empenho, praticando, sei lá, até oito, dez horas por dia.

Veja o que disse o RICARDO PRADO, nosso às da nataçãõ: "Durante minha vida vi mais vezes a lista negra do fundo da piscina do que qualquer outra coisa".

Muitas vezes o lazer transforma-se no meio mais rendoso do que a própria profissão escolhida e você deixa até a sua carreira formal para dedicar-se, exclusivamente, ao seu lazer, agora tornado profissão. Mas não se iluda, transformando o lazer em profissão vai ter que entrar na rotina do treinamento, do aperfeiçoamento, do labor diário, como qualquer outra profissão.

Jovem pré-universitário!

Espero que estas minhas reflexões o ajudem a pensar e a decidir bem sua vida. Nada aqui é definitivo. Quem sou eu para ser dono da verdade. Sou, apenas, mais velho, mais vivido e, portanto, mais experiente, e quem enxerga o horizonte para além do cume da montanha, onde está situada a metade da nossa via, e que os jovens ainda não podem enxergar porque ainda estão galgando o sopé do monte.

Vacile enquanto você ainda pode, mas não desista nunca e lembre-se de que o tempo passa muito rápido.

DOCE MEL

MARIA DO CARMO SOARES CORDEIRO*
Acadêmica Titular da Cadeira nº 9
Classe de Letras

Fecho os olhos e me deixo ser levada a um espaço grande, coberto por uma vegetação rasteira e ao mesmo tempo entremeado de árvores frutíferas. Procuro ver os avós, mas subitamente eis que surge uma menina. Identifico o lugar: Monte Azul. A luz do sol nascente ainda não conseguiu secar as gotículas do sereno da madrugada. Mas vai acontecer. Nas mãos da menina um lápis e um caderno.

Esta é a imagem que construo da Fazenda do Monte Azul por volta de 1870 ou mesmo 1880. Não tenho como precisar a data, não tenho.

Pois bem, voltemos à realidade:

Numa das singelas casas construídas no entorno da Praça Fonseca Portela, a praça central da cidade de Rio Bonito, estado do Rio de Janeiro, no dia 12 de dezembro de 1863, veio à luz a menina Maria Júlia Cortines Laxe, como citado em conferência proferida na Academia

Fluminense de Letras pelo poeta e acadêmico Renato de Lacerda cem anos após, na noite de 13 de dezembro de 1963. Conferência que deu lugar ao livro intitulado *Júlia Cortines, a Musa Fidalga de Rio Bonito* – edição do autor, composto e impresso em Niterói pela Gráfica Waldeck Ltda. no ano de 1967. Obra prefaciada pela competente e respeitada professora Albertina Fortuna Barros.

Maria Júlia herdou, ao que tudo faz crer, do seu pai, o advogado paulista, político e escritor, Dr. João Batista Cortines Laxe amor aos livros, mas já trouxe ao nascer a inclinação para a composição de inspirados versos. Sua mãe, a rio-bonitense Dona Júlia Mesquita Cortines Laxe.

Isto afirmado, iniciemos uma viagem a Rio Bonito do final do Século XIX.

Cobria morros e serras, o verde.

O município, emancipado pela Lei Provincial de 7 de maio de 1846, dava seus primeiros passos e a cidade conhecida como a Petrópolis dos Pobres devido ao clima, à semelhança do encontrado na cidade imperial, fazia das noites um aconchego: lareiras ou fogueiras acesas e conversas infundáveis. Amenos e alegres eram os dias banhados pelo sol que diariamente pedia

* *biografia dos autores nas págs. 72-75*

licença à neblina para se mostrar...

O equilíbrio existente entre a natureza exuberante e o povo hospitaleiro propiciava aos que passavam ou mesmo àqueles que ali viviam comungar do sentimento que tomou conta muitos anos após, do poeta Hélio Nogueira, quando escreveu:

*Rio Bonito é assim: um céu aberto.
De líricas manhãs e noites calmas.
Jardim imenso de rosas coberto
Florindo o sonho fraternal das almas.*

Portanto, ao leitor, uma ideia do que visitantes podiam esperar e desfrutar daquela gente e daquelas terras.

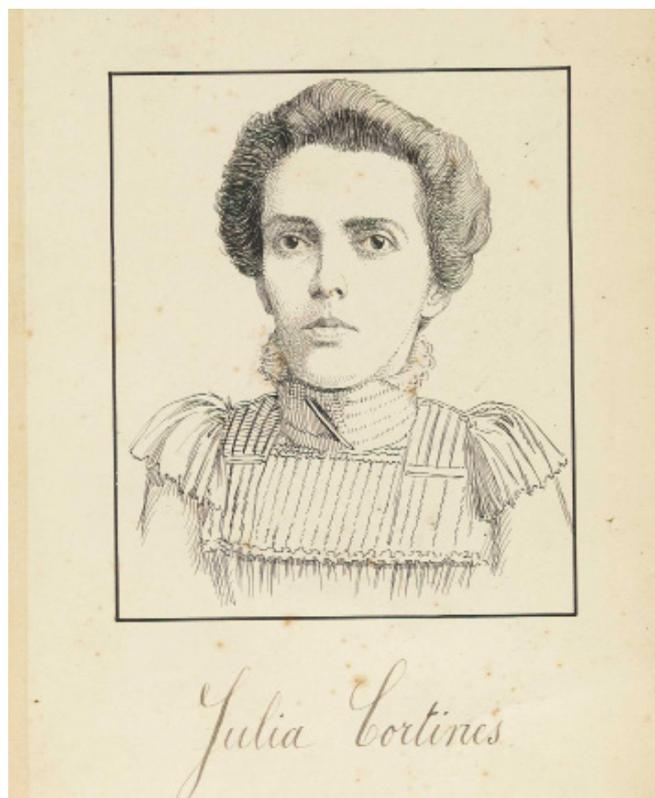
É do conhecimento de muitos que a menina Maria Júlia dividiu sua infância em espaços de tempo passados ora com seus pais, ora com seus avós maternos na Fazenda do Monte Azul, fazenda que ficava situada no sopé da serra do mesmo nome. Monte Azul, interior de Rio Bonito, região limítrofe com o município de Silva Jardim segundo o poeta Renato de Lacerda, teria recebido esta denominação devido à forte ozonização ali existente.

Na infância certamente Maria Júlia brincou entre as palmeiras e tomou banhos de sol nas manhãs claras e ensolaradas da Praça Fonseca Portela onde está erguida a Igreja Matriz, erigida sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição e ao redor do chafariz, inaugurado em 1857.

Na Fazenda do Monte Azul, deu seus primeiros passos em direção à língua e à literatura. O ambiente que a cercava muito colaborou para que mais e mais desenvolvesse o amor às letras.

Sensível e sonhadora, cedo deixa fluir seus sentimentos. Aos treze anos como ela mesma afirmou, escrevia seus primeiros trabalhos literários. Como mulher, fez severas críticas a si mesma, julgando-se feia e sem atrativos, o que não a impediu de estudar, ler, viajar e escrever poesias de infinito valor. Mesmo assim, já mais adulta não mudou a maneira de se ver. Com o passar dos anos ficou evidente que a sua beleza não era física e sim, interior.

De fina educação e enorme sensibilidade escolhe o caminho do ver-se, aquele que vai nomeá-la eterna musa poetisa de Rio Bonito.



Cortines, Julia, 1868-1948 - Retratos
Fonte: *Sonetos brasileiros (edição completa): desenhos dos sonetos 258 a 298. p. 298. Objdigital*

Abelha rainha.

Ao seu redor com o passar dos anos estariam e estão B. Lopes, Renato de Lacerda, Sebastião Siqueira, Nilza Rolim, Hélio Nogueira, Angelo Longo, Maurício Badr, Adão Longo, Lizair Guarino, Adelir Machado, Antônio Miranda, Hélia Carla e outros mais...

Ao longo de sua vida (que findou em 19 de março de 1948) a poetisa Júlia Cortines nos brindou com duas obras: *Versos* (1894) e *Vibrações* (1905), livros que receberam a atenção da Academia Brasileira de Letras e fazem parte da Coleção Austregésilo de Athayde, publicados em 2010 em um único volume.

Recriando poeticamente sua terra natal, Júlia Cortines oferece aos leitores, amantes da poesia, com imensa capacidade de descrição, o poema:

Terra Ideal

*Como um pássaro, abrir na amplidão do horizonte
As asas eu quisera, e a uma terra voar
Que existe para além do píncaro do monte
E para além da toalha infinita do mar.*

*Terra onde o pálio azul das auroras se estende,
Sem nuvens, tinto de oiro o límpido fulgor,
Por sobre um solo verde e viçoso em que esplende
A água viva a cantar entre margens e flor;*

*Onde os nimbus jamais, fustigados do açoite
Dos ventos, pelos céus rolam em turbilhões,
E onde o amplo manto arrasta a tenebrosa noite
De planetas broslado e de constelações;*

*E que do liminar de minha adolescência,
Entre sombras, a furto e a distância, entrevi,
E que em pleno verão e em plena florescência
Da raia do horizonte ainda me sorri...*

*E para onde eu estendo avidamente os braços,
E para onde se lança atraído o meu ser,
Vendo-a sempre, através de infinitos espaços,*

De meus braços fugir, de minha alma correr...

Em retribuição a tanto amor demonstrado a sua terra natal, Rio Bonito contempla uma das ruas centrais da cidade com o nome Júlia Cortines. Niterói também a homenageia denominando em Icaraí, na Rua Lopes Trovão, Campo de São Bento, a escola municipal ali existente.

Ler Júlia Cortines – parnasiana e simbolista, não é somente se deixar levar pela harmonia, sensibilidade estética, conteúdo e beleza. É mais. É saborear o mais puro mel da lírica fluminense. Doce mel.

*A poesia imortaliza tudo o que há de melhor
e de mais belo no mundo.
Mary Shelley*

HOMENAGEM ÀS MÃES I

Apresentado na Solenidade de 12 de maio de 2022

ENEIDA FORTUNA BARROS*
*Acadêmica Titular da Cadeira nº 19
Classe de Letras*

Venho, de início, cumprimentar todas as Acadêmicas e todos os Acadêmicos hoje presentes na nossa Academia Fluminense de Letras, a “nau pioneira”, no dizer de Dr. Waldenir de Bragança, a quem desejamos possa estar aqui conosco brevemente para receber, em data oportuna, o nosso reconhecimento por sua muito profícua gestão, nesses mais de 10 (dez) anos de Presidência da Casa.

Tenho o prazer de participar da Abertura das atividades presenciais de 2022, nessa Homenagem pelo transcurso do Dia das Mães – sempre festejado no segundo domingo de maio – e hoje, com nossos mais merecidos louvores a todas elas.

Quero ainda lembrar que não foi possível, como de costume, iniciar-se o Ano Acadêmico nas comemorações do Dia Internacional da Mulher – datado de 08 (oito) de março de cada ano – quando é sempre citada a Acadêmica Albertina Fortuna Barros, mulher símbolo da AFL. A ela,

* *biografia dos autores nas págs. 72-75*

também as nossas homenagens.

É Casimiro de Abreu quem nos diz, com seu romantismo altamente lírico, no poema *Minha mãe*:

*Feliz o bom filho que pode contente
Na casa paterna de noite e de dia
Sentir a carícia do anjo de amores,
Da estrela brilhante que a vida nos guia!*
— Uma Mãe! —

Mãe, natural ou do coração, é aquela que cuida, e é capaz de criar um vínculo essencial de calor afetivo com a filha ou filho, importante para o seu desenvolvimento.

Simone de Beauvoir, modelo para as feministas do mundo todo, foi genial ao dizer que “Mulher não nasce mulher, torna-se”, frase que causou impacto entre as próprias mulheres, e veio concretizar a ideia da força feminina – o empoderamento, hoje.

Nesse século XXI, ficou claro o avanço da mulher-mãe, na batalha pela valorização pessoal e do mercado de trabalho, inclusive na chefia da família.

O pós-modernismo, no entanto, veio provocar o rompimento dos laços da família tradicional, o que tornou mais visíveis questões de preconceito, da adoção, do feminicídio, do desemprego, e outras ainda não muito bem

resolvidas no mundo atual. O homem e a mulher largaram todas as amarras para se tornarem livres, mas, na verdade, acabaram ficando “à deriva”. Foi o que constatou o filósofo e colunista Márcio Tavares D’Amaral.

Os velhos modelos exemplares de mães, dos mitos tradicionais das sociedades arcaicas, perderam-se, estão bem distantes de nós, embora sobrevivam ainda na cultura popular, nas artes e na literatura, principalmente na literatura infantil.

É a imagem das mães d’água que habitam os lagos, os mares e os rios. Ou da mãe, em *Cobra Norato*, de Raul Bopp, no poema *Mãe-preta*, que, na linguagem do tempo do autor, repete exatamente duas fases distintas do mito arcaico.

Ao contar uma história para o filho, ao dormir, essa mãe vai recitando todo o mito cósmico, no qual o mundo mágico fala através dos elefantes, do mato, do sol, do rio, das árvores e do mar.

Vem-lhe, a seguir, à memória, o mito de origem da sua história tribal, que ela traz no sangue, nostalgicamente.

Na Idade Média, esses mitos pagãos e suas figuras divinas iam resistindo à extinção, e foram cristianizados. As antigas deusas da fertilidade passaram a assemelhar-se à Virgem Maria e às santas.

Tornou-se muito conhecido e repetido o poema de Barreto Coutinho:

*Eu vi minha mãe rezando
Aos pés da Virgem Maria
Era uma santa escutando
O que outra santa dizia.*

No Renascimento, o racionalismo, visto pelo prisma da investigação científica, banalizou a experiência religiosa e sagrada do mundo. Isso pode ser acompanhado pelos quadros, pelas pinturas.

A descoberta da psicanálise, por Freud, veio promover o pensamento de uma imagem restaurada, na esperança de novo renascimento da figura materna.

Agora é o momento da aceitação de um mundo materno-filial, sem afetação e assertivo, do sim e do não, com limites, no momento certo, e em diálogo com o mundo.

Clarice Lispector, no conto *Os laços de família*, que dá título ao livro, mostra uma percepção polivalente e multifacetada da



Figura de Mãe e Criança (Phemba)
Fonte: Brooklyn Museum, Museum Expedition
1922, Robert B. Woodward Memorial Fund

“mulher” (a filha) e da “mãe” – só depois o leitor fica sabendo se chamarem Catarina e Severina.

Clarice faz um retrato que beira a caricatura e que acentua os desencontros familiares.

O conto se inicia quando ambas estão em um táxi a caminho da estação, em que a mãe tomara o trem, depois de uma visita à filha.

No momento da despedida, a filha só consegue dizer, muito reticente: “...Mamãe”.

Depois, começa a pensar no que as duas se tinham esquecido de dizer, uma para a outra. E continua – “Parecia-lhe que deveriam um dia ter dito assim: sou tua mãe, Catarina. E ela deveria ter respondido: e eu sou tua filha.”

Era tarde demais, o trem já partira.

O que faltou a elas foi uma oferecer à outra, simplesmente, as suas próprias imagens – de mãe e de filha – que constatassem uma verdade básica e essencial em suas vidas.

A mãe que olha para a filha (o filho), sente que também é olhada por ela (ou ele). Cada um (cada uma) tem sua história a contar e algo a compreender.

Essa imagem recíproca e compartilhada precisa ser revelada, a tempo, antes que seja tarde demais.

Só dizendo como Friedrich Nietzsche, filósofo alemão, não entendido no seu tempo, e que só postumamente ficou famoso:

*É preciso deixar vir o futuro,
grávido do novo.*

E Viva todas as Mães!

REFERÊNCIAS:

ABREU, Casimiro de. **150 anos de Primaveras**. Org. Mário Alves de Oliveira. Niterói: Nitpress. Set. 2009, p. 64.

BEAUVOIR, Simone. Simone de Beauvoir faz um balanço do feminismo. **O Globo**, Rio de Janeiro: 6 ago. 1995. Livro, Segundo Caderno, p. 4.

D'AMARAL, Márcio Tavares. Como assim, humanismo? **O Globo**, Rio de Janeiro: 16 dez. 2017. Segundo Caderno, p. 8.

BOPP, Raul. **Cobra Norato e outros poemas**. Barcelona: Dan AI, set. 1954, p. 93-94.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de família**. 4. ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1960, p. 109-120.

D'AMARAL, Márcio Tavares. **O Cavalo de Turim**. O Globo. Rio de Janeiro: 9 dez. 2017. Segundo Caderno, p. 6.

HOMENAGEM ÀS MÃES II

Apresentado na Solenidade de 12 de maio de 2022

*LUCIA MARIA BARBOSA ROMEU**
Acadêmica Titular da Cadeira nº 10
Classe de Letras

Mãe

Segundo domingo de maio.

O Dia das Mães bate à porta.

E quando ela se abre, apesar de tantas frases feitas e lugares comuns, surge um dia especial!

A diferença de como encaramos essa data está no olhar e na sensibilidade de cada um.

Pode se tornar um dia comum, extraordinário ou sofrido – isso vai depender da memória afetiva do filho que repensa seus amores e o fluxo eterno das coisas.

Nada é permanente, a não ser a mudança.

Daí a necessidade de se driblar o efêmero com a certeza do Amor.

Neste dia, portanto, se você ama sua mãe, diga que a ama em alto e bom som. E mais uma vez.

Economizar amor é avareza... não conte moedinhas de afeto. Diga que a ama!

Repita muitas vezes – sua mãe vai ouvir isso como uma melodia celestial e pensar em seu íntimo: “diz de novo!”.

Dizer não dói. Quanto mais o amor circula, mais amor a gente tem.

Mas diga agora quando ela pode ouvi-lo.

Não deixe para depois. Depois é sempre duvidoso...

E se você não tem mais sua mãe presente, mesmo na convivência com essa ausência interminável, repita em silêncio que a ama.

E chore muito essa imagem vazia...

Afinal, o fato de sermos experientes, vividos e bem resolvidos não cria em nós uma blindagem aos sentimentos profundos de tristeza ou dor.

Ao menos não diante de perdas tão significativas!

O fato é que nada é natural em se tratando de Amor no Dia das Mães!

Perder a mãe ou tê-la junto de si, nos leva, a todos, de volta à infância e a sentimentos atemporais poderosos!



Lucia e Astridane Barbosa Romeu

HOMENAGEM ÀS MÃES III

Apresentado na Solenidade de 12 de maio de 2022

MARIA DO CARMO SOARES CORDEIRO*
*Acadêmica Titular da Cadeira nº 9
Classe de Letras*

Mãe e filho, elo indissolúvel, mesmo que um não possa estar perto do outro, fisicamente.

Foi exatamente pensando nas mães, independente de raça, cor, nacionalidade, religião, é que na Pandemia quando filhos choravam suas mães e mães perdiam seus filhos, escrevi um pequeno poema que reparto agora com todos. Todos os presentes. Para que nesta sala, juntos, reunidos, em família, possamos homenagear as Mães.

E, em especial, nesta tarde, eu dedico esta homenagem à nossa confreira Neide Barros Rego que não pode por razões especiais, particulares,

Madonna com Criança
Fonte: William Bouguereau. Wikimedia



razões de saúde, estar aqui conosco. Mas, como escreveu a nossa presidente “se ela estivesse aqui, estaria na primeira fila.”

Portanto, por Neide e para todas as mães presentes leio o que escrevi quando a Pandemia levou mães e filhos:

Dia das Mães

Louvo as mães que estão com seus filhos no dia de hoje.

Louvo.

Louvo as mães que estão sem seus filhos no dia de hoje.

Louvo.

Louvo ainda mais:

Louvo os filhos que estão sem suas mães no dia de hoje.

Louvo.

E de tanto louvar

louvo a que não sendo mãe,

distribuindo amor,

torna-se; e a elas equipara-se.

Louvo, por fim, a Mãe Maior - Maria, sempre presente

olhando pelos meus filhos,

pelos seus,

pela humanidade, – de amor carente.

Que se intensifique a Campanha para que o Idioma Português se torne oficial na Organização das Nações Unidas, congregando entidades socioculturais, organizações públicas e particulares, a fim de evidenciar o reconhecimento e o valor do 4º idioma mais falado no mundo, presente em todos os continentes, integrador de etnias, culturas, costumes, religiões e posições políticas e ideológicas (Recomendação nº 15, Carta de Educação, Cultura e Ética de Niterói)

JULGANDO O JULGAMENTO

NAGIB SLAIBI FILHO*

*Acadêmico Titular da Cadeira nº 8
Classe de Ciências Sociais*

É interessante observar como o processo judicial brasileiro é criticado pela lentidão, a qual decorre do padrão que lhe é dado pelas leis que o regem, principalmente com referência à fase de execução ou cumprimento das decisões...

Outros criticam as decisões judiciais – principalmente as famosas liminares ou cautelares ou tutelas antecipadas – apontando-lhes o defeito de serem açodadas, de não permitirem a mais ampla participação dos interessados, os quais se vêem surpreendidos em seus bens ou na sua liberdade sem que sequer pudessem fazer ouvir previamente a sua voz.

Lentidão e rapidez, valores sempre em conflito no processo judicial moderno, em todos os povos e sistemas de Direito.

Herdamos o nosso sistema legal da Europa continental, denominado de sistema jurídico do *Civil Law*, em que predomina a lei escrita como fonte do Direito, diferentemente do *Common Law*, de origem inglesa, em que as normas que regem a sociedade decorrem principalmente dos costumes reconhecidos pelas decisões judiciais.

Mais lento se apresenta o processo judicial na fase da execução porque este é o momento em que se realizam atividades voltadas para a expropriação dos bens do devedor de forma a satisfazer o direito do credor reconhecido por sentença ou decorrente de título executivo extrajudicial como, por exemplo, um cheque, uma nota promissória, ou mesmo um contrato assinado pelas partes em que conste a obrigação de realizar determinada conduta.

Há países em que o juiz simplesmente ordena a parte a cumprir o que foi estabelecido, sob pena de prisão.

Já nos sistemas jurídicos como o nosso, de origem europeia-continental, a execução representa um processo no qual se deve assegurar ao devedor o direito de se manifestar, de se defender, mesmo porque é geralmente

o seu patrimônio que está em jogo e a perda do patrimônio, no regime capitalista, constitui seríssima sanção, a praticamente retirar as forças do indivíduo de participar do mercado.

Só em uma hipótese admite a ordem jurídica brasileira a prisão para compelir ao cumprimento de obrigações: quando o alimentante não cumpre o seu dever de prestar os alimentos.

Daí decorre a lentidão do processo judicial, inclusive da execução, do princípio inscrito liberal proclamado no art. 5º, LIV, da Constituição, de que a decisão estatal, inclusive dos juizes, sobre a limitação da liberdade e dos bens, deve estar submetida aos parâmetros da decisão democrática, entre os quais avultam o direito de participação dos interessados no processo através do contraditório, da ampla defesa e do recurso.

De qualquer forma, isso também nos leva a uma outra grande questão.

O século XIX foi o século do Parlamento, do predomínio das leis genérica e abstrata. Dessa época decorre a crença, comum embora errônea, de que os comandos da Constituição somente são válidos após reconhecidos pela lei votada pelos legisladores.

O século XX foi o século do Governo, com amplos poderes para atender ao que se denomina de interesse público, a predominância do interesse social ou coletivo em face do indivíduo. Desde os anos 30 e 40 desse século, predominam as necessidades sociais que somente são atendidas pela atividade estatal, como saúde, educação, previdência, assistência social e tantas outras.

Este século XXI é, certamente, o século dos tribunais, em que os conflitos individuais e sociais – e a ordem jurídica brasileira praticamente não exclui nenhum deles da apreciação do Poder Judiciário – são submetidos à decisão motivada e fundamentada dos juizes, de acordo com que o lhes foi requerido pelas partes em conflito.

Perante a Toga pode qualquer um apresentar sua reclamação ainda que seja contra um adversário muito mais poderoso, como as grandes corporações econômicas e forças sociais, até mesmo o próprio Governo.

Realizar o Direito em uma sociedade complexa e multifária como a nossa é uma tarefa preocupante, profunda, densa, sensível, que exige os nossos melhores esforços e a mais cuidadosa

formação do magistrado.

Se a lei está prevendo ou não a solução, o fato é que o juiz se vê obrigado a resolver as questões que as partes lhe apresentam. Não pode o juiz fazer o que ainda faz o mau administrador, a despeito do que está no art. 37 da Constituição, de apor o tristemente célebre despacho nos requerimentos mais complexos: "indefiro por falta de amparo legal".

Dizia o disposto no art. 126 do Código de Processo Civil (que é tradicional no sistema da Europa continental, do *Civil Law*): "No julgamento da lide" (isto é, o julgamento da causa), "cabere-lhe-á aplicar as normas legais" (as decorrentes do texto legal, do Poder Legislativo); "não as havendo, recorrerá à analogia" (ou seja, aplicar uma situação análoga, de outra lei, para resolver aquele caso). Não havendo analogia, vai aplicar os *costumes* e, finalmente (como a última das hipóteses), os *princípios gerais do Direito*, isto é, as regras gerais decorrentes do próprio sistema jurídico como a conhecida parêmia *não lesione ou cause danos*.

Hoje, muito mais complexo ao juiz aplicar o Direito, como decorre do disposto no art. 8º do Código de Processo Civil: "Ao aplicar o ordenamento jurídico, o juiz atenderá aos fins sociais e às exigências do bem comum, resguardando e promovendo a dignidade da pessoa humana e observando a proporcionalidade, a razoabilidade, a legalidade, a publicidade e a eficiência".

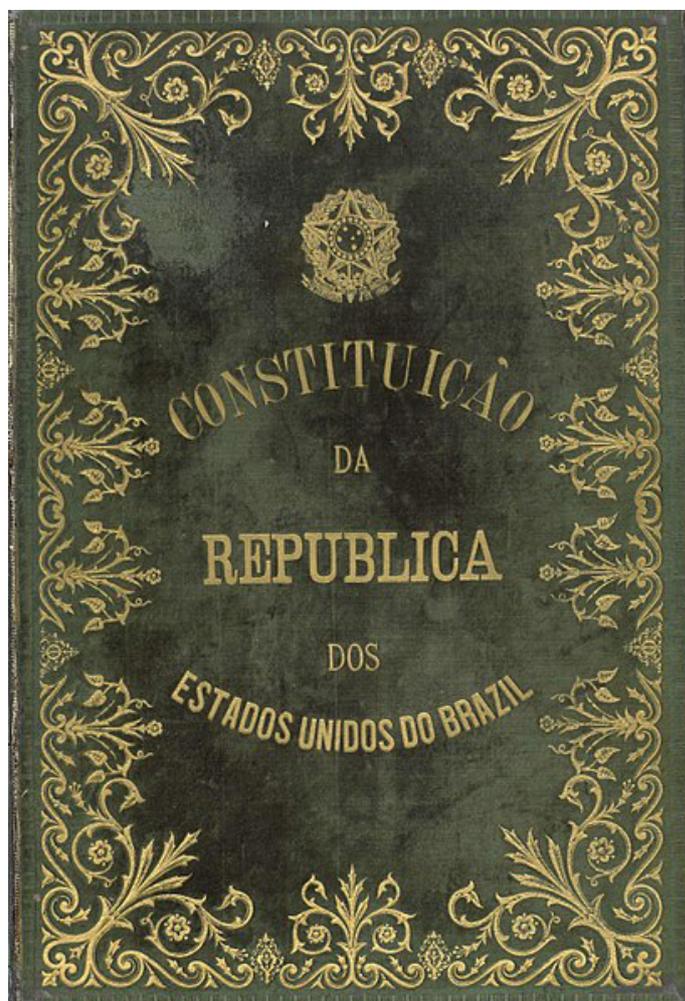
Enquanto o legislador, através da lei genérica e abstrata, pode pretender dispor sobre a conduta de um homem ideal, o *homo medius*, o juiz, no julgamento da causa, se vê compelido a vislumbrar cada indivíduo, embora igual em direito e obrigações com os demais semelhantes, de acordo com o universo de sentimentos, atitudes, circunstâncias, sonhos, defeitos e tudo o mais que existe em cada um de nós. O legislador é a hipótese, o juiz é o caso concreto.

No padrão liberal da livre empresa, temos a ideia de que a lei genérica e abstrata vai permitir, principalmente, o cálculo de previsibilidade do mercado.

Não há como atuar no mercado sem conhecer, previamente, essas regras do jogo. Não há como fazer um investimento de 30 anos e chegar daqui a três meses, ou quatro dias, ser

surpreendido com uma simples decisão de uma agência reguladora ou por uma Medida Provisória alterando completamente todos os padrões e paradigmas de atuação do mercado.

Mas o sistema liberal, de livre empresa, também não nos dispensa de examinar o homem de acordo com cada um de seus papéis sociais.



*Constituição da República do Brasil, de 1891.
Fonte: Arquivo Nacional*

No caso dos contratos, temos que ver, de um lado, o complexo investimento do empreendedor, e, de outro, muito relevante, o direito do consumidor, daquele que adquire a mercadoria ou recebe os serviços no final da ponta de todo o processo econômico.

Como juiz, tenho que atender ao que está no art. 7º do Código de Defesa do Consumidor que me ordena, nas causas consumeristas, até mesmo deixar de aplicar as soluções previstas na lei genérica e abstrata e decidir por equidade, isto é, dar à causa em julgamento a solução mais adequada, ainda que não seja aquela eleita pelo legislador.

O Direito não se resume mais em limitar a

liberdade de ir e vir, de colocar alguém na cadeia, de proteger as mulheres e crianças abandonadas, de regular a sucessão daquele que morreu deixando bens.

Como julgar sem perder de vista o que a Constituição, ao dispor sobre a ordem econômica liberal, denomina de *função social da propriedade*?

Basta ver o Estatuto da Cidade, onde três ou quatro artigos dizem que a função social da propriedade reside, até mesmo, na utilização do bem atendendo aos aspectos trabalhistas, aos aspectos fiscais e ao meio ambiente.

A base do nosso individualismo filosófico, que deu ensejo ao regime da livre empresa, que acabou por gerar o que chamamos de livre autonomia da vontade, o livre-arbítrio que os filósofos apontam como direito inerente ao ser humano de escolher os seus próprios caminhos, de realizar seus objetivos de vida, de procurar a felicidade, tudo isso tinha como consectário natural a idéia da culpa como o defeito da

decisão ou da conduta e que até o século passado era considerada como a grande fonte da responsabilidade civil.

Mas hoje a responsabilidade civil com fundamento na culpa cede à responsabilidade civil objetiva, decorrente não do eventual defeito da conduta do agente, mas do simples fato do risco do negócio que empreendeu.

Como juízes estamos conscientes da importância de nossas decisões como fonte de profundas alterações na vida daqueles que o legislador escolheu para nossos jurisdicionados.

Lembramos nós, os juízes, sempre, a recomendação do doce Rabi, no Sermão da Montanha, de que seremos julgados com a mesma medida com que julgamos.

Assim somos julgados pela sociedade, com a mesma medida com que julgamos as causas que nos apresentam.

MEDIAÇÃO

MATILDE CARONE SLAIBI CONTI*
*Acadêmico Titular da Cadeira nº 5
Classe de Ciências Sociais*

É um meio alternativo de solução de conflito onde há um terceiro imparcial que procura aproximar as partes buscando uma solução para a controvérsia.

Há também a distinção entre mediação judicial, sendo esta feita no âmbito do Poder Judiciário e a mediação extrajudicial, realizada por profissionais no âmbito privado. Importante ressaltar que a mediação não visa objetivamente o acordo, mas sim o restauro da comunicação entre as partes.

O procedimento de mediação permite o reconhecimento pelo cidadão da sua capacidade de solucionar seus próprios conflitos e de assumir as rédeas de sua vida, sem precisar terceirizar ao Estado a solução de determinada disputa, com a consequente imposição de uma decisão arbitrária, e que por muitas vezes, não atende as suas reais necessidades e que ainda pode vir a ser de difícil cumprimento.

É necessário que se estabeleça a ideia de que nem todos os conflitos poderão ser mediados, seja pela natureza do direito vindicado, seja pela indisposição das partes em se submeter a um processo autocompositivo. Na verdade, ela é altamente recomendada para relações continuadas, que se perpetuem no tempo, como, por exemplo, as relações familiares, as sucessórias, as relações de vizinhança, as relações societárias, em razão das suas características e benefícios alcançados.

Neste diapasão, a mediação, além de ser um instrumento eficaz de solução pacífica de conflitos, possui um caráter pedagógico, eis que representa uma forma de reeducação da população, no sentido de ensiná-la a resolver seus próprios conflitos, os quais existem e sempre vão existir, de uma forma não adversarial, colaborativa.

O homem contemporâneo deve retomar o diálogo como forma capaz de solucionar seus próprios conflitos, sem a necessidade de intervenção de um terceiro, deixando esta intervenção somente para último caso, quando após a utilização de todas as formas consensuais, ele não conseguiu resolver aquela questão sozinho.

A mediação ainda traz uma sensação de justiça, de satisfação, por ser uma solução criada pelas próprias partes em conflito, além de ter um caráter democrático, por buscar uma solução que será discutida pelas próprias partes envolvidas e preventivo, ao evitar o surgimento de novos conflitos, em situações similares, por meio do aprendizado obtido pelas partes. Assim, a mediação teria função educativa e não coercitiva, sendo considerada um processo pedagógico de autonomização.

O acesso à Justiça é um acesso aos Direitos Fundamentais e este acesso no Brasil é dificultoso, daí advém o grande desenvolvimento que a mediação está tendo principalmente em relação à mediação extrajudicial.

O renascer dos Meios Alternativos de Solução de Conflitos é devido em grande parte à crise da Justiça. O grande desenvolvimento processual não acompanhou o aperfeiçoamento judiciário.

Os principais problemas apresentados em relação ao Acesso da Justiça são: morosidade dos processos, burocratização, complicação procedimental, falta de informação e deficiência do patrocínio gratuito.

As correntes que apoiam os Meios Alternativos de Solução de Conflitos, afirmam que o método contencioso não é o melhor para a solução de controvérsias. Isto é verdade. A justiça tradicional se volta para o passado e os Meios Alternativos de Solução de Conflitos dirigem o olhar para o futuro. A justiça tradicional julga e sentencia enquanto os Meios Alternativos previnem situações de tensões e rupturas.

É bom lembrar, que o Acesso à Justiça, faz parte dos Direitos Humanos. Direitos Humanos são garantias indissociáveis do homem cujo fim básico é o respeito à sua dignidade. Podemos conceituar a dignidade humana, como a posição moral que ocupa o homem na comunidade em que vive. A dignidade humana está insculpida no art. 1º, inciso III, da Constituição Federal de 1988. A dignidade humana vem de um valor moral e caminha para um valor jurídico.

Os Direitos Humanos conforme sua origem podem ser chamados também, entre outras designações de Direitos Individuais ou Direitos Fundamentais. Há três Declarações de Direito muito importantes: 1. Magna Carta; 2. Constituição

Americana; 3. Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Esses três direitos vieram se perfazer na Declaração Universal dos Direitos Humanos proclamados em 1948, pela ONU. Os direitos humanos decorrem de várias fontes. Na antiguidade vinham dos costumes e dos estudos jus filosóficos do Egito, da Mesopotâmia, do Código de Hamurabi, e Código de Ur Namu.

Como características dos Direitos Humanos, podemos lembrar que eles são imprescritíveis, inalienáveis, irrenunciáveis, invioláveis, possuem historicidade, mas são limitáveis.

Nós estamos falando dos Direitos Humanos e do Acesso à Justiça, mas queremos lembrar que a mediação procura a paz e então ela está insculpida na 5ª Geração de Direitos, que é a busca da paz.

Deve-se procurar saber o que há por trás das palavras ditas. Devemos ouvir também com o coração. A arte de saber escutar é chamada por Rubens Alves de Escutatória. Foi Samuel Freud que nos deu a estrutura do inconsciente e nos fala da importância de sabermos escutar.

A mediação é uma disciplina transdisciplinar, pois também podem atuar na mediação psicólogos, psicanalistas, assistentes sociais, principalmente na pré-mediação, os quais serão de grande ajuda. Essas disciplinas podem ser borderlines, mas são completamente diferentes.

Em qualquer contrato, sendo possível devemos colocar a cláusula de mediação. Em uma mediação nós temos de enxergar o *Outro*. Lembro aqui de um sociólogo, chamado Moreno, em que ele verseja:

Dá-me teus olhos

Eu te darei os meus

Tu verás com os meus olhos

E eu, verei com os teus

É saber que no Direito estamos diante do Princípio da Escutatória, da Alteridade, e de tantos outros valores e outros conceitos.

Havendo os conflitos jurídicos, a lei procura solucionar, mas muitas vezes os conflitos da alma não são solucionados e continuam sem solução, *ad eternum*, por todo o sempre.

Nos Estados Unidos, a mediação é obrigatória antes de se poder procurar o judiciário.

O advogado deve falar para o seu cliente, que há os Meios Alternativos de Solução de Conflitos e o advogado, não falando dessa possibilidade poderá ser punido pelo *American Bar Association*, que é a Ordem dos Advogados dos Estados Unidos, pois não estaria cumprindo nem a Lei e nem a Ética vigente. Ética e moral não se confundem. A moral é o objeto da Ética. A Ética é eterna e a moral é variável conforme o tempo e o lugar.

Em 1984 o governo resolveu criar os Institutos para a Paz, que trabalha só com a mediação, procurando apaziguar os conflitos, inclusive criou as Universidades da Paz. As companhias de seguros, de construção, de automóvel, a ONU, a OEA, os Correios e Serviço Postal, como também o Rotary todos utilizam os Meios Alternativos de Solução de Conflitos.

O presidente Clinton, em 1998, deu a cada funcionário federal o direito de usar os métodos alternativos para solucionar problemas trabalhistas.

Os índios americanos, todos eles praticavam a mediação. Quando o colonizador inglês chegou, os Quackers, que eram anabatistas, protestantes que não aceitavam o batismo, também praticavam na Inglaterra, a mediação. Por motivos religiosos e políticos resolveram partir, emigrar.

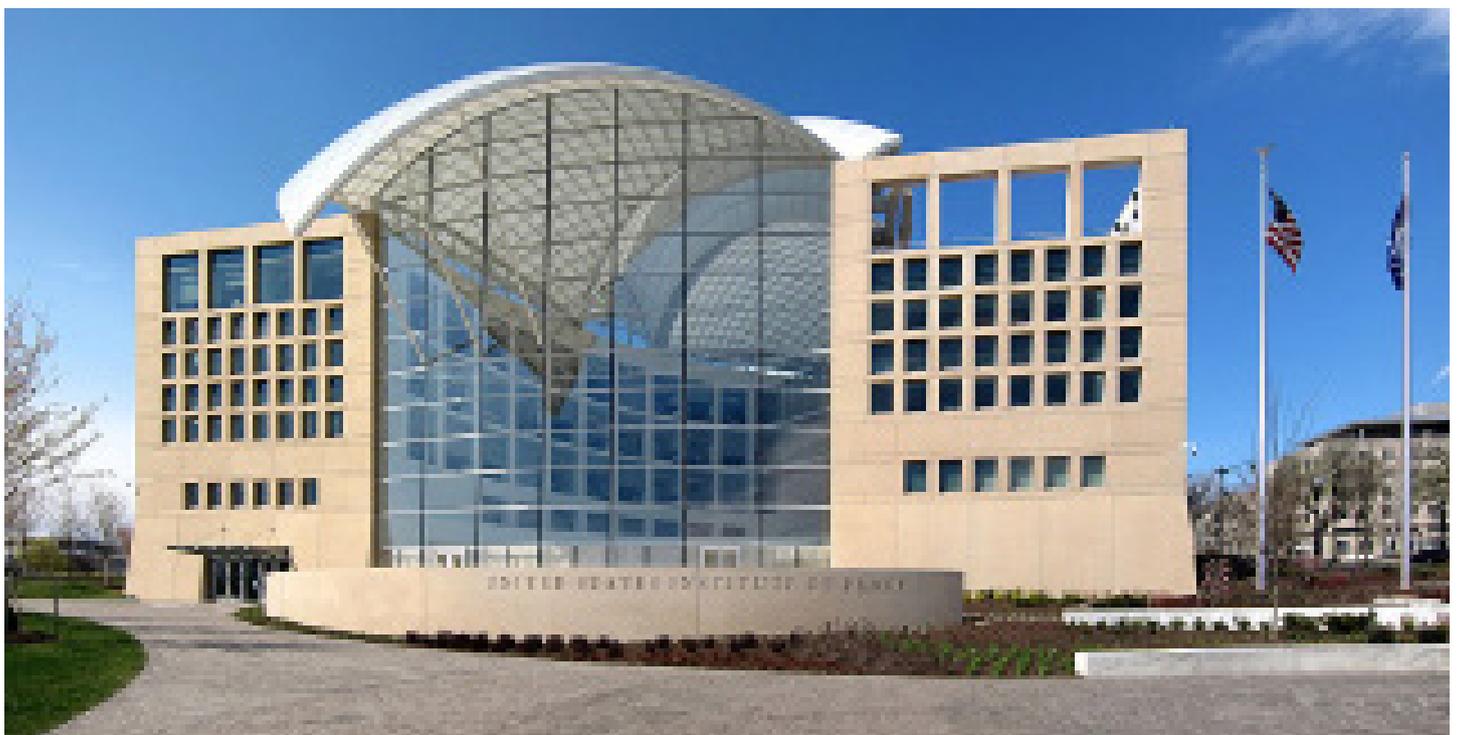
Então, foi uma soma de fatores, que facilitou o desenvolvimento deste Instituto, nos Estados Unidos. Na época em que estavam as 13 colônias, libertando-se da Inglaterra, tiveram de

usar a mediação como um pacto, pois senão, as 13 Colônias se libertariam, cada uma das colônias haveria de se separar e iriam tornar-se na realidade pequenas nações, como na América Central. A Inglaterra estava saindo da Guerra dos 7 Anos com a França e precisava arrecadar impostos. Então, entre outras taxas, criaram a Taxa do Chá e a Taxa do Selo. Os americanos rebelaram-se e atacaram três navios ingleses, que estavam atracados no Porto de Boston, com carregamento de chá. Os americanos vestiram-se de índios, com capas, por causa do frio intenso e ninguém imaginou, que debaixo daquelas capas, eles carregavam armas.

Consideram James Madson, o pai da Constituição Americana. Depois da Proclamação da República, com George Wasghinton, que foi seu primeiro presidente, muito mais tarde, James Madson veio a se tornar o 4º Presidente dos Estados Unidos. Ele foi o protagonista do famoso *case Madson versus Marbury* e que deu origem à questão do Controle da Constitucionalidade.

É necessário frisar que deve-se à mediação, o poder de juntar as 13 colônias, explicando os pontos convergentes da união entre elas, o que formaria uma grande nação. Benjamin Franklin, que era um cientista social e foi um dos articuladores da revolução americana, também era um hábil mediador, e muito auxiliou nas negociações.

*Sede do Instituto da Paz, Washington, Estados Unidos.
Fonte: Wikimedia*



No estado de Connecticut publicaram um jornal, que tinha o nome de *O Federalista*, onde juristas como Alexander Hamilton, debatiam em artigos, a situação complicada das 13 colônias americanas. Alexander Hamilton era articulista desse jornal, cujas ideias eram muito apreciadas, onde também esclarecia a população, de um modo geral, as questões jurídicas que se apresentavam. Ele foi o fundador do Partido Democrata, e se tornou Ajudante de Ordens, daquele que veio a ser o primeiro presidente dos Estados Unidos, George Washington.

Na Filadélfia, aconteceu ter sido proclamada

a chamada Declaração de Direitos, ocorrendo a separação da Inglaterra. Todos aqueles que tinham suas ideias libertárias, foram grandes mediadores. Inclusive, Benjamin Franklin encontrou-se, depois de tudo isso, muito mais tarde com Tiradentes, na França e lhe entregou um protótipo da Constituição Americana, com a finalidade que no Brasil, fizessem a mesma coisa, o que não foi possível, devido à delação feita por Silvério dos Reis, na Conjuração Mineira.

Essa Constituição americana foi dada a Joaquim da Silva Xavier, o Tiradentes, e encontra-se em exposição no Museu, em Ouro Preto.

A VELHA TAMARINEIRA

ALBA HELENA CORRÊA*
Acadêmica Titular da Cadeira nº 13
Classe de Letras

Contemplei, com respeito, uma velha tamarineira, cujo diâmetro deve medir cerca de três metros. O interessante é a sua localização: no meio de uma rua, numa espécie de encruzilhada onde o tráfego é intenso. À sua esquerda, fica um edifício moderno e, à direita, o que era mar, agora desapareceu, em consequência do Aterro Praia Grande. Creio que quando ali foi plantada, o local devia ser amplo e, provavelmente, sem casas ao redor. Mudou o cenário, porém ela continua lá...

Minha mãe, se estivesse viva, em 2022, faria 115 anos (faleceu com 88). Em várias ocasiões, contou que quando era criança, os moradores do bairro de São Domingos fizeram uma festa para comemorar o centenário dessa árvore e, a meninada de mãos dadas brincou de "Ciranda, Cirandinha" em seu redor. Partindo dessa referência, calculo que, hoje, essa tamarineira deve estar com uns 200 anos ou pouco mais.

O que me impressiona é que, há poucas décadas, ela ainda florescia e frutificava. Na minha adolescência, residi, também, na mesma casa onde minha mãe nasceu e, com as favas marrons que recolhia do chão, fazia refrescos de tamarindo, cujo sabor agridoce, até hoje, não consegui esquecer.

Fiquei, então, refletindo: de quem plantou essa árvore, não restam nem os ossos, mas ela aí está, nos servindo e embelezando o lugar.

Quem planta uma árvore com amor, não pensa, certamente, em quem irá colher seus frutos ou beneficiar-se de sua sombra amiga.

Que nobre é semear para o futuro, deixar algo para alguém colher, quer seja em frutos, ou em ações generosas que germinam ao longo do tempo e se transformam em fartas messes.

A colheita é a consequência de uma ação anterior – a semeadura. Quanto mais espontânea for, mais valor terá. É uma espécie de herança fraterna.

Nem sempre, quem planta, colhe, mas alguém, feliz, há de colher...

Benditos sejam, pois, os que ao longo da existência, lançam boas sementes, com desprendimento, para que um dia, do seu esforço, resultem as benesses dessa fraterna doação!!!

Foto: Lucian Gonçalves Grillo
São Romão - MG



WALDENIR DE BRAGANÇA TEM CARISMA

NEIDE BARROS RÊGO *
*Acadêmica Titular da Cadeira nº 11
Classe de Belas Artes*

*Eu tenho tanto pra lhe falar
Mas com palavras não sei dizer
Como é grande o meu amor por você*

Estimado amigo e confrade Waldenir de Bragança, querido e admirado por todos que o conhecem, o talentoso Roberto Carlos compôs esta canção, da qual tomei emprestado um trecho para homenageá-lo no seu aniversário.

Difícil é resumir, em uma página, tudo o que gostaria de dizer sobre sua personalidade múltipla. Como sintetizar sua atuação no movimento cultural da Cidade, no campo da Medicina, do Direito, da Política, da Administração Pública, da Arte, da Literatura, dos Serviços Humanitários?

Que glória comemorar seus 90 anos!... Como diria o nosso saudoso amigo e confrade Edmo Rodrigues Lutterbach: são 68 anos normais e 22, bissextos; 1.080 meses!... 32.872 dias!... 788.928 horas de vida!...

Rotariano, elista, acadêmico, político; inteligente, sensível, culto, educado, simpático, generoso!... Sempre atencioso e amigo, é uma figura ímpar! E como gosta de um abraço!... De namorar gosta tanto, que namora Maria Elisa há 73 anos, conforme escreveu seu filho, o médico Fernando Bragança, em abril deste ano.

Bom avô, bom pai, bom esposo, bom amigo, possui carisma. "Também chamado de 'magnetismo pessoal', o carisma é um dom que algumas pessoas têm de agradar à primeira vista, e sem ter de se esforçar para conseguir".

Pioneiro em diversas frentes. Fundador da Universidade Aberta da Terceira Idade – UNIVERTI, há 28 anos. Um verdadeiro líder! Brilhante na tribuna, foi deputado estadual. Na ocasião, demonstrou ser grande amigo do meu saudoso Walmir. Muito obrigada, Dr. Waldenir!

Jamais esquecerei que, em dezembro de 1984, realizamos, no Teatro Municipal de Niterói, um recital de gala, com poesias de Maria Sabina,

* *biografia dos autores nas págs. 72-75*

interpretadas por declamadores de Niterói e do Rio de Janeiro. Então prefeito da Cidade, o sr. subiu ao palco e, em magnífico improviso, saudou Maria Sabina que, emocionada, agradeceu e foi calorosamente aplaudida. E mais: em 1986, minha saudosa mestra de Arte de Dizer, Maria Sabina, lançou seu último livro, no Centro Cultural Paschoal Carlos Magno, em Niterói. Ainda prefeito, acompanhado de vários secretários municipais, o sr. prestigiou o evento com sua presença.

Atual presidente da Academia Fluminense de Letras, da UNIVERTI, da UBT-Seção Niterói, além de ter exercido cargos importantes, sempre agiu com simplicidade e humildade, tratando a todos com atenção e respeito.

Não posso deixar de expressar minha gratidão, por ter aprovado o nome de Maria Sabina para Patrona da Cadeira nº 11 da Classe de Belas Artes da Academia Fluminense de Letras, e fazer de mim a fundadora. Algumas pessoas não sabem que, além de poeta, Dr. Waldenir é pintor e compositor. "Quero viver e sonhar" é muito apreciada e cantada por corais.

Parabéns pelo seu aniversário!...

Avante, com seu idealismo, sua jovialidade e seu entusiasmo!

Que Deus o abençoe!

Texto originalmente publicado na
coletânea homenageando os 90 anos
do Dr. Waldenir de Bragança
17 de julho de 2021
(edição particular, volume único)

*Acadêmicos Waldenir de Bragança e Neide Barros Rêgo
Foto: Murilo Lima*



NITERÓI
HISTÓRIA E POESIA

AS FESTAS JUNINAS E O SINCRETISMO DE SUAS ORIGENS

MÁRCIA PESSANHA*
Acadêmica Titular da Cadeira nº 6
Classe de Letras

Na cultura popular brasileira, as festas juninas são muito apreciadas, principalmente no Nordeste e em outras regiões do interior do país. Elas valorizam as tradições locais e revelam, muitas vezes sem nossa percepção, uma mistura de dados históricos, religiosos e mitológicos. Tais festas seguem o calendário litúrgico da Igreja Católica, sabendo-se que houve um processo de assimilação dos antigos cultos pagãos europeus, no período de transição da Idade Antiga para a Idade Média. E fez-se então a substituição dos rituais dedicados aos deuses médio-orientais, gregos, romanos e nórdicos por festas dedicadas aos santos do catolicismo: Santo Antônio – dia 13/06, São João – dia 24/06 e São Pedro – dia 29/06.

Por ocasião do solstício de verão na Europa, na segunda quinzena do mês de junho, havia o culto aos deuses da natureza, das plantações e das colheitas, tendo como representante Adônis, que era comemorado no dia 24 de junho, e tinha por objetivo a celebração da renovação, da boa-nova do renascer da natureza, após o frio do

inverno.

Diz-se que essa ideia foi assimilada pelo cristianismo, substituindo Adônis por São João Batista, pois na tradição cristã ele foi o anunciador, o mensageiro da boa-nova da vinda do Cristo, filho de Deus, salvador da humanidade que renovaria todas as coisas. Também foi São João que batizou Cristo no rio Jordão.

E a cultura popular europeia se apropriou de alguns símbolos, que se mesclaram com os tradicionais ritos de colheita, remanescentes do culto a Adônis, em especial o da fogueira.

Trazendo para o contexto do cristianismo, a fogueira nas festas de São João tem seu fundamento na história do nascimento de João Batista. A fogueira foi um sinal de Santa Isabel, mãe de São João, para Maria, mãe de Jesus, dizendo-lhe que acenderia uma fogueira bem grande para ser vista de longe e, também ergueria um mastro com um boneco sobre ele, para anunciar que João havia nascido.

No Brasil, o ato de acender fogueira na noite de 23 para 24 de junho foi trazida pelos jesuítas e com o passar do tempo foi associada a outras tradições populares. As várias atrações das festas de São João: quadrilha, fogueira, brincadeiras, as simpatias, músicas etc. são uma mescla das

Noite da Véspera de Ivan Kupala (Festa de São João Batista), 1892

Fonte: Henryk Siemiradzki, Borys Voznytskyi
Lviv National Art Gallery, Wikimedia



* biografia dos autores nas págs. 72-75

tradições locais de vários lugares. A quadrilha, por exemplo, é de origem francesa, oriunda das contradanças de salão do século XVII, que chegaram ao Brasil e foram adaptadas para o formato das quadrilhas das festas juninas. E até hoje, com pronúncia correta ou não são ditas palavras em francês para marcar a quadrilha: "en avant", "en arrière", "balancer", "doux" etc.

Cabe ressaltar que quando os jesuítas chegaram ao Brasil, eles perceberam que os índios também faziam celebrações no mês de junho, relacionadas à agricultura, à boa colheita, e cantavam, dançavam, comiam e acendiam fogueiras. Assim, os costumes indígenas e as celebrações cristãs se misturaram e tornaram as festas juninas ainda mais populares. E muitos alimentos servidos nas festas juninas brasileiras são nativos e da cultura indígena: o milho e a mandioca, que estão na base da canjica, da

pipoca, da pamonha, do curau e muitos outros.

Em Niterói, a festa de São João reveste-se de um significado especial, pois São João é o padroeiro de nossa cidade. E as comemorações duram vários dias e há o rito religioso cristão com a celebração de missa, procissão e a parte de entretenimento na praça, com música, dança de quadrilha, casamento na roça, quermesse, leilão, fogos de artifício...

E viva São João!

Referências:

FERNANDES, Cláudio. Origem da festa de São João. **Portal Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/detalhes-festa-junina/origem-festa-sao-joao.htm>. Acesso em: 15 jun. 2020.

A lenda do surgimento da fogueira de São João. In: RANGEL, Lúcia H. V. Festas juninas, festas de São João: origens, tradições e história. São Paulo: Publishing Solutions, 2008, p. 35.

REMINISCÊNCIAS III CENTRO DE NITERÓI

*ALBA HELENA CORRÊA**
Acadêmica Titular da Cadeira nº 13
Classe de Letras

Nas duas Revistas anteriores, escrevi sobre os bairros: do Fonseca e de São Domingos. Nesta, nº 8, vou retornar à minha infância e adolescência e narrar algumas preciosas recordações do antigo centro de Niterói, minha cidade natal.

Nasci numa casa simples, num lugar amplo, limitado, nos fundos, por uma pedreira, que, se não me engano, era chamada de Pedreira do Rocha. Essa pedreira era explorada por um tio do meu pai – Flauzino Gomes Cruz e estava localizada próximo ao local onde funciona a nova Prefeitura. Era um lugar perigoso, devido às explosões com dinamite, para a extração das pedras. Essas informações eu recebi de meus pais, porque eu era pequenina e, por volta dos dois anos de idade, mudamos para o Fonseca. Com o término do funcionamento da pedreira, no local foram abertas várias ruas.

Minhas próprias recordações do centro de Niterói vieram, inicialmente, das viagens de bonde, com minha mãe, quando ela ia fazer compras no comércio do centro da cidade. Os bondes que serviam aos vários bairros tinham o

ponto final na Praça Martim Afonso de Souza, hoje, Praça Arariboia. Era uma viagem aprazível, onde se podia ler anúncios interessantes, como: "Veja ilustre passageiro / o belo tipo faceiro / que o Senhor tem a seu lado; / no entretanto, acredite: / quase morreu de bronquite / salvou-o o Rum Creosotado!" Ah! Que saudade dessas viagens de bonde, de barca e de trem!

Já adolescente, residi na Rua Visconde do Rio Branco nº 171. O mar ficava defronte à minha casa e me lembro dos banhos de mar à fantasia. A caminho do Liceu, passava na porta da Papelaria Ideal (quase esquina da Marechal Deodoro), conhecida como "Sebo", porque vendia livros usados. Sempre, ouvia e respondia ao bom-dia do Sr. Silvestre Mônaco, o proprietário e via o filho, Carlos Silvestre Mônaco, arrumando os gibis e outras revistas infantis das quais era o encarregado, desde muito jovem. Daí, nasceu seu amor pelos livros.

Lembro-me do nome das principais casas comerciais da época: Casa das Noivas (tecidos), Casa Normal (linhas, lãs, rendas, fitas, pontos de ajour, aviamentos para costura etc). Ambas ficavam entre as ruas São João e Coronel Gomes Machado. Na quadra seguinte, havia uma loja especializada em confecção de uniformes escolares chamada A Corporativa. Adiante, na esquina da Rua da Conceição com a Rua Visconde do Rio Branco, na ocasião mais conhecida como a

rua da Praia porque acompanhava o mar, em toda a sua extensão, ficava o famoso Café Santa Cruz, lugar frequentado pelos homens de negócios, que lá se encontravam para tomar um cafezinho e bater papo.

Guardei uma lembrança, quase fotográfica, da Rua da Conceição. À direita de quem a percorre, havia uma farmácia que, se a memória não falha, se chamava Drogaria V. S., onde minha mãe costumava, sistematicamente, fazer as compras mensais de remédios e de produtos higiênicos. A seguir, vinha a Confeitaria Sportiva, especializada em doces e salgados. Depois, vinha a Loja Singer, responsável pela venda de máquinas de costura tradicionais, de tão boa qualidade, que até hoje, ainda tenho uma funcionando... Depois vinha a Casa das Linhas, com material de costura variado e de primeira qualidade. Mais adiante, já existia a antiga Prefeitura Municipal de Niterói.

Do outro lado da rua, à esquerda, no início da Rua da Conceição, lembro-me da Leitaria Brasil, especializada em lanches e especialidades comestíveis da melhor qualidade, além de deliciosos sorvetes. A seguir, outra loja antiga, Casa Tauil, com estoques modernos em artigos masculinos, ainda existente no mesmo lugar.

Rua da Conceição
Fonte: Biblioteca IBGE

Depois, vinha a Casa Borges de Ferragens. Pegado, a CBEE – Companhia Brasileira de Energia Elétrica. Lembro-me da entrada: uma parte era fechada por uma parede de vidro. Esse local servia, de tempos em tempos, para exposição de algo especial – vi uma vez, uma abóbora imensa, que nem tenho ideia de quanto deveria pesar, e outras coisas assim. Lembro que, no início, escorria uma cortina de água por trás do vidro, que eu, em criança, gostava de contemplar. Quase na esquina, ficava a Casa Marino (nome do proprietário que era amigo do meu pai), especializada na venda de chapéus masculinos, guarda-chuvas etc. Naquele tempo, era frequente o uso de chapéus pelos homens, daí ser um bom negócio. Bem na esquina ficava a Casa Princesa (de tecidos de muito boa qualidade) que ainda permanece no local.

Na quadra seguinte, funcionava o tradicional Restaurante Monteiro cujos pratos, especialmente os da culinária portuguesa eram por demais apreciados. Ao lado do Restaurante, ficava o Banco Mercantil de Niterói, onde conheci, aos 10 anos de idade, nosso saudoso confrade Sávio Soares de Sousa, que ocupava, então, aos 18 anos, o seu primeiro emprego, como bancário.

Na esquina da rua José Clemente funcionava o Café Sul América. Na esquina seguinte, já existia o majestoso edifício dos Correios e Telégrafos.



Adentrando a Rua José Clemente, encontrava-se a Pastelaria Imbuhy, que mantinha uma miniatura da barca desse nome, em constante movimento. Os estudantes costumavam ir lá, após as aulas para comer os deliciosos pastéis, feitos à vista dos fregueses. Lembro, ainda, de outras lojas antigas, muito importantes, situadas no centro de Niterói: Lojas Americanas, Casas Pernambucanas, Mesbla, Sandiz, Sears etc.

Entre os colégios localizados no centro, destaco o Liceu Nilo Peçanha, no qual terminei o curso Ginásial em 1947, e a Escola Normal, que concluí em 1950, assim como o Curso Científico (noturno). Nessa época, já existiam o Colégio Plínio Leite, o Grupo Escolar Raul Vidal, na rua Visconde do Rio Branco, e o Grupo Escolar Pinto Lima, no Jardim de São João (os dois últimos, que são escolas públicas estaduais, ainda funcionam nos mesmos locais).

Quanto aos cinemas do centro, cito: Rio Branco (antigo Coliseu), Eden, Odeon (depois Central) e Imperial (onde também funcionava um Hotel do mesmo nome). Cito o Teatro Municipal de Niterói, também, instalado num belo prédio da rua Quinze de Novembro.

Entre as igrejas havia: a de Nossa Senhora da Conceição, que fica no alto, com uma escadaria imensa. Nessa igreja, fiz minha

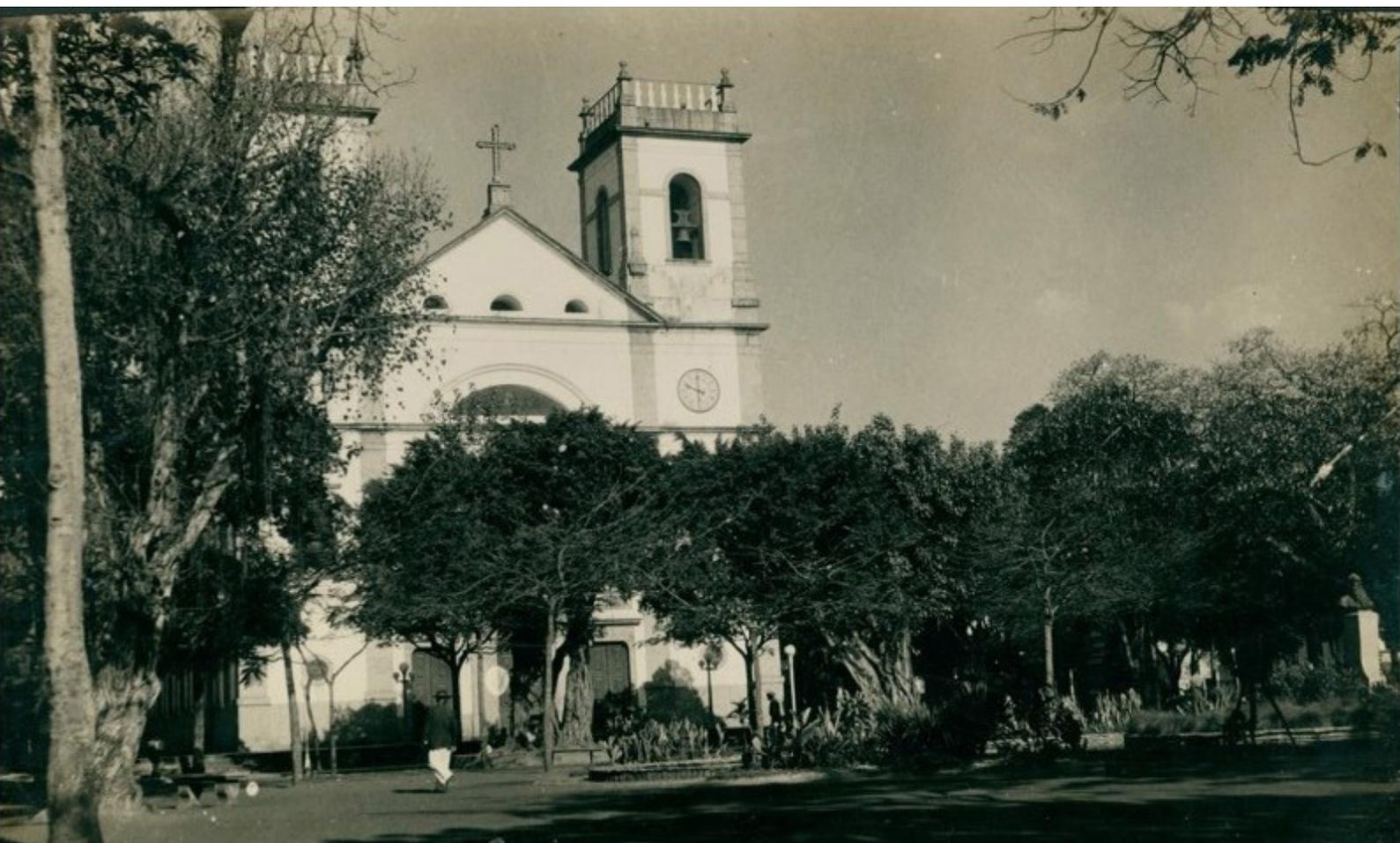
primeira comunhão, aos 10 anos de idade, em 1942 e participei de várias procissões vestida de anjo. Outra igreja, muito antiga, é a de São João, padroeiro da Cidade de Niterói. Nessa Igreja foi realizado o meu casamento com Eraldo Corrêa, no dia 30 de junho de 1956. Cito outra igreja no Centro – a de São Jorge, um pouco mais recente.

Lembrei-me, agora, de um local muito especial que merece citação: o antigo Mercado de Peixe, que ficava defronte à rua Marquês de Caxias. Era uma construção em madeira, um tanto rústica, acima do mar que circulava abaixo. Isso ocorreu antes do aterro Praia Grande. Havia uma calçadinha para os pedestres e, logo abaixo, viam-se as canoas dos pescadores ali enfileiradas.

Por ser o assunto muito extenso, deixarei para o próximo número da Revista a complementação desse tema, tão rico em detalhes, e que, creio, trará aos mais antigos saudosas recordações.

*O tempo se move em uma direção,
e a memória na outra*
William Gibson

Catedral São João Batista
Fonte: Biblioteca IBGE



OBRAS DOS ACADÊMICOS

O VERBO E A LIRA

Marcelo Câmara

COMISSÃO DE REDAÇÃO

Coletânea de 42 poemas escritos no período de 1966 a 1989 pelo Acadêmico Marcelo Câmara (Cadeira nº 37, Classe de Letras), *O Verbo e a Lira* (2021) é o 11º livro do jornalista, escritor, consultor cultural e empresarial, que desde 2001 publica seus trabalhos em diversas áreas da Cultura pela Editora Mauad.

A apresentação é do poeta, ensaísta e professor Jayro José Xavier, que, já em 1973, escrevia sobre a poesia de Marcelo Câmara:

Esta é uma poesia que se preza de suas origens e de sua função. Uma poesia marcada, de um lado, por um forte sentimento do mundo e, de outro, por um domínio quase absoluto do verbo – domínio que, não sendo absoluto, já o revela, ao poeta, consciente de seu ofício, o árduo e enganoso ofício de encantar palavras.

Em 2021, Jayro retoma a sua análise, fazendo um contraponto entre o autor e Carlos Drummond de Andrade:

Da leitura dos agora quase 50 poemas de seu livro ressaltam duas coisas. A primeira é a justeza do título. O poeta tem consciência disso e o revela numa epígrafe: "O Verbo me anuncia / feliz e menor. / A razão é a Lira". (...) A segunda decorre em parte da primeira. Na contramão de Drummond, o poeta de Nudez – que escreve, desnudando-se: "Não cantarei amores que não tenho / e, quando tive, nunca celebrei" –, Marcelo se mostra, predominantemente, um lírico amoroso. Sua matéria é o Amor (assim mesmo com maiúscula), não o "nada" do poeta mineiro. (...) De resto, ninguém melhor que Marcelo para falar de poesia. De sua poesia (que é linguagem, mas também metalinguagem). É o que ele faz, ao destacar como pórtico de seu livro (...) Ali se lê que poesia é, dialeticamente:

medeia de cabelos sufocantes
guilhotina
de
flores

Lançado sob o selo *Mais Histórias*, com 119 páginas, capa e projeto gráfico da designer Marcela Petersen, *O Verbo e a Lira* está disponível nas versões impressa e digital, em livrarias físicas e plataformas de internet.



AUTORES DESTE
NÚMERO



ALBA HELENA CORRÊA

Acadêmica Titular da
Cadeira nº 13
Classe de Letras

Pedagoga – Faculdade Fluminense de Filosofia, pós-graduada em Orientação Educacional – Faculdade Nacional de Filosofia. Mestre em Educação – UFF. Trovadora, sonetista, cordelista, haicaísta, cronista, contista, biógrafa, ensaísta e declamadora diplomada. Colaboradora do jornal *Unidade* e da *Universidade Aberta da Terceira Idade*. Membro das Academias Brasileiras de Literatura de Cordel e de Trovas, e membro correspondente das Academias Itaperunense de Letras e Cachoeirense de Letras. Vice-presidente da União Brasileira de Trovadores / Seção Niterói. Integrante dos *Escritores ao Ar Livro* e do *Calçadão da Cultura*.

Diferenças culturais não deveriam nos separar um do outro; ao invés disso, a diversidade cultural traz uma força coletiva que pode beneficiar toda a humanidade.

Robert Alan



CÉLIO ERTHAL ROCHA

Acadêmico Titular da
Cadeira nº 27
Classe de Letras

Jornalista, escritor, advogado e defensor público aposentado. Formou-se na Faculdade de Direito da UFF. Foi apresentador do *Grande Jornal Fluminense*, transmitido pelas Rádios *Tamoio* e *Jornal do Brasil*; repórter do jornal *O Fluminense*, no qual chefiou o Departamento de Relações Públicas; assessor de Comunicação Social do Governo do Estado do Rio de Janeiro e assessor da Procuradoria Geral de Justiça. Exerceu o mandato de deputado estadual. Autor de artigos, crônicas e dos livros: *Jornalismo, política e outras paragens* e *Um olhar sobre o Ministério Público Fluminense*.



ENEIDA FORTUNA BARROS

Acadêmica Titular da
Cadeira nº 19
Classe de Letras

Vice-presidente da AFL 2014-2016 e 2016-2018. Livre-docente em Teoria Literária, UFF. Mestrado em Teoria Literária, UFRJ. Formada em Línguas Neolatinas, UERJ. Professora de Teoria Literária da UFF, até aposentar-se; e da FANELT/Associação Plínio Leite. Chefe do Departamento de Literatura (1975) e membro do Colegiado do Instituto de Letras da UFF. Autora da tese *A escrita em processo*; da dissertação *Literalidade/Literariedade: reflexão sobre a tentativa de ultrapassagem do texto metafísico*; do trabalho de pesquisa intitulado *Dimensões do texto*; do livro *Registros de memória: momentos da prática acadêmica*; e de artigos em jornais e revistas literárias.

Os nossos conhecimentos são a reunião do raciocínio e experiência de numerosas mentes.

Ralph Emerson



JOSÉ ALVES

PINHEIRO JUNIOR

Acadêmico Titular da
Cadeira nº 11
Classe de Ciências Sociais

Formou-se em Comunicação e Jornalismo pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (UFRJ), onde dirigiu o jornal *Reflexão*. Trabalhou nos jornais *Última Hora*, *O Globo*, *Crítica de Manaus*, *Correio da Manhã*, *O Fluminense*, *O Jornal*, *O Dia* e *Tribuna da Imprensa*, nas TVs *Globo*, *Educativa* e *Rio*, e nas rádios *Jornal do Brasil*, *Mayrink Veiga* e *MEC*. Atualmente editor freelancer da Auracom Assessoria de Comunicações, publicou os livros *A Última Hora*, *Bombom Ladrão*, *Mefibosete e outros absurdos*, *Aventuras dos meninos Lucas Pinheiro*, *Esquadrão da Morte*, *Voo de Ícaro*, *A Febre de Notícias ao Entardecer*.



JOTA CARINO
Acadêmico Titular da
Cadeira nº 20
Classe de Letras

Professor, escritor e poeta. Graduado em Sociologia pela UFF; mestrado pelo Instituto de Estudos Avançados em Educação da Fundação Getúlio Vargas; doutorado em Filosofia da Educação pela UFRJ. Professor adjunto aposentado da UERJ. Na área da Literatura e da Poesia, publicou: *Olhando a cidade e outros olhares* (2004), crônicas; *Fios tênues*; e *Eu, a crônica e Poesia... porque sim*. Tem, ainda, extensa produção divulgada na Internet, especialmente crônicas, além de contos e poesias. Premiado com o 1º lugar na categoria Crônicas no Concurso Literário da AFL 2018. Dedicou-se, ainda, a atividades de fotografia, desenho, canto em serestas e culinária. Realiza pesquisas sobre música popular brasileira.

Aprender a ler é acender um fogo; cada sílaba soletrada é uma centelha.
Victor Hugo



LUCIA MARIA BARBOSA ROMEU
Acadêmica Titular da
Cadeira nº 10
Classe de Letras

Integrou conjunto musical folclórico enquanto estudante do Colégio São Vicente de Paulo, com disco gravado contendo músicas de sua autoria. Formada em Letras pela UFF, onde lecionou Literatura Norte-Americana por 25 anos. Mestrado em Língua Inglesa, com aperfeiçoamento na Universidade de Maryland, EUA. Participa do programa "Companheiros das Américas", de intercâmbio cultural entre EUA e Brasil. Poeta e cronista, com 13 livros publicados, sendo um bilíngue. Escultora, com trabalhos em bronze, acrílico e terracota, com prêmios em exposições no Clube Naval do Rio de Janeiro. Violinista da Orquestra de Câmara de Niterói.



LUIZ FELIZARDO BARROSO
Acadêmico Titular da
Cadeira nº 4
Classe de Letras

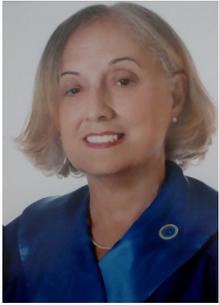
Ph.D., doutor em Ciências Jurídicas e Sociais, professor jubilado em Direito Comercial – UFRJ. Membro dos Institutos dos Advogados Brasileiros e do Distrito Federal e do Fórum Permanente de Direito Empresarial da Escola de Magistratura/RJ. Conselheiro da Federação Interamericana de Advogados; membro do Tribunal de Ética e Disciplina OAB/RJ; procurador aposentado do Banco do Brasil; titular da Advocacia Felizardo Barroso & Associados; presidente da Cobart Gestão de Ativos e Participações; consultor/instrutor do SEBRAE/RJ. Autor e coautor de diversas obras de cunho jurídico. Diplomado pela Escola Superior de Guerra – ESG.

Não é verdade que temos apenas uma vida para viver; se podemos ler, podemos viver muitas vidas mais, de quantos tipos desejarmos.
S. I. Hayakawa



MÁRCIA MARIA DE JESUS PESSANHA
Acadêmica Titular da
Cadeira nº 6
Classe de Letras

Formada em Letras Português/Francês, mestrado e doutorado em Literatura pela UFF. Primeira mulher a presidir as Academias Guanabarina e Niteroiense de Letras e o Cenáculo Fluminense de História e Letras. Autora de: *Borboletando e Fatias do viver*; *Casimiro de Abreu: o poeta das Primaveras*; *Interfaces da cotidianidade no romance Léonora*; *Quarto de despejo de Carolina de Jesus*; *A Literatura Brasileira e o papel do autor/personagens negros*; *Conceitos de Literatura e Cultura*; *O Memorialismo Epistolar* e vários outros.



**MARIA DO CARMO
SOARES CORDEIRO**
Acadêmica Titular da
Cadeira nº 9
Classe de Letras

Bibliotecária, professora, escritora e poetisa. Bacharel em Biblioteconomia e Documentação, UFF. Trabalhou na Biblioteca Pública Estadual de Niterói. Organizou o acervo da Casa da Cultura e respondeu pelo Departamento de Cultura de Rio Bonito. Publicou *Como foi que um rio bonito transformou-se numa cidade sorriso; Jardim de sonhos; Duque de Caxias, 22: o endereço da felicidade; Como somos: o rio-bonitense tal qual ele é; Ao pé da serra: um paraíso* (colaboração). Compôs a Oração de Graças pelo Centenário da Academia Fluminense de Letras.

Existem histórias mais antigas do que a maioria dos países, contos que sobreviveram às culturas de onde surgiram e aos edifícios onde foram contados pela primeira vez.
Neil Gaiman



**MATILDE CARONE
SLAIBI CONTI**
Acadêmica Titular da
Cadeira nº 5
Classe de Ciências Sociais

Cirurgiã-dentista, Universidade Federal Juiz de Fora. Especialização Saúde Coletiva, Escola de Saúde Pública. Advogada militante, formada em Direito, Universidade Cândido Mendes. Doutora e pós-doutora em Ciências Jurídicas e Sociais, UMSA, Buenos Aires. Professora titular de Direito da Universidade Salgado de Oliveira. Professora de pós-graduação, Universidades Estácio de Sá, Plínio Leite, Salgado de Oliveira; e professora conferencista das Escolas de Magistratura RJ e Federal. Psicanalista, Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil, e especialista em Psicossomática, UFF. Bacharel e licenciada em História. Especialização em Artes Plásticas, Universidade La Salle, com exposições em vários países.



NAGIB SLAIB FILHO
Acadêmico Titular da
Cadeira nº 8
Classe de Ciências Sociais

Doutor em Direito Público. Desembargador do Tribunal de Justiça / RJ, onde preside a Sexta Câmara Cível; membro efetivo do Órgão Especial da Corte de Justiça. Diretor-geral da Escola Nacional Superior do Instituto dos Magistrados do Brasil. Professor da Escola da Magistratura / RJ, onde preside o Fórum Permanente da Justiça na Era Judicial. Membro do Conselho Editorial da Revista da Escola Superior da Magistratura / SC. Professor titular da Universidade Salgado de Oliveira. Membro efetivo das Academias Niteroiense e Riobranquense de Letras e do Cenáculo Fluminense de História e Letras. Membro honorário do Instituto Histórico e Geográfico de Niterói. Conferencista e autor de vários livros e artigos jurídicos.

A Ciência é feita de erros, mas esses erros são úteis, porque eles pouco a pouco nos guiam até a verdade.
Júlio Verne



NEIDE BARROS RÊGO
Acadêmica Titular da
Cadeira nº 11
Classe de Belas-Artes

Professora. Tradutora. Fundou o Centro Cultural Maria Sabina, onde ensina Arte de Dizer e realiza eventos culturais. Publicou *Revelação* e *Água Escondida* (antologia que reuniu 234 poetas niteroienses). Membro vitalício da Associação Universal de Esperanto. Com Sylla Chaves, organizou as antologias: *Brazila Esperanta Parnaso* e *Poesias escolhidas do Brazila Esperanta Parnaso* (bilíngue). Tem poesias em 140 antologias. Faz parte do Grupo Nuance, de Arte de Dizer. Gravou DVDs e CDs. Intérprete e autora premiada em concursos de poesias no Brasil, na Bulgária, Holanda, Rússia e Itália.



WALDENIR DE BRAGANÇA

Acadêmico Titular da
Cadeira nº 29
Classe de Letras

Médico, professor, advogado, jornalista. Foi secretário municipal de Saúde, deputado estadual e prefeito de Niterói. Preside a Academia Fluminense de Letras, a Universidade Aberta da Terceira Idade e a UBT-Niterói. Presidiu a Federação Brasileira de Academias de Medicina e a Academia Brasileira Rotária de Letras. Membro honorário da Academia Nacional de Medicina. Autor dos livros *Terceiridade e Marketing Social: relevância e resultados*; das publicações *Origem do ensino médico no Brasil em 1808 e panorama atual das escolas médicas*, *O direito do idoso e a realidade*, *O Brasil na Organização Mundial de Saúde e Direito Médico – Direito Médico-Social*. Coautor da obra *Aborto e o direito à vida* (Prêmio Genival Londres/ANM).

Que os livros e a leitura sejam incentivados como instrumento insubstituível para a cultura ética, a educação, o saber transformador de vidas, para melhoria da convivência e integração social, através de subsídios governamentais para a edição de livros, sobretudo os voltados para estimular esta ferramenta básica para o desenvolvimento cognitivo infantil e a futura caminhada nos estudos, facilitando o acesso aos livros
(Recomendação nº 11 da Carta de Educação, Cultura e Ética de Niterói)

Conservatório de Música de Niterói
Foto: Acadêmico Antônio Machado



NOMINATA

CLASSE DE LETRAS

CADEIRA 01

Patrono: Alberto Silva
 Fundador: Salomão Cruz
 Ocupantes: Hélio Nogueira, Élio Monnerat Solon de Pontes
 Membro atual: Alexandre Gazé (Alexandre Gazé Filho)

CADEIRA 02

Patrono: Alberto de Oliveira
 Fundador: Antônio Lamego
 Ocupantes: Phocion Serpa, Walfrido Faria, Maria da Conceição Pires de Melo
 Membro atual: Waldeck Carneiro (Waldeck Carneiro da Silva)

CADEIRA 03

Patrono: Alberto Torres
 Fundador: Carlos Maul
 Ocupantes: Luiz Magalhães
 Membro atual: José Raymundo Martins Romeo

CADEIRA 04

Patrono: Alcindo Guanabara
 Fundador: Alceste Fróes
 Ocupantes: Alfredo Cumplido de Sant'Ana, Enéas Marzano
 Membro atual: Luiz Felizardo Barroso

CADEIRA 05

Patrono: Andrade Figueira
 Fundador: Henrique Castrioto
 Ocupantes: Abel Sauerbronn de Azevedo Magalhães, Edmo Rodrigues Lutterbach
 Membro atual: Franci Machado Darigo

CADEIRA 06

Patrono: Antônio Aguiar
 Fundador: Jônatas Botelho
 Ocupantes: Ramon Alonso, Mario Ritter Nunes
 Membro atual: Márcia Pessanha (Márcia Maria de Jesus Pessanha)

CADEIRA 07

Patrono: Azeredo Coutinho (Bispo)
 Fundador: Olímpio de Castro
 Ocupantes: Arnaldo Nunes, Antônio Carlos da Rocha Villaça
 Membro atual: Marcus Antônio de Souza Faver

CADEIRA 08

Patrono: Azevedo Cruz
 Fundador: Homero Pinho
 Ocupantes: Jacy Pacheco, Paulo Campos, Herval de Souza Tavares, Waldir Pinto de Carvalho
 Membro atual: Eduardo Antônio Klausner

CADEIRA 09

Patrono: B. Lopes
 Fundador: Olavo Bastos
 Ocupantes: Maurício de Lacerda, Lyad de Almeida, Leir de Souza Moraes
 Membro atual: Maria do Carmo Cordeiro

CADEIRA 10

Patrono: Belisário Augusto
 Fundador: Epaminondas de Carvalho
 Ocupantes: Paulino Neto, José Antônio Soares de Souza, Hilton Massa
 Membro atual: Lúcia Romeu (Lúcia Maria Barbosa Romeu)

CADEIRA 11

Patrono: Benjamin Constant
 Fundador: Ricardo Barbosa
 Ocupantes: Oscar Fontenelle, Dayl de Almeida, Etacyr Guimarães de Campos
 Membro atual: Fernando Gama (Fernando Gama de Miranda Netto)

CADEIRA 12

Patrono: Carlos de Lacerda
 Fundador: Tomé Guimarães
 Ocupantes: Geraldo Montedônio Bezerra de Menezes
 Membro atual: Cleber Francisco Alves

CADEIRA 13

Patrono: Casimiro de Abreu
 Fundador: Altino Pires
 Ocupantes: Vilmar de Abreu Lassance
 Membro atual: Alba Helena Corrêa

CADEIRA 14

Patrono: Castro Menezes
 Fundador: Creso Braga
 Ocupantes: Marcos Almir Madeira
 Membro atual: João Batista Thomaz

CADEIRA 15

Patrono: Duque de Caxias
 Fundador: Soares Filho
 Ocupantes: Oswaldo Paixão, Henrique Glória Serpa Pinto
 Membro atual: Mirian Paura Sabrosa Zippin Grinspun

CADEIRA 16

Patrono: Euclides da Cunha
 Fundador: Cortes Junior
 Ocupantes: Vasconcelos Torres
 Membro atual: Cybelle Moreira de Ipanema

CADEIRA 17

Patrono: Ezequiel Freire
 Fundador: Manuel Duarte
 Ocupantes: Elói Pontes, Mário Newton Filho, José Newton de Almeida Baptista Pereira (Arcebispo)
 Membro atual: Cláudia Cataldi

CADEIRA 18

Patrono: Fagundes Varela
 Fundador: Emílio Kemp
 Ocupantes: Luiz Reid
 Membro atual: Luiz Carlos Silva Lessa

CADEIRA 19

Patrono: Felisberto de Carvalho
 Fundador: Quaresma Júnior
 Ocupantes: Agenor de Roure, L.F. Carpenter, Albertina

Fortuna

Membro atual: Eneida Fortuna Barros

CADEIRA 20

Patrono: Firmino Silva

Fundador: Eugênio Cordeiro

Membro atual: Jota Carino (Jonaedson Carino)

CADEIRA 21

Patrono: Francisco de Lemos (Bispo)

Fundador: Serpa Pinto

Ocupantes: Ismael de Lima Coutinho, Maria Alice Barroso, Elídio Robaina (Monsenhor)

Membro atual: Vaga

CADEIRA 22

Patrono: Guilherme Briggs

Fundador: Edmundo March

Ocupantes: Sylvio Figueiredo, Mário Duarte Monteiro

Membro atual: Maximiano de Carvalho e Silva

CADEIRA 23

Patrono: Joaquim Manuel de Macedo

Fundador: Armando Negreiros

Ocupantes: Leopoldo Teixeira Leite Filho, Xavier Placer, Hélio Alonso

Membro atual: Peterson Barroso Simão

CADEIRA 24

Patrono: José do Patrocínio

Fundador: Levi Fernandes Carneiro

Ocupantes: Tarcísio Meireles Padilha

Membro atual: Vaga

CADEIRA 25

Patrono: Júlio Maria (Padre)

Fundador: J. Demorais

Ocupantes: Nelson Rangel, Newton Perissé Duarte, Lourenço Luiz Lacombe, Roberto dos Santos Almeida

Membro atual: Vaga

CADEIRA 26

Patrono: Lúcio de Mendonça

Fundador: Ildefonso Falcão

Ocupantes: Sávio Soares de Sousa

Membro atual: Vaga

CADEIRA 27

Patrono: Luiz Pistarini

Fundador: Gomes Leite

Ocupantes: Alberto Lamego, Alberto Torres

Membro atual: Erthal Rocha (Célio Erthal Rocha)

CADEIRA 28

Patrono: Macedo Soares (Conselheiro)

Fundador: Júlio Salusse

Ocupantes: Toledo Piza, Romeu Silva, Lourival Ribeiro

Membro atual: Maria Beltrão (Maria da Conceição de Moraes Coutinho Beltrão)

CADEIRA 29

Patrono: Manuel Carneiro

Fundador: Múcio Paixão

Ocupantes: Teófilo Guimarães, Hamilton Nogueira

Membro atual: Waldenir de Bragança

CADEIRA 30

Patrono: Martins Teixeira

Fundador: Alfredo Rangel

Ocupantes: Luiz Lamego, Amélia Tomás, Vera de Vives

Membro atual: Leslie Aloán (Leslie de Albuquerque Aloán)

CADEIRA 31

Patrono: Paulo da Silva Araújo

Fundador: Castro Menezes

Ocupantes: J.E. da Silva Araújo, Francisco Pimentel, Raul de Oliveira Rodrigues

Membro atual: Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro

CADEIRA 32

Patrono: Pedro Luiz

Fundador: Belisário de Souza

Ocupantes: Kleber de Sá Carvalho, Emmanuel de Macedo Soares

Membro atual: Vaga

CADEIRA 33

Patrono: Pedro II

Fundador: Alberto Fortes

Ocupantes: Magalhães Gomes, Dulcydides de Toledo Piza

Membro atual: Wainer da Silveira e Silva

CADEIRA 34

Patrono: Pereira da Silva (Conselheiro)

Fundador: Honório Silvestre

Ocupantes: Thiers Martins Moreira, Celso Kelly, Walter Di Biase

Membro atual: Regina Coeli Vieira da Silveira e Silva

CADEIRA 35

Patrono: Quintino Bocaiúva

Fundador: Horácio Campos

Ocupantes: Nelson Rebel, Artur de Almeida Torres

Membro atual: Fátima Cunha Ferreira Pinto

CADEIRA 36

Patrono: Raja Gabaglia

Fundador: Henrique de Araújo

Ocupantes: Everardo Backheuser, Brigido Tinoco, Waldyr Jansen de Mello

Membro atual: Vaga

CADEIRA 37

Patrono: Raul Pompeia

Fundador: Adelino Magalhães

Ocupantes: Alípio Mendes, Luiz Calheiros Cruz

Membro atual: Marcelo Câmara (Marcelo Nóbrega da Câmara Torres)

CADEIRA 38

Patrono: Saldanha da Gama

Fundador: Lacerda Nogueira

Ocupantes: Godofredo Tinoco, Ayrton Pinto Ribeiro, Alberto Valle

Membro atual: Luiz de Albuquerque (Luiz Carlos de

Albuquerque Santos)

CADEIRA 39

Patrono: Salvador de Mendonça

Fundador: Sena Campos

Ocupantes: Henrique Lagden, Valfredo Martins, José Geraldo Pires de Mello

Membro atual: Flávio Chame Barreto

CADEIRA 40

Patrono: Silva Jardim

Fundador: Olavo Guerra

Ocupantes: Mauricio de Medeiros, João Rodrigues de Oliveira, José Alfredo de Andrade

Membro atual: Rogério Devisate

CADEIRA 41

Patrono: Silva Marques

Fundador: Eurípedes Ribeiro

Membro atual: Marco Lucchesi (Marco Americo Lucchesi)

CADEIRA 42

Patrono: Soares de Souza Júnior

Fundador: Martins Teixeira Júnior

Ocupantes: Alberto Ribeiro Lamego, Togo de Barros

Membro atual: Sara Rifer (Jussara Ribeiro de Souza Ferreira)

CADEIRA 43

Patrono: Teixeira de Melo

Fundador: Ernesto Paixão

Ocupantes: Arthur Nunes da Silva, Heitor Gurgel, José Inaldo Alves Alonso

Membro atual: Vaga

CADEIRA 44

Patrono: Teixeira e Souza

Fundador: Osório Dutra

Ocupantes: José Cândido de Carvalho, Hervê Salgado Rodrigues, Milton Nunes Loureiro

Membro atual: Marcello Cerqueira (Marcello Augusto Diniz Cerqueira)

CADEIRA 45

Patrono: Visconde de Araguaia

Fundador: Joaquim Peixoto

Ocupantes: Prado Kelly, Alaor Eduardo Scisínio, Kleber Leite (Sebastião Kleber da Rocha Leite)

Membro atual: Vaga

CADEIRA 46

Patrono: Visconde de Beaurepaire Rohan

Fundador: Antônio Figueira de Almeida

Ocupantes: Alves Cerqueira, Renato de Lacerda, Luis Antônio Pimentel

Membro atual: Andréa Caldas (Andréa Christina Silva Panaro Caldas)

CADEIRA 47

Patrono: Visconde de Itaboraí

Fundador: Oliveira Viana (Francisco José de Oliveira Viana)

Ocupantes: Sabóia Lima, Alcydes Machado Gonçalves, Angelo Longo

Membro atual: Sandro Pereira Rebel

CADEIRA 48

Patrono: Visconde de Sepetiba

Fundador: Melquíades Picanço

Ocupantes: Macário Picanço, Aloysio Tavares Picanço

Membro atual: Lúcio Picanço Facci

CADEIRA 49

Patrono: Feliciano Sodré

Fundador: José Mauro Haddad

CADEIRA 50

Patrono: Ary Parreiras (Almirante)

Fundador: Alexandre Chini (Alexandre Chini Neto)

CLASSE DE BELAS ARTES

CADEIRA 01

Patrono: Acácia Brazil de Mello

Fundador: Dalka Azevedo (Dalka Lima Coutinho de Azevedo)

Membro atual: Vaga

CADEIRA 02

Patrono: Affonso Gonçalves Reis

Fundador: Maestro Bernardo (José Bernardo de Souza)

Membro atual: Vaga

CADEIRA 03

Patrono: Alcyr Pires Vermelho

Fundador: Deila Scharra (Deila Maria Ferreira Scharra)

CADEIRA 04

Patrono: Chiquinha Gonzaga

Fundador: Lúcia Motta (Lúcia Regina Antunes da Motta)

CADEIRA 05

Patrono: Francisco Mignone

Fundador: Leda Mendes Jorge (Leda Mendes Jorge Aidar)

CADEIRA 06

Patrono: Israel Pedrosa

Fundador: Robert Preis

Membro atual: Luiz Alberto Barbosa Romeu

CADEIRA 07

Patrono: Jayme Moreira de Luna

Fundador: Antônio Machado (Antônio Alberto Carvalho Machado)

CADEIRA 08

Patrono: Leopoldo Fróes

Fundador: Veronica Debellian Accetta

Membro atual: Gracinha Rego (Maria das Graças Alves de Azevedo Rego)

CADEIRA 09

Patrono: Lourenço Fernandes

Fundador: Magda Belloti (Magda Telles Loureiro Belloti)

CADEIRA 10
Patrono: Margarida Lopes de Almeida
Fundador: Maria Aparecida Barreto da Silva

CADEIRA 11
Patrono: Maria Sabina
Fundador: Neide Barros Rêgo

CADEIRA 12
Patrono: Noel Rosa
Fundador: Myrtis Ruschel Bergamaschi de Leoni Ramos

CADEIRA 13
Patrono: Raimunda Viana
Fundador: Maria de Carvalho Mendes

CADEIRA 14
Patrono: Silvio Vianna
Fundador: Marly Prates (Marly Soares Prates Lima)
Membro atual: Vaga

CADEIRA 15
Patrono: Villa-Lobos
Fundador: Therezinha de Maria Carvalho Pinto

CLASSE DE CIÊNCIAS

CADEIRA 01
Patrono: Américo Braga
Fundador: Aristeu Pessanha (Aristeu Pessanha Gonçalves)

CADEIRA 02
Patrono: Aurora de Afonso Costa
Membro atual: Vaga

CADEIRA 03
Patrono: Carlos Chagas
Fundador: Luiz Augusto de Freitas Pinheiro

CADEIRA 04
Patrono: Emilia de Jesus Ferreiro
Membro atual: Vaga

CADEIRA 05
Patrono: João da Silva Vizella
Fundador: Alcir Chácar (Alcir Vicente Visela Chácar)

CADEIRA 06
Patrono: Marcolino Candau
Fundador: Wanderley Francisoni Mendes
Membro atual: Vaga

CADEIRA 07
Patrono: Osvaldo Monteiro de Carvalho
Fundador: Alcides Pissinatti

CADEIRA 08
Patrono: Oswaldo Cruz
Fundador: Demócrito Jonathas de Azevedo

CADEIRA 09
Patrono: Ottílio Machado
Fundador: Salvador Borges Filho

CADEIRA 10
Patrono: Paulo Pimentel

Fundador: Cláudio Chaves (Cláudio do Carmo Chaves)

CADEIRA 11
Patrono: Roched Seba
Fundador: Cresus Vinicius Depes de Gouvêa

CADEIRA 12
Patrono: Rodolpho Albino
Membro atual: Vaga

CADEIRA 13
Patrono: Romero Cunha
Fundador: Guilherme Eurico Bastos Cunha
Membro atual: Vaga

CADEIRA 14
Patrono: Sylvio Pires de Mello
Fundador: Luiz Rogério Pires de Mello

CADEIRA 15
Patrono: Vital Brazil
Fundador: Antônio Werneck (Antônio Joaquim Werneck de Castro)

CLASSE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

CADEIRA 01
Patrono: José de Anchieta (Padre)
Fundador: Carlos Wehrs
Membro atual: Vaga

CADEIRA 02
Patrono: Darcy Ribeiro
Fundador: Luiz Augusto Erthal

CADEIRA 03
Patrono: João VI
Fundador: Francisco Tomasco de Albuquerque

CADEIRA 04
Patrono: Durval de Almeida Baptista Pereira
Fundador: Aidyl de Carvalho Preis

CADEIRA 05
Patrono: Emilio do Carmo
Fundador: Matilde Carone Slaibi Conti

CADEIRA 06
Patrono: Francisco Alves
Fundador: Aníbal Bragança (Aníbal Francisco Alves Bragança)
Membro Atual: Vaga

CADEIRA 07
Patrono: Hipólito José da Costa
Fundador: Mário Sousa (Mário José Fernandes Rodrigues de Sousa)

CADEIRA 08
Patrono: Jalmir Gonçalves da Fonte
Fundador: Nagib Slaibi Filho

CADEIRA 09
Patrono: João Brasil
Fundador: Clélio Erthal

CADEIRA 10

Patrono: José Bonifácio da Silva
Fundador: Sylvio Lago Jr. (Sylvio Pereira Lago Júnior)
Membro Atual: Vaga

CADEIRA 11
Patrono: José Clemente Pereira
Fundador: José Alves Pinheiro Júnior

CADEIRA 12
Patrono: Nina Rita Torres
Fundador: Haroldo Zager (Haroldo Zager Faria Tinoco)

CADEIRA 13
Patrono: Princesa Izabel
Fundador: Antônio Izaías da Costa Abreu
Membro Atual: Vaga

CADEIRA 14
Patrono: Teixeira de Freitas
Fundador: Edson Alvisi (Edson Alvisi Neves)

CADEIRA 15
Patrono: Violeta Campofiorito Saldanha da Gama
Fundador: Andréa Ladislau (Andréa Antônia Ladislau)

MEMBROS HONORÁRIOS

- 01 - Antonio Cláudio Lucas da Nóbrega
- 02 - Domício Proença Filho
- 03 - Pietro Novellino
- 04 - Roberto de Souza Salles



*Detalhe da fachada do prédio da Academia Fluminense de Letras e Biblioteca Pública Municipal, na Praça da República, 7, Centro de Niterói (projeto do arquiteto Pedro Campofiorito, parte integrante do conjunto arquitetônico da Praça da República)
Foto: Acadêmico Antônio Machado*





www.academiafluminensedeletras.com.br